



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**



Francis Vilela Rezende Souza

**MEMÓRIA DA PRÁTICA PIANÍSTICA EM VARGINHA –
MG: 1901 a 1987**

Orientadora: Profa. Dra. Carla Silva Reis

São João del-Rei - MG

2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA**



Francis Vilela Rezende Souza

**MEMÓRIA DA PRÁTICA PIANÍSTICA EM VARGINHA –
MG: 1901 a 1987**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial à obtenção do título de mestre.

Área de concentração: Performance Musical

Orientadora: Profa. Dra. Carla Silva Reis

São João del-Rei - MG

2024

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S699m Souza, Francis Vilela Rezende Souza.
MEMÓRIA DA PRÁTICA PIANÍSTICA EM VARGINHA - MG:
1901 a 1987 / Francis Vilela Rezende Souza Souza ;
orientadora Carla Silva Reis Reis. -- São João del
Rei, 2024.
133 p.

Dissertação (Mestrado - Música) -- Universidade
Federal de São João del-Rei, 2024.

1. Esta dissertação investiga a história da prática
do piano em Varginha, MG, com foco no período de 1901
a 1987, visando trazer à tona documentos e relatos
sobre as práticas pianísticas e traçar um panorama da
evolução musical da cidade.. I. Reis, Carla Silva
reis, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA



ATA DE DEFESA DISSERTAÇÃO MESTRADO

Reuniram-se em 23 de agosto de 2024, às 14:00, por meio de videoconferência, os Professores Carla Silva Reis (UFSJ), presidente, Myrian Ribeiro Aubin (UFMG), Bruno Soares Santos (UFSJ), titulares, e Modesto Flávio Chagas Fonseca (UFSJ), suplente, para o Exame de Defesa do mestrando Francis Vilela Rezende Souza que apresentou a pesquisa “MEMÓRIA DA PERFORMANCE E DO ENSINO DO PIANO NA CIDADE DE VARGINHA-MG”. Após a apresentação, a banca deliberou e considerou o trabalho aprovado, com o seguinte parecer: o trabalho apresenta importantes contribuições para a área e o mestrando deverá acatar as sugestões trazidas pelos membros da banca. Por ser verdade, firmo a presente, que vai por mim assinada e pelos demais membros titulares da banca.

São João del-Rei, 23 de agosto de 2024.

Documento assinado digitalmente
 **CARLA SILVA REIS**
Data: 30/08/2024 14:12:07-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^a. Dr^a Carla Silva Reis (UFSJ)

Documento assinado digitalmente
 **MYRIAN RIBEIRO AUBIN**
Data: 01/09/2024 11:15:30-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof^a. Dr^a Myrian Ribeiro Aubin (UFMG)

Documento assinado digitalmente
 **BRUNO SOARES SANTOS**
Data: 02/09/2024 15:56:18-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Bruno Soares Santos (UFSJ)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de meus pais, Francisco Assis de Souza e Marilda Villela Rezende Souza. Este trabalho é uma pequena retribuição a todo o amor e cuidado que me deram ao longo de minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta dissertação, gostaria de expressar minha mais sincera gratidão a todas as pessoas e instituições que tornaram este projeto possível. Sem o apoio e a colaboração de cada um de vocês, a realização deste trabalho não teria sido viável.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora, Doutora Carla Silva Reis, pelos ensinamentos e pela orientação ao longo de toda a pesquisa. Minha gratidão se estende também à banca examinadora, composta pela Doutora e professora Myrian Ribeiro Aubin (UFMG), e pelos Doutores Bruno Santos e Modesto Flávio (UFSJ), pelas valiosas contribuições e pela análise crítica deste trabalho.

À Universidade Federal de São João del-Rei, meu profundo agradecimento pelo ambiente acadêmico, pelos recursos oferecidos e pelos amigos que fiz, que foram essenciais para o sucesso desta pesquisa.

A toda minha família, meu mais sincero agradecimento pelo amor e apoio constantes ao longo da minha vida. Em especial, agradeço à minha irmã, Maysa Fernanda Villela Resende Souza, por ser uma fonte de inspiração e por todo o amor e suporte que sempre me ofereceu. Minha gratidão vai também à minha amiga e namorada, Jéssica Rodrigues, pela companhia, apoio incondicional, suporte técnico em powerpoints e carinho durante toda essa jornada.

A todos meus amigos, meu profundo agradecimento por estarem ao meu lado durante este percurso. Destaco Helcio Baroni, Rossini Ferrari, Jeferson Bertoldo e Rafael Ribeiro, estes amigos e companheiros de palco que me inspiraram artisticamente. Agradeço também ao tecladista Edgard Brito, ao violonista Rafael Ávila, Silvia Regina e à Thaís Corcetti pela colaboração musical e pelo apoio.

Gostaria de reconhecer a contribuição significativa de Elvira Gomes, cuja posse de um acervo especial foi essencial para este trabalho. Agradeço também às minhas professoras de piano, Eldah Drummond e Cida Valle, por compartilharem fotos, documentos, informações sobre a história do piano em Varginha, e, principalmente, seus ensinamentos e amizade.

Sou grato à Rafael Sales pelos manuscritos de partituras de Marceliano Braga, e Viviane Diniz pelos documentos sobre a vida e obra de sua mãe, Adrienne Diniz Vallim. Agradeço ao pianista Flávio Augusto pela inspiração, e aos pianistas João Barolli e Reginaldo Rabelo por suas histórias empolgantes sobre o piano em Varginha.

Aos profissionais que colaboraram com a parte estrutural deste trabalho, meu sincero agradecimento à Renato Brito, Alderacy Pereira e novamente a Rafael Ribeiro, cujas contribuições foram inestimáveis.

Agradeço à Fundação Cultural de Varginha pela organização e disponibilização de documentos em seu site, e em especial Cláudio Martins, por me enviar muitos documentos importantes. Agradeço também à José Roberto Sales, psicólogo, historiador e escritor de inúmeros livros que se tornou um grande amigo e compartilhou seu vasto conhecimento sobre a história de Varginha.

Ao Conservatório de Varginha, expresso minha gratidão pela oportunidade de licença de trabalho para a conclusão desta dissertação. Agradeço a todos os funcionários, que são de minha profunda estima, especialmente aos diretores Everton Lemes e Thiago Sias por fornecerem informações valiosas, e a todos os professores, em especial Roseane Ribeiro, Nara Raquel, Rosa Maria e Lívia Braga, por contribuírem para a realização de parte importante deste trabalho.

A todos vocês, meu mais sincero e profundo agradecimento. Este trabalho é o resultado não apenas do meu esforço, mas também do apoio e da inspiração que recebi ao longo dessa jornada.

RESUMO

Esta dissertação investiga a história da prática do piano em Varginha, MG, com foco no período de 1901 a 1987, visando trazer à tona documentos e relatos sobre as práticas pianísticas e traçar um panorama da evolução musical da cidade. A metodologia adotada inclui um levantamento de documentos como livros, jornais, programas de recitais, fotos etc, associado à entrevistas semi-estruturadas. O primeiro capítulo contextualiza a prática e o ensino do piano no Brasil, abordando algumas transformações e tendências que moldaram a tradição pianística nacional. O segundo capítulo concentra-se em Varginha, explorando a trajetória de figuras marcantes da cena pianística local, como os músicos e professores Marceliano Braga e Cecílio Fernández, a poeta e musicóloga Oneyda Alvarenga, e a pianista Adrienne Diniz Vallim, além de suas alunas e outros nomes encontrados. O terceiro capítulo analisa instituições, espaços e eventos que foram fundamentais na promoção do piano na cidade, incluindo a Academia de Música Lorenzo Fernández e o Conservatório Estadual Maestro Marciliano Braga, bem como o Theatro Capitólio e outros. Esta pesquisa historiográfica, constata os papéis essenciais na formação e na transformação da tradição pianística em Varginha através dos personagens estudados, as instituições e espaços analisados.

Palavras-chave: Piano, História da Música, Varginha, Ensino Musical, Performance Musical.

ABSTRACT

This thesis investigates the history of piano performance in Varginha, MG, focusing on the period from 1901 to 1987, aiming to bring to light documents and reports on piano performance practices and provide an overview of the city's musical evolution. The methodology adopted includes archival research and semi-structured interviews. The first chapter contextualizes the practice and teaching of piano in Brazil, addressing some transformations and trends that shaped the national piano tradition. The second chapter focuses on Varginha, exploring the trajectory of notable figures in the local pianistic scenario, such as the musicians and teachers Marceliano Braga and Cecílio Fernández, the poet and musicologist Oneyda Alvarenga, and the pianist Adrienne Diniz Vallim, in addition to their students and other relevant names. This chapter highlights the contributions of these individuals to the development of musical culture in Varginha. The third chapter analyzes institutions, spaces and events that played crucial roles in promoting piano in the city, including the Lorenzo Fernández Music Academy and the Maestro Marciliano Braga State Conservatory, as well as the Theatro Capitólio. This historiographical research highlights the essential roles in the training and development of the piano tradition in Varginha through the characters studied, the institutions and the spaces analyzed.

Keywords: Piano, Music History, Varginha, Musical Education, Performance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPÍTULO 1: Notas sobre a prática e o ensino do piano no Brasil...	16
2. CAPÍTULO 2: O piano em Varginha (MG) e seus personagens	24
2.1 MARCELIANO BRAGA.....	26
2.2 CECÍLIO FERNÁNDEZ	31
2.3 ONEYDA ALVARENGA	38
2.4 ADRIENNE DINIZ VALLIM	43
2.5 OUTROS NOMES	54
2.6 AS ALUNAS DE ADRIENNE	62
3. CAPÍTULO 3: O piano em Varginha (MG): instituições, espaços e eventos.....	72
3.1 INSTITUIÇÕES	72
3.1.1 Escola de Música Santa Therezinha	72
3.1.2 Escola de música Santa Cecília.....	72
3.1.3 Academia de Música Lorenzo Fernández	74
3.1.4 Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga	76
3.2 ESPAÇOS.....	77
3.2.1 Sociedade Italiana de Beneficência 4 de Agosto	78
3.2.2 Teatro da Casa da Instrução	79
3.2.3 Teatro Municipal (Cineteatro Íris)	80
3.2.4 Theatro Capitólio	82
3.2.5 Clube de Varginha.....	87
3.2.6 Rotary Club de Varginha.....	89
3.2.7 Colégio Santos Anjos	90
3.2.8 Colégio Marista.....	91
3.2.9 Colégio Coração de Jesus.....	91
3.2.10 Associação Médica de Varginha.....	92
3.3 EVENTOS	92

	3.3.1 Concursos Estímulo de Piano Lorenzo Fernández	104
4	CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	110
5	REFERÊNCIAS	112
6	APÊNDICES	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Assinatura do Maestro Marceliano Braga no manuscrito do maxixe <i>Da Moda</i>	26
Figura 2: Nome do Mestro Marceliano Braga no dobrado <i>Gonçalves Dias</i>	27
Figura 3: Assinaturas de Marceliano Braga na valsa <i>Lembrança de Ayuruoca</i>	28
Figura 4: Banda Santa Cruz – Marceliano Braga ao Centro	29
Figura 5: Marceliano Braga	31
Figura 6: Programa do evento 1º. Recital e Uma Noite de Valsa	32
Figura 7: Grande Festival Villa-Lobos – Colégio Coração de Jesus em 06/04/1962 Terezinha Oliveira Reis, Cecílio Guilherme Fernández, Léa Silva Soares e Adrienne Diniz Vallim	33
Figura 8: Capa da partitura de <i>La Maja de Antifaz</i> , de Cecílio Guilherme Fernández	34
Figura 9: Manuscrito de <i>La Maja de Antifaz</i> , de Cecílio Guilherme Fernández	34
Figura 10: Disco da música <i>Evocação</i> , de Cecílio Guilherme Fernández, interpretado por José Bento Reis	35
Figura 11: Cecílio Guilherme Fernández e José Bento Reis 36	36
Figura 12: Cecílio Guilherme Fernández como diretor artístico das rádios de Varginha	38
Figura 13: Retrato de Formatura de Oneyda pelo Conservatório em 1934	41
Figura 14: Partitura da música <i>Doçura de Manhãzinha Fresca</i> , música de Francisco Mignone dedicada à Oneyda Alvarenga	42
Figura 15: Grupo de Estudos de História da Música. Da esquerda para Direita, Carlos Ostronoff, Sonia Stermann, Oneyda Alvarenga, Mário de Andrade e Climene de Carvalho, em 1934	43
Figura 16: Nota sobre Adrienne em <i>Noite da Valsa</i> de 1946	44
Figura 17: Retrato de Formatura de Adrienne Diniz em 1955	45
Figura 18: Adrienne e as Alunas 1964 Isabel Albuquerque, Myrian Prince, Adrienne Diniz, Elvira Gomes, Ligia Paiva e Dalva Resende	46
Figura 19: Adrienne e as alunas: Myrian Reis, Rosa Maria Alves, Dalva Resende, Adrienne Diniz, Ângela Inês e Eldah Drummond	47
Figura 20: Recital de Adrienne Diniz na <i>Noite da Arte</i> no Theatro Capitólio em 1957	50
Figura 21: Recital de Adrienne Diniz no Colégio Santos Anjos em 1967 (SP)	50
Figura 22: Caderno do Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández – Adrienne Patrona do concurso (1987)	52

Figura 23: Caderno do Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández –	
Adrienne Presidente do juri (1987)	52
Figura 24: Cinema Brasil em 1909	56
Figura 25: Família Braga (1920)	57
Figura 26: Audição dos alunos de Carmelita Braga em 1937	58
Figura 27: Programa da audição dos alunos de Carmelita Braga	58
Figura 28: Programa da audição dos alunos de Arnaldo Amarante	59
Figura 29: Orquestra do Theatro Capitólio de 1927	60
Figura 30: Nota do jornal O Sul-Mineiro, dia 18 de janeiro de 1945 de Arnaldo Amarante .	61
Figura 31: Comemoração dos 25 anos da Academia Lorenzo Fernández, Dalva Resende, Eldah Drummond, Adrienne Diniz Vallim, Arlete Thedim Costa e Elvira Gomes	63
Figura 32: Pianista Flávio Augusto	65
Figura 33: Pianistas Flávio Augusto e Elvira Gomes no Colégio Santos Anjos	66
Figura 34: Pianista Elvira Gomes no Colégio Santos Anjos	67
Figura 35: Pianista Eldah Drummond no Colégio Santos Anjos	69
Figura 36: Eldah presente em meu recital/palestra	70
Figura 37: Anúncio Escola de Música Santa Therezinha	73
Figura 38: Prédio da Associação Italiana em 1946.....	79
Figura 39: Apresentação da Opereta O Mungunsá	80
Figura 40: Theatro Municipal de Varginha 1901 a 1927	81
Figura 41: Theatro Capitólio de 1927	82
Figura 42: Cédula para votação para o nome do Theatro Capitólio	83
Figura 43: Trio Esperanza, inauguração Theatro Capitólio	84
Figura 44: Filme de inauguração Theatro Capitólio	84
Figura 45: Piano da marca Shiedmayer & Soehne, primeiro piano do Theatro Capitólio	85
Figura 46: Interior do Theatro de Capitólio, em destaque um recital de música de câmara ..	86
Figura 47: Apresentação das alunas de Adrienne Diniz , clube de Varginha, 1958	89
Figura 48: Apresentação das alunas de Adrienne Diniz, clube de Varginha, 1958	91
Figura 49: Capa do caderno de programação do Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernandez	108

1 INTRODUÇÃO

Meu interesse na memória da performance e do ensino de piano em Varginha, MG, se dá não só pela sua riqueza de narrativas históricas mas também pelo meu contato ativo enquanto acadêmico, intérprete e pessoal com tal memória há 26 anos.

Esta memória se funde profundamente ao meu próprio percurso, pois desde 2009 sou professor do Conservatório Estadual de Música de Varginha (CEMVA), e fui aluno do mesmo conservatório entre os anos de 1997 e 2001. Conservatório este que me possibilitou, gratuitamente, estudar música, me ingressar na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (EMU-UFGM), onde me tornei bacharel em piano.

A transmissão oral de histórias que ouvi neste lugar foram empolgantes e importantes para o desenvolvimento da minha paixão e dedicação à música. Me encantam as histórias dos pianistas que fizeram recitais em Varginha, com obras do repertório tradicional de concerto, dos professores e alunos de destaque que se tornaram pianistas, e, das casas, salas e teatros que acolhiam recitais. Toda essa memória ainda ecoa em minha mente e é de grande importância para meu envolvimento e dedicação ao instrumento.

O objetivo geral deste trabalho é resgatar a memória do ensino e da performance do piano na cidade de Varginha, situada no sul de Minas Gerais, entre os anos de 1901 a 1987. Como objetivos específicos, pretende-se: identificar os principais personagens que fizeram e ainda fazem parte desta história, relatando algumas de suas experiências como pianistas e professores; mapear os locais, as instituições e os eventos culturais significativos para o resgate histórico proposto.

Para delinear esta narrativa da prática e do ensino e do piano na cidade de Varginha (MG), o recorte temporal escolhido foi entre 1901, data da chegada de Maestro Marceliano Braga em Varginha, maestro crucial para o ensino na cidade e que nomeia o conservatório de música, fundado em 1985, e como data final o ano 1987, ano do primeiro concurso de piano realizado na cidade, evento este que transformou o cenário artístico de Varginha.

O papel social da música e a sua intrínseca relação com o momento histórico no qual é produzida têm sido o foco de muitos estudos que auxiliam o entendimento da música, não como um produto autônomo como postula a ideia stravinskiana, citada em Cook (2006), que afirma que a música deve ser executada e não interpretada, e é independente do mundo no qual é gerada e consumida, mas como uma importante ferramenta de caráter memorialístico e de representatividade das práticas sociais e culturais de um povo. Nesse sentido, compreender a

gênese e os desdobramentos de determinadas práticas musicais torna-se fundamental para sua validação social e acadêmica.

Diversos estudos brasileiros têm explorado a relação entre música, piano e memória histórica, destacando o importante papel que esses elementos desempenham na construção e preservação da identidade musical nacional. Pesquisas como as de Rita Fucci Amato (2006) intitulado “Cultura musical e pianística nacional: seus crescendos e diminuendos” e Amato (2007) “O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica” analisam a introdução e valorização das práticas do piano na cultura brasileira, evidenciando como o instrumento se tornou um símbolo de status e um meio de disseminação da música erudita e popular no país.

Citando outros trabalhos, em “Uma história do piano em São Luis no Maranhão” (2013), Paula Figueirêdo da Silva faz um resgate histórico sobre o ensino musical e pianístico na cidade de São Luis, tratando do ensino do piano na cidade com ênfase na Escola de Música do Estado do Maranhão. Também relacionado ao Maranhão temos a pesquisa de Daniel Lemos Cerqueira (2019) “O piano no Maranhão: uma pesquisa artística” que fez um levantamento de compositores nascidos ou estabelecidos no Maranhão entre os séculos XIX a XXI, de suas obras, edições e críticas, além de selecionar obras do repertório para apresentações pelo Brasil.

Adiante, Myrian Aubin (2015) escreveu sobre “A música erudita na conformação de espaços na cidade: Belo Horizonte de 1925 a 1950”, trabalho que se propôs a identificar a inserção da música erudita na capital mineira através das instituições sociais e do estado, mapeando onde a música era realizada e compreendendo seu alcance. Entre muitos outros, estudo como esses sublinham a relevância do piano não apenas como um instrumento musical, mas como um elo fundamental na construção da memória histórica e cultural brasileira.

Preservar a memória de importantes eventos culturais e iniciativas pedagógicas que colaboraram para o ensino do piano no Brasil é de inestimável importância para que novas gerações compreendam a construção histórica de sua cultura musical. Nesse contexto, a presente pesquisa se justifica por ser uma pesquisa inédita na cidade, por sua relevância documental para a memória da performance e do ensino do piano na cidade de Varginha (MG) e no contexto brasileiro.

Ao considerarmos que a memória coletiva se expressa através de “memoriais, monumentos, murais, arquivos, bibliotecas (...) e obras literárias e artísticas que exprimem a versão consolidada de um passado coletivo” (Simson, 2003, p. 15), acreditamos que o esforço de se documentar e analisar criticamente a trajetória histórica do piano na cidade de Varginha (MG), contribuirá para a valorização e fomento do legado artístico na cidade e região.

A metodologia desta dissertação tem como foco inicial a pesquisa documental, que no

caso deste trabalho, ocorre através de busca de fontes primárias e entrevistas semiestruturadas.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. (Gil, 2002, p. 45 - 46)

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram recolhidas e analisadas as seguintes fontes de informação: fotos, recortes de jornais, documentos impressos, partituras, programas de apresentações de piano, cartas, diários, gravações etc. As fontes estão arquivadas em órgãos públicos, como o Centro de Documentação Histórica (CEDOC), o setor do patrimônio histórico na Fundação Cultural de Varginha, Museu Municipal e Biblioteca Pública; uma abundante documentação foi encontrada em arquivos particulares de estudantes e professores que colaboraram para o mapeamento dos personagens, eventos e das escolas de música.

Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas que permitiram a coleta de informações singulares, a partir do contato direto entre o pesquisador e os entrevistados. A entrevista semiestruturadas se caracteriza por ser “casual, como toda conversação, centrada no detalhe, na anedota, na flutuação da memória, a entrevista nos aproxima da vida dos outros, sua crença, sua filosofia pessoal, seus sentimentos, seus medos” (Arfuch, 1995, p. 89), ou como afirmam Laville e Dionne, “um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado, favorecendo assim a exploração em profundidade de seus saberes, bem como de suas representações e de suas crenças e valores” (Laville e Dionne, 1999, p. 189).

A fim de complementar os dados materiais coletados, julgamos por bem ouvir pessoas de destaque no cenário pianístico da cidade. Na pesquisa histórica, a abordagem da história oral é essencial ao trabalho de preservação da memória. Delgado (2003, p. 23) afirma que “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento.” A partir da perspectiva da história oral, será possível recolher informações e relatos não contidos nas fontes impressas obtidas sobre eventos, escolas, salas de apresentações, aquisição de pianos e pianistas que visitaram a cidade. Segundo Paul Thompson (1998, p. 337), “a história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas”. Ainda citando

o trabalho significativo sobre entrevistas e história oral de Thompson em *A voz do passado*, de 1998, "a maioria das pessoas conserva algumas lembranças que, quando recuperadas, liberam sentimentos poderosos" (Thompson, 1998, p. 205), e, "recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade" (Thompson, 1998, p. 208).

Para as entrevistas, participaram as pianistas Eldah Regina Ramos Drummond e Elvira Gomes de Carvalho Pinto, ambas ex professoras da Academia Lorenzo Fernández e do Conservatório Estadual Maestro Marciliano Braga; Flávio Augusto, pianista e professor da Academia Lorenzo Fernández. Maria Aparecida Oliveira do Valle, ex professora de piano da Academia Lorenzo Fernández e do Conservatório Estadual de música. Também fizeram parte dos entrevistados o historiador José Roberto Sales, e os ex-alunos de piano da Academia de Música Lorenzo Fernández, João Batista Barolli e Reginaldo de Brito Rabelo, ambos da classe das professoras Adrienne Diniz Vallim e posteriormente da professora Elvira Gomes.

Ao documentar a memória do piano na cidade de Varginha e manter viva a herança musical que tem moldado a identidade local ao longo do século passado, percebi certa relevância nas narrativas relacionadas aos personagens, a espaços e eventos que fizeram parte dessa memória. Sendo assim, os elementos personagens, espaços e eventos estarão em foco em minha pesquisa com a finalidade de investigá-los e clarificar essa relação entre música e sociedade.

Para finalizar, a presente dissertação de mestrado foi estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo oferece notas gerais sobre a memória da prática e do ensino de piano no contexto brasileiro, destacando a evolução histórica, social, e abordando figuras relevantes tanto na pedagogia quanto na performance. No segundo capítulo, o foco se direciona para a cidade de Varginha, em Minas Gerais, onde são analisados os personagens mais influentes no cenário pianístico local, incluindo professores, alunos e intérpretes, assim como suas contribuições para a música e a cultura da cidade. O terceiro capítulo expande a análise para os espaços e eventos que promoveram música em Varginha durante quase todo século XX, investigando como esses ambientes e iniciativas impactam a formação e a difusão do piano na região. Assim, esta pesquisa visa resgatar a memória do piano em Varginha (MG).

CAPÍTULO 1: NOTAS SOBRE A PRÁTICA E O ENSINO DO PIANO NO BRASIL

Este primeiro capítulo explora a história do piano e sua evolução no Brasil. Começando por apontar as primeiras composições para pianoforte escritas no país após a chegada da corte ao Brasil, dando enfoque ao primeiro método brasileiro para pianoforte, desenvolvido pelo padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830). Ao tratar das primeiras composições para pianoforte no Brasil, o texto entra no contexto histórico do início da escola de piano brasileiro, onde o Padre José Maurício assume o pioneirismo. Essa primeira escola tem papel fundamental no foco de minha pesquisa pois grande parte dos conservatórios se moldam a partir de práticas didáticas introduzidas nesta época.

O capítulo também trata da transição do instrumento entre classes sociais como da nobreza para a burguesia, e da burguesia para a classe trabalhadora, da criação dos conservatórios no país e do papel fundamental dos pianistas e professores de piano de destaque nesse processo. A partir de tal contextualização é possível entender a necessidade da criação de mais conservatórios pelo país, especificamente em Minas Gerais e como isso desencadeará na construção da memória do piano em Varginha, tópico que discutirei nos capítulos futuros.

Durante o período colonial, os primeiros pianos a chegar ao Brasil foram introduzidos pelos portugueses no início do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, e, segundo Amato (2008), devido à vinculação da economia luso-brasileira ser dependente da inglesa, para o Brasil eram trazidos principalmente os instrumentos ingleses, como os pianos da marca John Broadwood.

Com a vinda da corte portuguesa ao Brasil em 1808, a cidade do Rio de Janeiro sofreu um grande impulso para a urbanização e europeização, para a corte se estabelecer e recriar um ambiente europeu, foram criadas algumas instituições nos âmbitos educacional e cultural como o Jardim Botânico e Biblioteca Real (Amato, 2008). Neste período tivemos o começo da comercialização e das práticas pianísticas no país (Barros filho, 2019), impulsionando a dinâmica cultural como tática para a construção da imagem da sociedade civil brasileira. Luis Felipe Pereira (2010) ressalta que a música teve um papel fundamental para que a corte real mantivesse seu estilo europeu, e o imprimisse em toda a cultura brasileira.

Segundo Trilha (2019), o compositor Marcos Portugal (1762-1831), natural de Lisboa e Mestre de Música de Suas Altezas, foi o responsável por algumas das composições mais antigas para instrumento de teclas no Brasil. As peças são os dez *motivos* para pianoforte, a marcha em fá maior, e um minuetto a quatro mãos, escritos no Rio de Janeiro entre 1811 e 1816. Outras composições datadas em seguida das peças de Marcos Portugal são: *Marche funèbre sur la mort du Comte da Barca*, o adagio *Les Adieux de Neukomm à ses amis à Rio de Janeiro*, de Sigmund Neukomm (1778-1858) compostas no Rio de Janeiro, entre 1817 e 1821, e as transcrições de melodias populares brasileiras para canto e piano, feitas por Johann Baptist Von Spix (1781-1826) e Carl Friederich Philip Von Martius (1794-1868), compiladas e arranjadas entre 1817 e 1820 (Trilha, 2019).

Em 1821, o padre José Maurício Nunes Garcia escreveu o primeiro documento voltado à metodologia do ensino do piano no Brasil, intitulado “Compêndio de Música e Método para Pianoforte”, que era focado na apresentação básica da teoria musical e ornamentação (Souza, 2022). Na versão revisada por Giulio Edoardo Draghi (1999), o método contém duas séries, cada uma com 12 lições e após estas séries temos 6 fantasias, as obras estão dispostas em ordem

de dificuldade técnica. Segundo o Maestro André Cardoso, autor do prefácio desta edição, o Padre José Maurício usa trechos melódicos de suas próprias músicas e também trechos de obras de compositores como Mozart, , Haydn e Rossini. Como exemplo são citados trechos da Sinfonia nº 94 *Surpresa* de Haydn e da ópera *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini. André Cardoso ressalta que a metodologia deste livro foi praticamente a mesma usada por ele mesmo em suas aulas (Draghi, 1999). Enfim, considerado um dos repertórios mais antigos de música para tecla no país, não há registros autógrafos do documento, chegando à posteridade em forma de cópias e edições subsequentes ao falecimento do compositor (Trilha, 2019).

Segundo relato de Manuel de Araújo Porto-Alegre (1856), Sigismund Neukomm, discípulo de Haydn, avalia José Maurício Nunes Garcia como o “maior improvisador do mundo”, elogiou também sua capacidade de acompanhador ao piano e destreza para reduzir partituras de orquestra e coro ao teclado. José Maurício foi realmente um dos maiores tecladista de seu tempo, Visconde de Taunay (1983, p. 11), cita que:

[...] era José Maurício muito apreciado pela vastidão e profundidade dos seus conhecimentos e sciencias [sic] e línguas e ainda pela maestria com que tocava órgão, cravo e depois piano e neles improvisava tirando desses instrumentos os mais estupendos efeitos”. (Taunay, 1983, p. 11)

Além de um instrumentista virtuoso, José Maurício desempenhou um importante papel de professor e tinha uma escola de música em sua casa que manteve até quase o final de sua vida (Mariz, 2000). Todos esses fatos apresentados enfatizam a ideia de José Maurício como uma figura importante na introdução do piano no Brasil tanto pelo viés da didática quanto da pratica performática do instrumento.

Após apresentar alguns nomes importantes relacionados às primeiras notas compostas ao piano no país, discutirei em seguida como esse instrumento se adaptou no Brasil em meios as questões sociais. Tal comentário ilustra bem o cenário social do Brasil no início do século XIX:

Fato é que, no início do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro transformou-se e começou a vivenciar novas formas de sociabilidades, influenciadas também pela presença de inúmeros estrangeiros, os quais apenas no setor da música, marcam presença como professores, afinadores, estabelecimentos comerciais, instituições e, sobretudo, os teatros (Silva, 2005, p.5).

A partir de 1840, o ensino de piano iniciou um percurso de destaque no país, passando a ser realizado por professores particulares e voltado, majoritariamente, para mulheres da nobreza (Barros filho, 2019), que aprendiam o instrumento para fins de entretenimento e como forma de demonstrar suas aptidões e dotes (Amato, 2007). Segundo Lenoir (1979), o piano, apelidado como “príncipe dos instrumentos”, era símbolo de bom gosto e êxito social, também era objeto de investimento econômico, pois era um atributo de uma jovem ideal tocar piano. Sobre a relação entre mulheres e piano, Maria Junqueira afirma:

As que não se casavam continuavam a tocar com a janela aberta, na esperança de que se interessasse pela música um espírito de artista que passasse pela calçada. As que tocavam bem e não se casavam, faziam-se professoras de piano. (Americano, Junqueira, 1982, p. 3)

Com o desenvolvimento da produção e comércio de café e a consequente industrialização e urbanização, no início do século XX a classe burguesa também passou a possuir pianos e a estudar, principalmente os imigrantes mais abastados, e logo, o instrumento passou a difundir-se entre as classes menos abastadas (Amato, 2008).

O fato do piano se tornar um importante instrumento da burguesia brasileira fez com que músicos virtuosos se consolidassem no país. No período conhecido como Segundo Império, o país recebeu dois fundadores do virtuosismo pianístico brasileiro, o pianista português Artur Napoleão no Rio de Janeiro e o italiano Luigi Chiaffarelli em São Paulo (Amato, 2007). Artur Napoleão, juntamente com Leopoldo Miguez, criaram a casa de piano e música no Rio de Janeiro (Junqueira 1982). A *Casa Arthur Napoleão e Miguez* foi fundada em 1878 e estava localizada no centro do Rio de Janeiro. Este estabelecimento era responsável pelas edições e comércio de partituras, pela venda de pianos e também recebia recitais de inúmeros artistas nacionais e internacionais em uma pequena sala de apresentações (Medeiros, 2013). Já Luigi Chiaffarelli foi peça importante para transformar a capital paulista em um grande centro pianístico formando grandes pianistas, tendo como exemplo Guiomar Novaes.

Francisco Manuel da Silva, compositor do Hino Nacional Brasileiro, artista com intensa atividade e músico mais importante da monarquia, foi fundador da Sociedade Beneficente Musical e do Conservatório de Música do Rio de Janeiro, instituição que dirigiu até o ano da sua morte em 1865. A Sociedade Musical, situada na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1833 a 1890, era responsável pela reunião de professores de música, nacionais ou estrangeiros, por promover a cultura da arte e com a finalidade de exercer uma ajuda mútua entre os artistas. Essa instituição solicitou à Assembleia Legislativa do Império a subvenção para a criação do

Conservatório de Música do Rio de Janeiro, apoiado por D. Pedro II (Meyer, 2022).

Segundo Amato (2006), o Conservatório do Rio de Janeiro foi criado em 1841 mas só começou a funcionar em 1848, de forma dependente do Museu Imperial, teve uma primeira fase com caráter de instituição particular e reconhecida e com incentivo governamental. Entre os anos 1855 e 1890, houve uma segunda fase, o Conservatório passou de instituição privada a oficial e se incorporou à Academia Imperial de Belas Artes. Posteriormente, após a proclamação da República, em 1890, mudou seu nome para Instituto Nacional de Música. Na terceira e última fase a instituição se anexou à Universidade do Rio de Janeiro e passou a se chamar Escola Nacional de Música, período profícuo da Escola que teve como diretores nomes como Leopoldo Miguez entre os anos de 1890 e 1902, Alberto Nepomuceno entre 1902-1903 e 1906-1916, Henrique Oswald entre 1903 e 1906, Luciano Gallet em 1930 e 1931 e outros. (Amato, 2006).

Além da Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro podemos citar o Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, que foi fundado em 1906, tornando-se um ambiente relevante de grandes nomes do piano, como Luigi Chiaffarelli, Fructuoso Vianna, Mário de Andrade, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri etc (Amato, 2007). Segundo Édson Leite (1999) o Conservatório Dramático foi criado com inspiração em umas das principais escolas de música do mundo, Conservatório de Paris, fundado em 1795, e teve professores relevantes para música moderna francesa como: Berlioz, Gounod, Frank, Saint-Saëns, Debussy, Ravel e Cortot.

Como parte dos costumes eram trazidos pelos imigrantes europeus, na música temos como exemplo o pianista Luigi Chiaffarelli (1856-1923). Nascido na cidade italiana de Isernia, Chiaffarelli teve sua formação pianística em Bologna (Itália) e Stuttgart (Alemanha), depois decidiu optar pelo magistério seguindo para Suíça, onde conheceu um casal de brasileiros que o convidou para se mudar para a cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. Quando estabelecido no Brasil, decidiu se mudar para capital paulista, onde desenvolveu intensa atividade artística (Junqueira, 1982).

Chiaffarelli desenvolveu durante quase quarenta anos no Brasil um trabalho memorável, formando diversos pianistas de renome internacional, tenho como exemplo a pianista Guiomar Novaes. Segundo Orsini, (1988) Guiomar Novaes se ingressou no Conservatório de Paris com bases técnicas e teóricas muito bem consolidadas pelo mestre Chiaffarelli.

Guiomar Novaes (1885-1979), foi uma das mais brilhantes pianistas brasileiras. Segundo Amato (2006), em 1893, aos oito anos, Guiomar, aluna de Luigi Chiaffarelli pelo Conservatório Dramático Musical já era considerada uma grande promessa. A carreira da jovem pianista deu um salto ao ser admitida em 1909 no Conservatório de Paris, onde teve aulas com

expressivos nomes do piano e recebeu, ao término do curso seu primeiro prêmio e se consagrando como uma brilhante intérprete.

A parceria Luigi Chiaffarelli e Guimar Novaes ocasionou na criação da Sociedade de Cultura Artística. Fundada em 1912, a sociedade era responsável por promover e divulgar concertos, recitais, espetáculos e exposições. As atividades musicais contavam com, além dos já citados Luigi Chiaffarelli e Guimar Novaes, pianistas como Souza Lima (1898-1982), Arnaldo Estrela (1908-1980), Villa-Lobos (1887-1959), Francisco Mignone (1877-1986), Camargo Guarnieri (1907-1993), Magda Tagliaferro (1893-1986) e outros (Amato, 2006).

Dentre muitos nomes consagrados pelo piano podemos citar também Magdalena Tagliaferro (1893-1983). Considerada por Leite (1999, pg. 04) como uma “completa representante do moderno mestre de piano”, comparada aos pianistas Claudio Arrau, Arthur Schnitzler, Vladimir Horowitz, Alfred Cortot e Marguerite Long, foi uma intérprete carismática e fundadora de uma verdadeira escola de piano (Dicionário Grove, 1994, p. 925). Durante a segunda guerra, Magdalena lecionou piano no Brasil e França, com aulas de interpretação pianística que marcaram época (Silva, 2006). Ademais, Tagliaferro foi convidada a realizar trabalhos pedagógicos no Brasil, sendo considerada a criadora dos “masterclasses” e responsável por estreitar as relações entre o Conservatório Nacional de Paris, onde era professora, e o Rio de Janeiro. Na França, ela teve contato Debussy, Ravel, Fauré e Cortot.

Magdalena foi a única entre os grandes músicos brasileiros dessa época que teve a preocupação de ensinar tudo o que seu contato com a vanguarda cultural europeia e com os grandes palcos e nações do mundo lhe proporcionou. Com esta função de mestra, Magdalena criou uma sólida escola de piano e de interpretação e possibilitou a um grande número de pessoas, através de cursos públicos, o contato mais consciente com a obra dos grandes mestres. (Leite, 1999, p. 21-22).

Após explicar brevemente sobre um histórico do piano e dos conservatórios no Rio de Janeiro e São Paulo, vou dissertar sobre o Conservatório Mineiro e a criação dos conservatórios em Minas. Analisar a criação do Conservatório Mineiro de Música, suas motivações, contexto histórico e sua contribuição para a educação musical no estado de Minas Gerais e para a criação dos 12 conservatórios estaduais, em especial o Conservatório Estadual Maestro Marciliano Braga em Varginha-MG é fundamental para compreensão da memória na cidade de Varginha.

O governo de Minas Gerais tinha como plano para a capital Belo Horizonte implantar um projeto civilizatório e moderno, Fernando Mello Vianna, governador da época ansiava por uma cidade mais desenvolvida culturalmente (Reis, 1993). A criação de um Conservatório aos

moldes do Conservatório do Rio de Janeiro era significativo para alcançar tal projeto. Importante ressaltar que o programa e as diretrizes essenciais do curso do Conservatório Mineiro de Música foram baseados nos modelos utilizados no Instituto Nacional de Música do Rio de Janeiro e também no Conservatório Dramático de Música de São Paulo. (Reis, 1993)

O Conservatório Mineiro de Música foi fundado em 29 de abril de 1925, e Francisco Nunes (1875-1935), músico natural de Diamantina, então diretor da Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, foi o primeiro diretor do Conservatório. Nunes vislumbrava a criação de uma instituição que pudesse oferecer educação musical formal e de qualidade, seguindo modelos europeus de conservatórios, com o objetivo de formar músicos profissionais e promover a cultura musical no estado (Aubin, 2015).

O Conservatório tinha também como objetivo educar culturalmente várias classes da população. Segundo Aubin, já nos primeiros anos já se percebia a eficiência deste objetivo, favorecendo acesso à educação artística e cultura musical a várias camadas da população através de concertos públicos.

Nas décadas de 1930 e 1940, alguns nomes que se destacaram como professores de piano do Conservatório Mineiro foram: Pedro de Castro (1895-1978), e Fernando Coelho (sem data). Estes dois professores formaram toda segunda geração de professores deste conservatório. Estes dois professores tiveram formação similar, ambos foram alunos do pianista e compositor Henrique Oswald estudaram no Instituto Nacional de Música (Castro, 2012).

A partir de 8 de dezembro de 1950, o Conservatório foi federalizado e passou a ser um curso isolado de ensino superior, e em 1962 passou definitivamente a fazer parte da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), se tornando a Escola de Música da UFMG (Aubin, 2015).

No trabalho sobre os Conservatórios Estaduais Mineiros e a formação de professores de música, Denise Alves (2017) destaca a importância do Conservatório Mineiro de Música como um dos principais centros de difusão da música erudita na capital mineira e seu impacto na educação musical em Minas Gerais foi tão significativo que o governo de Minas Gerais idealizou criar uma rede de ensino musical, portanto o Conservatório Mineiro foi fundamental para a criação de 12 conservatórios estaduais distribuídos em algumas cidades do estado (Alves, 2017). Basta ressaltar que o plano de curso destes novos conservatórios foi moldado pelos conteúdos programáticos ensinados no Conservatório Mineiro de Música em Belo Horizonte, no Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro, e no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Esta influência decorre principalmente do fato de que alguns dos profissionais com formação superior frequentou ou tiveram vínculos com essas instituições

(Neves, 2019).

De 1951 a 1985, foram criados 12 Conservatórios Estaduais de Música, as cidades contempladas com conservatórios estaduais foram, em ordem cronológica: São João Del Rei (1953), Visconde do Rio Branco (1953), Uberaba (1954), Pouso Alegre (1954), Juiz de Fora (1955), Leopoldina (1956), Montes Claros (1962), Uberlândia (1967), Ituiutaba (1967), Diamantina (1970), Araguari (1985) e Varginha (1985) (Alves, 2017).

A criação dos 12 conservatórios estaduais em Minas Gerais, inspirada pelo sucesso do Conservatório Mineiro de Música, foi um passo crucial para o acesso aos estudos de música no estado. Um exemplo é o Conservatório Estadual Maestro Marciliano Braga, em Varginha-MG, fundado em 1985. Este conservatório desempenha um papel essencial na educação musical da região sul de Minas Gerais, proporcionando a democratização do ensino musical, promovendo a acessibilidade e descentralização da educação musical em Minas Gerais.

Vale a pena ressaltar o texto de Robervaldo Linhares Rosa (2012), intitulada *Como é bom tocar um instrumento: pianeiros na cena urbana brasileira*. Trabalho este que está ligado à diversos personagens desta pesquisa, pois examina detalhadamente o conceito de "pianeiro" e sua evolução na música brasileira. Inicialmente, o autor diferencia o termo "pianeiro" de "pianista", destacando o papel do piano como símbolo de prestígio e status social. A pesquisa revela que o piano se consolidou como um bem de consumo essencial em ambientes sociais, mesmo quando ninguém na família sabia tocar.

Robervaldo também explora a etimologia e a aplicação do termo "pianeiro" ao longo da história, analisando sua relação com diversos gêneros musicais, como modinha, lundu, choro, maxixe e tango brasileiro. A discussão inclui a influência de figuras como Chiquinha Gonzaga, que moldou o gênero choro e destacou a importância do termo na formação desses estilos.

No presente trabalho vou apresentar personagens varginhenses que transitavam entre música de concerto européia e músicas populares, que se apresentavam em rádios, cinemas, jantares etc. Personagens que podem se associar ao termo "pianeiro", já que a profissão se ajusta às inovações tecnológicas, como rádio e cinema, e também se adaptam à diversos tipos de música. Segundo Linhares (2012), o papel do pianeiro evolui com as novas demandas, refletindo mudanças nas funções e na visibilidade dos músicos ao longo do tempo.

Resumidamente, neste capítulo houve a elaboração de um breve panorama histórico acerca da introdução do piano no Brasil, com um enfoque direcionado para os pianistas, professores e instituições especializadas em ensino musical.

A análise das transformações sociais ocorridas no século XIX revelou a demanda por instituições educacionais que respondessem às aspirações emergentes da classe burguesa em

formação. Ao transitar da escala macro, representada pelo Brasil, para a perspectiva micro, centrada em Minas Gerais, pude construir um levantamento cronológico detalhado que enriquece a compreensão do tema central da minha dissertação: a memória e a performance do piano na cidade de Varginha-MG.

CAPÍTULO 2: O PIANO EM VARGINHA (MG) E SEUS PERSONAGENS

O capítulo segundo desta dissertação destaca as figuras notáveis que deixaram um legado significativo como professores de piano ou pianistas em Varginha durante o período de 1901 a 1987. Entre os personagens abordados estão Marceliano Braga, Cecílio Fernández, Arnaldo Amarante, Carmelita Braga, Carmem Braga, a poeta, escritora e pianista Oneyda Alvarenga, Adrienne Diniz e algumas de suas alunas. O capítulo explora suas contribuições para a música e a educação musical na região, bem como suas influências e impactos na comunidade pianística local.

A cidade de Varginha está situada no sul do estado de Minas Gerais, tendo sua emancipação política ocorrido em 7 de setembro de 1882 (Sales, 2017), quando a localidade foi oficialmente elevada à condição de município, desmembrando-se do município vizinho de Três Pontas. O município se tornou, com o passar dos anos, um importante polo musical para o Estado, atendendo músicos dos diferentes municípios que a circundam. Desde os primeiros registros da presença do piano na cidade, Varginha tem reunido profissionais, estudantes e apreciadores em eventos performáticos e em espaços destinados à apresentações artísticas.

O interesse dos habitantes de Varginha por atividades artísticas é registrado nas publicações dos jornais locais desde o século XIX. Em 24 de março de 1895, a Gazeta da Varginha, na edição nº 12, publicou um artigo que afirmava: “Todas as artes são indispensáveis e valiosas; no entanto, cinco delas se destacam por despertar, encantar, fascinar e envolver o espírito humano: a música, a pintura, a arquitetura, a arte dramática e a poesia” (Sales, 2022, p. 41).

Na pesquisa documental deste trabalho, os primeiros registros que encontrados sobre aulas de música e a movimentação de banda sinfônica, estão contidos no Almanak Sul-Mineiro, dos anos de 1874 e 1884. O almanaque é um compêndio que reúne dados informativos, curiosidades e detalhes relevantes sobre os municípios da região do Sul de Minas. Este trabalho foi organizado e publicado por Bernardo Saturnino da Veiga, natural de Campanha/MG e reconhecido como o fundador da cidade de São Lourenço. A iniciativa de compilar essas informações não apenas visa documentar aspectos históricos e culturais locais, mas também perpetuar a memória e o conhecimento sobre a região.

No Almanak Sul Mineiro de 1874, na página 179, Cassiano Camillo de Oliveira e Alferes João Baptista da Fonseca são mencionados como os primeiros professores de música em Espírito Santo da Varginha, período em que a cidade ainda não se chamava Varginha e fazia parte do município de Três Pontas. No compêndio do mesmo Almanak Sul Mineiro de 1884, página 189, foram apresentados os nomes de dois músicos que atuavam na cidade já emancipada, são eles João Batista da Fonseca e Presciliano Sinfrônio da Fonseca, importante ressaltar que não foi encontrado quais instrumentos eram lecionados. Na página 183 deste volume encontramos a atividade de uma banda sinfônica na cidade, sobre esta estava noticiada de seguinte forma: “O ensino de música é feito de modo satisfatório, em uma aula bem frequentada, havendo uma banda de música regular” (Almanak Sul-Mineiro, 1884, p. 183).

Antônio Vidal Carvalho, em seu livro *Narrativas de Nico Vidal*, organizado por Marcus Vinícius Vallim Madeira, em 2021, se refere a uma banda de música para inauguração da Igreja do Mártir, em 1973:

E foi por isso que no dia 20 de janeiro de 1873, abrilhantada com a magnífica banda de música do maestro João Batista da Fonseca e os belíssimos fogos de artifício de Francisco José Gomes e Francisco Ribeiro da Silva Barra, o padre José Paulino da Silva inaugurou a Igreja do Mártir São Sebastião em Varginha, rezando nela a primeira missa. (Madeira, 2021, p. 68)

Nas *Narrativas de Vico Vidal*, o professor de música Cassiano Camilo de Oliveira e diretor Alferes Batista da Fonseca são citados novamente, agora como membros da banda de música Euterpe Varginhense, em 1874 (Madeira, 2021, p. 244).

O primeiro registro que encontrei que menciona o instrumento piano foi no jornal *Gazeta de Varginha* (1893, p. 04) relata que as dirigentes do Colégio da Varginha, Maria Izabel Coutinho da Fonseca e A. J. Pinto da Fonseca ministravam aulas de piano e que estas aulas deveriam ser pagas à parte da grade curricular do colégio; Em 1896, o Colégio Freitas oferecia aulas de instrumento e canto, o professor era Djalma Indiano Diamantino (*Gazeta de Varginha*, 1896, p. 04), sobre o professor Djalma não há especificação de qual ou quais instrumentos eram oferecidas as aulas.

Em conformidade com Madeira (2021), pela Lei nº 29 de 1º de fevereiro de 1895, a Câmara Municipal de Varginha autorizou, sob a presidência do Major Evaristo Gomes de Paiva, a concessão de uma gratificação de 100\$000 (cem mil-réis) a João Francisco da Matta, em reconhecimento pela sua oferta, o hino composto para a cidade de Varginha. João da Matta, passou pela cidade como um andarilho e vivia perambulando pela região (Madeira, 2021, p. 16).

Em um texto denominado *Eu sou João da Mata*, escrito por Francisco José dos Santos Braga para um blog de São João del Rey, João da Matta foi um renomado músico e compositor natural de São João del-Rei. Nascido em 1832 e falecido em 1909, João da Matta foi sepultado em Serranos, Aiuruoca. Além de suas aclamadas obras sacras como *Tota Pulchra es Maria* e *Stabat Mater*, ele compôs uma variedade de músicas profanas, publicadas e apreciadas em todo o Brasil. Conhecido também por sua habilidade como violinista e trompetista, João da Matta é lembrado por ter recusado um convite de Carlos Gomes para estudar na Itália devido ao casamento. Sua música deixou um impacto duradouro na cena musical de Minas Gerais e em São João del Rei (<https://saojoaodel-rei.blogspot.com/2017/11/joao-da-matta-o-compositor-sao-joanense.html>).

2.1 MARCELIANO BRAGA

Tem maestro, tem maestra, tem piano a dar de pau, todos cantam, todos tocam, cantam até São Nicolau”: nesse verso, extraído do tango *Varginha tem...*, o compositor e maestro Marceliano Braga revela que nesta cidade havia um expressivo número de pianos no começo do século XX (Souza, 2023, p. 01).

Antes de trazer as informações sobre o Maestro Marceliano Braga, trago a discussão sobre a grafia de seu nome. Tanto nos livros consultados sobre Marceliano quanto na homenagem feita ao maestro pelo Conservatório de Varginha utilizando seu nome, a grafia de seu nome aparece como “Marceliano Braga” com a letra “i”. Porém, nas partituras de suas músicas disponíveis nos acervos particulares da professora e pianista Elvira Gomes Carvalho Pinto, no acervo de Rafael Sales, músico, compositor e editor da Orquestra Ribeiro Bastos de São João del-Rei, e nos arquivos do próprio conservatório, é encontrado o nome de Marceliano com duas grafias distintas.

Em seus manuscritos, na maioria das vezes, as assinaturas aparecem de forma abreviada, como “M. Braga” ou “Me. Braga”, porém quando grafada por extenso, são utilizadas outras formas de grafias. Como exemplo, a figura abaixo traz a imagem de sua assinatura no maxixe para piano solo intitulado “Da moda”, escrito em Varginha, dia 1º de outubro de 1925, cópias do manuscrito desta música se encontram no acervo pessoal de Elvira Gomes e no Conservatório Estadual de Música de Varginha (CEMVA). Nesta música, Marceliano assina seu nome por extenso como “Marcelliano”, com dois “l”s e dois “n”s.

Figura 1: Assinatura do Maestro Marceliano Braga no manuscrito do maxixe *Da Moda*

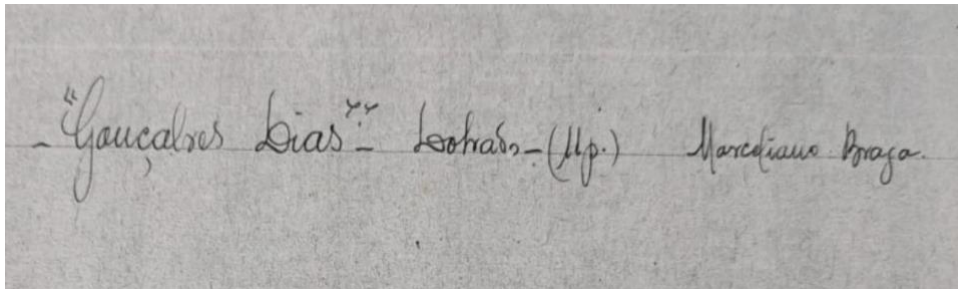


Fonte: Arquivo de Elvira Gomes Carvalho Pinto e Conservatório Maestro Marceliano Braga

O nome Marceliano aparece de forma diferente em duas outras músicas, estas encontradas no acervo de Rafael Sales. Na música, *Gonçalves Dias*, dobrado para banda sinfônica datado 22 de outubro de 1907, composta na cidade de Ayuruoca, o nome do

compositor segue escrito como “Marceliano Braga”. Na valsa composta a pedido do maestro de Ayuruoca, Francisco Gomes Ribeiro, intitulada *Lembrança de Ayuruoca*, também para banda sinfônica, composta em Varginha, dia 26 de janeiro de 1917, o compositor assina seu nome como “Marceliano”, apenas com um “l” e um “n”, como seguem nas imagens abaixo:

Figura 2: Nome do Maestro Marceliano Braga no dobrado *Gonçalves Dias*



Fonte: Arquivo de Rafael Sales

Figura 3: Assinaturas de Marceliano Braga no manuscrito da valsa *Lembrança de Ayuruoca*

requiem
Waltz "Lembrança de Ayuruocã" M. Braga

C. de P. G. G. G. 1913
Marginalha, 26 de Janeiro de 1914.
Esta música foi composta a meu pedido.
Marceliano Braga

Fonte: Arquivo de Rafael Sales

Conforme as assinaturas encontradas pelo Maestro, mediante a dificuldade de encontrar

documentos oficiais, seja prudente afirmar que seu nome não se escreve como “Marciliano”, grafia esta que talvez tenha sido consolidada pela oralidade. Como em minhas pesquisas não foi encontrada nenhuma assinatura desta forma, vou optar pela grafia de “Marceliano Braga”, sendo a forma mais simplificada com a vogal “e”, uma letra “l”, e uma “n”, como “Marceliano”.

Segundo Castro (2011, p. 21), o referido maestro, nascido em 21 de abril de 1861 e natural de Pouso Alegre (MG), chega a Varginha em 1901 convidado pelo Vigário da Paróquia, o Revmo. Padre José Maria Mendes, para organizar uma corporação musical religiosa, a Banda Santa Cruz. Em 1910, recebeu o título de Mestre de Capela da Igreja Matriz da cidade. Marceliano foi um compositor ativo, figurando em sua obra gêneros musicais diversos – valsas, tangos, sambas carnavalescos, marchas, maxixes e uma missa – compostos para piano, banda e coro.

Figura 4: Banda Santa Cruz – Marceliano Braga ao Centro (sem data)



Fonte: Arquivo da Fundação Cultural (Álbum de Varginha, 1920, pg. 78)

Merecem destaque também a excelente Orquestra do Maestro Oscar Louzada, que se apresentava no Cinema Íris, a Banda Santa Cruz, do Maestro Marciliano Braga, e a Banda 15 de Novembro, do Maestro José Augusto de Lima. Governo de Afonso de Oliveira Castro 1916 a 1918. (Madeira 2021, p. 110)

Em 1913, em colaboração com João Vidal Mercadet, Luiz Penha e Alfredo Braga de

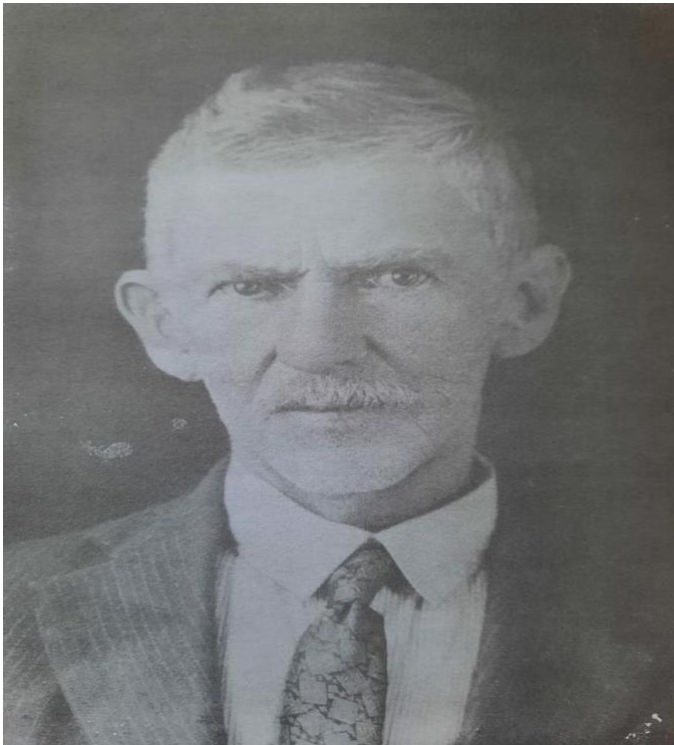
Carvalho, Maestro Braga co-fundou, em 1º de maio, a primeira Associação Operária. Esta iniciativa evoluiu ao longo do tempo para se tornar a atual Associação Recreativa Beneficente Operária (Madeira, 2012, p.175)

Conforme documentado por Madeira (2021, p. 255), Marceliano era músico renomado e profundamente dedicado, ao longo dos anos, influenciou uma geração de músicos que se tornaram maestros de bandas. Além de suas realizações musicais, ele também desempenhou um papel fundamental como educador, ensinando de maneira “graciosa” as habilidades fundamentais a muitos residentes de Varginha.

Em 1926, Marceliano assumiu o cargo de diretor do Colégio Varginhense, uma instituição educacional inaugurada em 21 de junho de 1896 pelo Dr. J.P.M.G. Migueland, que inicialmente ocupou a posição de diretor. Além disso, Marceliano Braga também desempenhou o papel de diretor em uma escola pública. (Madeira, 2021, p. 197).

A alfabetização de seus músicos também era executada por ele, chegando a ser professor da Escola Municipal e da Liga Municipal de Operários (Castro, 2011, p. 21). Nas palavras da professora Elvira Gomes de Carvalho Pinto em seu Elogio à Cecílio Guilherme Fernández e Marceliano Braga, escrito para a Academia de Letras, Artes e Ciência de Varginha (Pinto, 2003, p. 07) na ocasião de sua posse: “Era um espírito avançado. Sentia pavor ao ver crianças ou adultos analfabetos e isso levou a lecionar as primeiras letras aos seus músicos, depois às crianças e logo teria uma escola noturna com boa frequência, por 10 anos”.

Segundo a professora Elvira, o Maestro Marceliano Braga faleceu no dia 8 de abril de 1933 aos 72 anos. Coincidentemente um outro músico significativo chegou à cidade neste mesmo dia e participou do funeral, o Professor Cecílio Guilherme Fernández, que futuramente ficou conhecido como o primeiro professor do pianista Nelson Freire. Pouco antes da morte de Marceliano, segundo o relato da professora Elvira Gomes o maestro pediu que sua banda não deixasse de tocar nos eventos da Semana Santa caso viesse a falecer. Atentos ao pedido do maestro, seus músicos tocaram em prantos (Pinto, 2003, p. 07).



Fonte: Conservatório de Música Maestro Marciliano Braga

2.2 CECÍLIO FERNÁNDEZ

De nacionalidade uruguaia, Cecílio Guilherme Fernández cursou medicina até o terceiro ano, quando decidiu trocar de curso e seguir música (Castro, 2011). Como mencionado no parágrafo acima, o músico chegou à cidade no dia do velório de Marceliano Braga e foi apresentado aos familiares do maestro estabelecendo laços de amizade com José Braga Jordão e com Zizi Braga, sua futura esposa, ambos netos de Marceliano (Pinto, 2003).

Cecílio Guilherme Fernández exerceu múltiplas funções no campo da música, atuando como maestro, violinista e pianista. Além de suas habilidades como intérprete, foi reconhecido como professor de ambos os instrumentos, destacando-se também como arranjador e compositor. Sua influência se estendia além do ensino e da criação musical, envolvendo a orientação e direção de orquestras que se apresentavam tanto no Clube de Varginha quanto na Emissora de Rádio local, conforme registrado por Castro (2011).

Entre os programas encontrados no decorrer desta investigação, consta uma apresentação de piano intitulada *Uma Noite de Valsa*, evento que ocorreu em 1946 e organizada pelo professor Fernández. Este evento ocorreu na Escola de Música Santa Cecília (instituição

que discutiremos no decorrer do texto) e tivemos apresentações de alunos que se tornariam nomes significativos musicalmente na cidade como Adrienne Diniz e Hyrma Paiva, e, também consta o nome de Marjore Figueiredo, que não seguiu a carreira de musicista mas, aos 87 anos continua estudando piano e recentemente foi uma de minhas alunas. Nesta noite foram executadas valsas de composição do próprio Maestro Fernández e valsas de compositores tradicionais europeus como Chopin, Strauss, Weber dentre outros.

Figura 6: Programa do evento 1º. Recital e Uma Noite de Valsa



Fonte: Acervo de Elvira Gomes Carvalho Pinto

Cecílio Fernández demonstrou sua versatilidade em outros programas de apresentações encontrados. Em 1957, participou de dois eventos significativos: em 20 de outubro, durante uma noite de homenagens no Teatro Capitólio, e em 7 de dezembro, na Escola dos Santos Anjos. Nessas ocasiões, ele executou ao violino, acompanhado por sua ex-aluna Adrienne Diniz ao piano, a peça *La Maja de Antifaz*, uma suíte para balé de sua autoria originalmente concebida para piano a 8 mãos, adaptada para violino e piano para essas apresentações (PINTO, 2003, p. 03). Além disso, registros jornalísticos confirmam sua participação como violinista em uma apresentação no Colégio Coração de Jesus em 6 de abril de 1962. A trajetória de Fernández não apenas destaca suas habilidades musicais e composicionais, mas também sua contribuição significativa para o cenário cultural local, marcando presença tanto como intérprete quanto como criador.

Figura 7: Grande Festival Villa-Lobos – Colégio Coração de Jesus em 06/04/1962 Terezinha Oliveira Reis,

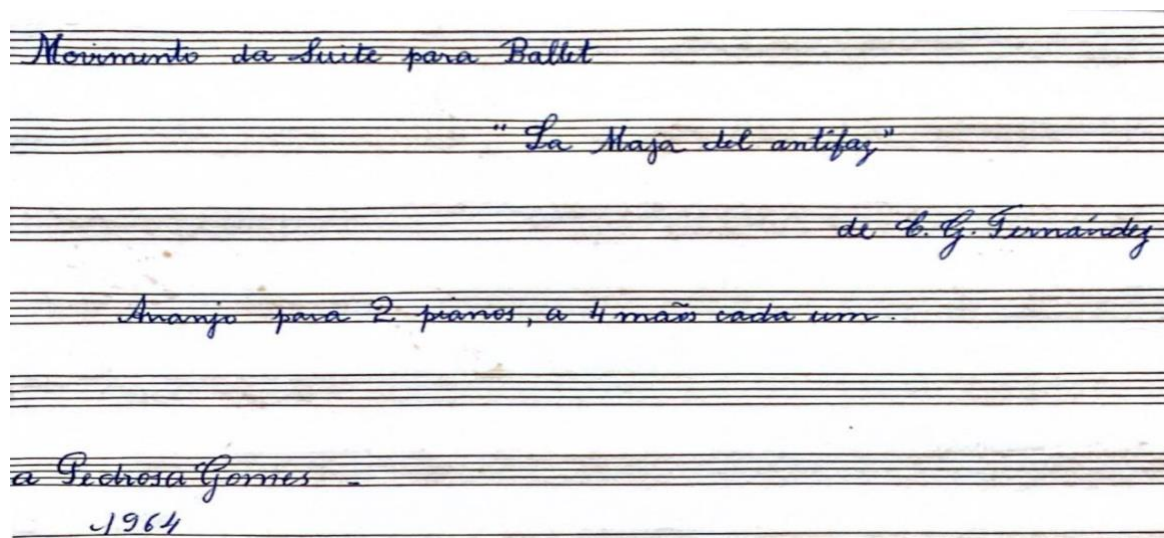
Cecílio Guilherme Fernández, Léa Silva Soares e Adrienne Diniz Vallim



Fonte: Acervo de Viviane Diniz, filha de Adrienne Diniz.

Cecílio Guilherme foi compositor e arranjador, para piano podemos destacar a sua suíte para balé *La Maja de Antifaz*, e o arranjo de *Aquarela de Basil* de Ary Barroso para piano a 8 mãos (Pinto, 2003, p. 03). Escreveu hinos para colégios de Varginha e muitas canções, algumas foram gravadas por Gregório Barros, Renato Guimarães e José Bento Reis. Importante ressaltar que, sobre as obras de Fernández, as únicas partituras encontradas durante a pesquisa foram as canções *Evocação* e *Leva-me pra Longe* com melodia e cifra, e a partitura incompleta de *La Maja de Antifaz*.

Figura 8: Capa da partitura de *La Maja de Antifaz*, de Cecílio Guilherme Fernández



Fonte: Arquivo de Elvira Gomes

Figura 9: Manuscrito de *La Maja de Antifaz*, de Cecílio Guilherme Fernández



Fonte: Arquivo de Elvira Gomes

Temos como registro em áudio, gravado no estúdio RGE no ano de 1960, a canção *Evocação*, por José Bento Reis, pai da professora Carla Silva Reis, orientadora deste trabalho. Esta gravação, que vale ressaltar o quão significativa é por seu valor histórico e simbólico, pode ser ouvida no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=SJS5pXNjgG0>. Na foto abaixo,

cedida por Carla Reis, seu pai se encontra ao lado do Maestro Cecílio Fernández, que está sentado ao piano. Há a assinatura de José Bento Reis e acima está escrito: “Minha primeira (e última) gravação”.

Figura 10: Disco da música *Evocação*, de Cecílio Guilherme Fernández, interpretado por José Bento Reis



Fonte: Arquivo de Carla Reis

Figura 11: Cecílio Guilherme Fernández e José Bento Reis



Fonte: Arquivo de Carla Reis

Uma das apresentações de Fernández, ocorreu no Grande Festival Artístico em apoio às obras da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. O espetáculo, intitulado *Magia Colorida*, foi um destacado complemento artístico do Festival, contando com a participação do maestro Cecílio Guilherme Fernández e seu conjunto de ritmos (Cartaz de propaganda do Grêmio Estudantil Varginhense, Chuvas de verão *apud* Sales, 2022, p. 394).

Hercílio Batista Pinto (1927-2007), tenor e escritor natural de Varginha, deu início à sua

formação musical na cidade como aluno do maestro Cecílio Guilherme Fernández, na Escola de Música Santa Cecília. Em 1958, ele apresentou um recital com peças de Franz Schubert, Giacomo Meyerbeer, Giacomo Puccini, Giuseppe Verdi, Heitor Villa-Lobos e Francisco Mignone, acompanhado ao piano pelo seu professor Maestro Cecílio Guilherme Fernández. (Sales, 2022, p. 424 e 425)

Segundo Castro (2011, p. 33), o professor tinha muitos alunos promissores, entre seus alunos, destacou-se um jovem pianista de Boa Esperança, chamado Nelson Freire. Impressionado com o talento de Nelson, Fernández aconselhou a família a encaminhá-lo para professores mais experientes, conforme relata o pai do pianista em carta de 1950:

(...)Tua mãe e eu começamos então a notar qualquer coisa de diferente nas tuas execuções. Resolvemos dar-te um professor mais adiantado, e tua mãe, religiosamente, como quem cumpre uma promessa, assumiu consigo mesma o compromisso de levar avante a tua instrução, levando-te semanalmente a Varginha, aonde ias a fim de estudar com o maestro Fernández. Ao fim de doze lições teu professor aconselhou-nos a rumarmos para o Rio. Não havia mais nada a te ensinar (...) (Silva, 1950)

Além de músico, Cecílio Guilherme desempenhou outras funções importantes na região. Segundo documentado em um recorte de jornal (sem data e identificação), encontrado em acervo da professora Carla Reis, Cecílio foi diretor artístico das emissoras de rádio de Varginha, a ZYB-2 e a ZYV-56. E, como documenta Sales, foi um dos membros fundadores da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, ocupando a cadeira número 6, atualmente mantida pela pianista Elvira Gomes (Sales, 2022, p. 406).

Sabe-se que, anos depois, após longa estadia em Varginha, o maestro mudou-se para Brasília para trabalhar como violinista na Orquestra Sinfônica de Brasília (Pinto, 2003). Após sua mudança para a capital federal, não foi encontrado mais registros de seu paradeiro.

Figura 12: Cecílio Guilherme Fernández como diretor artístico das rádios de Varginha



Fonte: Arquivo de Carla Reis

2.3 ONEYDA ALVARENGA

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil passava por transformações em vários âmbitos, mudanças importantes estavam acontecendo, e na arte não era diferente. Temos como principal exemplo na área cultural a Semana da Arte Moderna ocorrida, entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo. O evento foi o pontapé inicial para o movimento Modernista brasileiro, a valorização da nossa cultura estava em evidência e a cidade de Varginha estava representada, por meio da figura de Oneyda Paoliello Alvarenga que estabeleceu ligação direta com estes artistas de vanguarda.

Nascida em Varginha, em 6 de dezembro de 1911, Oneyda Alvarenga era de uma família de classe média que, segundo Sales (2019, p. 73), sempre demonstrou vocação artística e

literária. Logo após a conclusão do ensino secundário, ela se tornou professora do Colégio Santos Anjos, respeitada instituição de ensino da cidade. Além disso, iniciou seus estudos de piano em sua juventude, e por volta 1930, seus professores a aconselharam que ela fosse dar continuidade a seus estudos musicais em grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, pois alegaram ser uma aluna com talento (Alvarenga, 1983, p. 5).

Infelizmente, não foi possível identificar nos registros quem foram os professores de piano de Oneyda em Varginha. No entanto, com base nas datas e nos registros dos professores encontrados neste trabalho, existe a possibilidade de que Oneyda tenha sido aluna de Arnaldo Amarante ou Carmelita Braga, figuras sobre as quais escreverei em breve.

Com isso, suas amigas recomendaram que ela escolhesse o Conservatório Dramático de São Paulo, em específico, as aulas de piano com Mário de Andrade. Oneyda tinha três amigas, uma prima chamada Sylvia Alvarenga e uma tia que já haviam sido alunas de Mário. Com muita expectativa, ela tem sua primeira aula com Mário, e este após ouvir sua nova aluna tocar, diz: “É, você tem jeito, mas está muito maltratadinha” (Alvarenga, 1983, p. 7).

Segundo a própria Oneyda (1983, p.10), ela se liga definitivamente a Mário de Andrade quando sua mãe comenta que sua filha tem um livro de poesias com o nome de *Canções Perdidas*. Ele então pede o livro e Oneyda o empresta envergonhada, pois segundo ela eram “horrorosas as poesias”. No dia seguinte, Mário telefona e afirma que ela era uma poetisa. Depois dessa notícia, Oneyda sai correndo alegremente pela casa para contar a notícia aos familiares (Alvarenga, 1983, p.07). Após o ocorrido, ele passou a tratá-la de igual para igual como poetisa: “Daí vem que, se afetivamente nossa cartas são de igual para igual, intelectualmente são cartas de professor e aluna, por mais que ele me pusesse em pé de igualdade, se declarando desde o início da correspondência “*meu pouco mestre e muito amigo*” (Alvarenga, 1983, p. 11).

Nas cartas entre Mário de Andrade e Oneyda, publicadas em livro em 1983, os assuntos mais recorrentes são sobre poesia, discoteca e trabalhos sobre música brasileira, mas em alguns momentos Oneyda escreve sobre sua relação com o piano. Na carta de 28 de dezembro de 1933, a jovem pianista revela seu repertório, ela estava tocando *Prelúdios* e uma *Sonata* de Chopin, *Papillons* de Robert Schumann, *Prelúdio* de Bach e *Sonata opus 10 nº 2* de Luis de Beethoven, como escrevia Mário de Andrade (2012, p. 281). Na correspondência de 7 de fevereiro de 1935, sobre aulas de piano em Varginha, Oneyda escreve a Mário: “Faz três domingos que anuncio nos jornalecos da terra as minhas lições de piano. De alunas por enquanto, nem sombra. Acho que elas estão querendo me fazer passar fome” (Alvarenga, 1983, p. 81). Há outras passagens em que Oneyda reclama da qualidade do seu piano em Varginha e também da possibilidade de

abandonar os estudos de piano.

Oneyda Alvarenga concluiu seu curso de piano com distinção no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo no ano de 1934. Esta realização não apenas demonstrou sua proficiência musical, mas também seu comprometimento com a educação artística e cultural. Este marco foi significativo em sua trajetória, influenciando subsequentemente sua carreira como etnógrafa, escritora e pesquisadora da cultura brasileira.

Em 15 de fevereiro de 1932, o *Arauto do Sul* publicou um suplemento que mencionava a pianista varginhense Oneyda Alvarenga, então jovem estudante de piano em São Paulo. O jornal anunciava que Oneyda Alvarenga acompanharia as canções interpretadas por Jorge Fernandes durante sua apresentação. Este evento, registrado na Edição nº 700 do *Arauto do Sul* (Suplemento, p. 1), e, através de Sales (2022), foi o único documento que encontrei até o momento de uma apresentação de Oneyda Alvarenga ao piano na cidade de Varginha, na parte de eventos teremos mais detalhes sobre.

Abaixo segue a fotografia de Oneyda para formatura do conservatório, nesta fotografia há a seguinte dedicatória: “Para Mário com minha profunda amizade, Oneyda maio 1935.”

Figura 13: Retrato de Formatura de Oneyda pelo Conservatório em 1934



Fonte: Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP

Além de pianista, ela foi musicóloga, poetisa, folclorista, ensaísta e etnógrafa. Suas principais obras são: *Cateretês do sul de Minas Gerais* (1937); *Comentários e alguns contos e danças do Brasil* (1941); *A influência negra na música brasileira* (1946); *Mário de Andrade, um pouco* (1974); e o livro de poemas *A Menina Boba* (1938).

Sua obra intitulada *A Menina Boba*, rendeu muitos elogios de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira (2019, p. 75): “Como este Brasil é cheio de surpresas: (...) encontrei poesia mais grave, mais sutil e meditativamente terna, numa mineirinha de Varginha: Oneyda Alvarenga (Sales, 2018, p. 75). Em um outro artigo, o poeta diz:

Menina boba, que ‘devia ter nascido andorinha’. Mas como poeta [sic] a exprimir todos esses anseios de comunhão com o mundo, é inteligentíssima. Uma economia esclarecida dos recursos verbais, o equilíbrio rítmico, a escolha apurada das imagens dá aos seus breves poemas uma realização técnica impecável. (Bandeira, 1939, p. 10 apud Sales, 2018, p. 75).

Além de ter recebido críticas positivas, segundo Carozze (2012, p. 36), alguns poemas de Oneyda foram utilizados em canções por compositores significativos do movimento modernista brasileiro. As obras mencionadas incluem *A menina exausta nº 1 e 2* (1945), *nº 3* (1946), *nº 12* (1944), e *Asa ferida* (1946) de Cláudio Santoro. Além disso, Hans Joachim Koellreutter (1915-2005), compositor alemão, musicou duas de suas poesias, são elas, *Vieste enrolado nos perfumes dos manacás* e *Eu te esperei na hora silenciosa* (1942), também compôs *Poemas* (1943) e *Noturnos* (1945). Francisco Mignone também contribuiu com composições com *Doçura de manhãzinha fresca*, peça para piano solo baseada em um poema de *A menina boba*, dedicada a Oneyda.

Figura 14: Partitura da música *Doçura de Manhãzinha Fresca*, música de Francisco Mignone dedicada à Oneyda Alvarenga



Fonte: MIGNONE, *Doçura de manhanzinha fresca*, 1942, partitura.

O escritor Mário de Andrade coordenava o Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo e, em 1935, idealizou e criou a Discoteca Pública Municipal de São Paulo. Por convite dele, naquele mesmo ano, Oneyda Alvarenga se muda para a capital paulistana definitivamente, para assumir a diretoria da Discoteca Pública, com o intuito de organizar e catalogar o seu acervo musical e cultural, tarefa que realizou até a sua aposentadoria, em 1968. Oneyda organizou varias audições como se fossem aulas de história da música, algumas destas audições estão disponíveis no site de Valquiria M. Carozze, pesquisadora e autora da dissertação de mestrado “*A Menina Boba e a Discoteca*” (2002) pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Identidades Brasileiras da Universidade de São Paulo.

Figura 15: Grupo de Estudos de História da Música. Da esquerda para Direita, Carlos Ostronoff, Sonia Stermann, Oneyda Alvarenga, Mário de Andrade e Climene de Carvalho, em 1934



Fonte: Arquivo do IEB-USP/Dissertação de Valquíria Maroti Carozze

No ano de 1987, como homenagem à sua primeira diretora, a Discoteca Pública Municipal recebeu o nome de Oneyda Alvarenga (SALES, 2019, p. 77). Após sua morte, no dia 23 de fevereiro de 1984, salas de espaços culturais e logradouros públicos receberam a denominação Oneyda Alvarenga, em Varginha e em São Paulo. Em Varginha, receberam o nome Oneyda Alvarenga: o Museu Municipal e uma rua no bairro Minas Gerais. Em São Paulo, a “Discoteca Oneyda Alvarenga” do Centro Cultural São Paulo e a “Rua Oneyda Alvarenga” na Vila da Saúde.

2.4 ADRIENNE DINIZ VALLIM

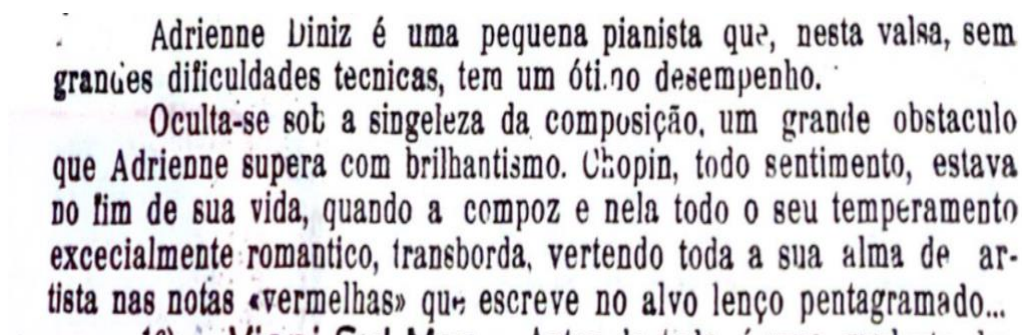
Registros sobre Adrienne Diniz Vallim foram encontrados na Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciência, nos documentos de suas ex-alunas Elvira Gomes e Eldah Drummond, e em especial no acervo da própria Adrienne, guardados e cedidos gentilmente por sua filha Viviane Diniz.

Adrienne Diniz, nascida em 15 de setembro de 1933 na cidade de Varginha, filha de Manoel Diniz e Julieta Rainato Diniz, manifestou desde cedo um interesse pelo piano. Reconhecendo a vontade da filha, seu pai tomou a iniciativa de procurar o Maestro Cecílio Fernández para iniciar os estudos musicais da jovem pianista. Essa decisão evidenciou como o

apoio familiar é crucial para moldar o desenvolvimento artístico de Adrienne e consequentemente o ambiente em que ela estava inserida.

Em um dos registros encontrados, há a apresentação da jovem Adrienne, aos 13 anos tocando a *Valsa opus 69 nº 1* de Chopin na *Noite da Valsa*, em 1946, organizada por seu professor Guilherme Fernández, evento já citado neste trabalho. Neste programa há uma menção à Adrienne e seu “ótimo desempenho” ao piano.

Figura 16: Nota sobre Adrienne em *Noite da Valsa* de 1946

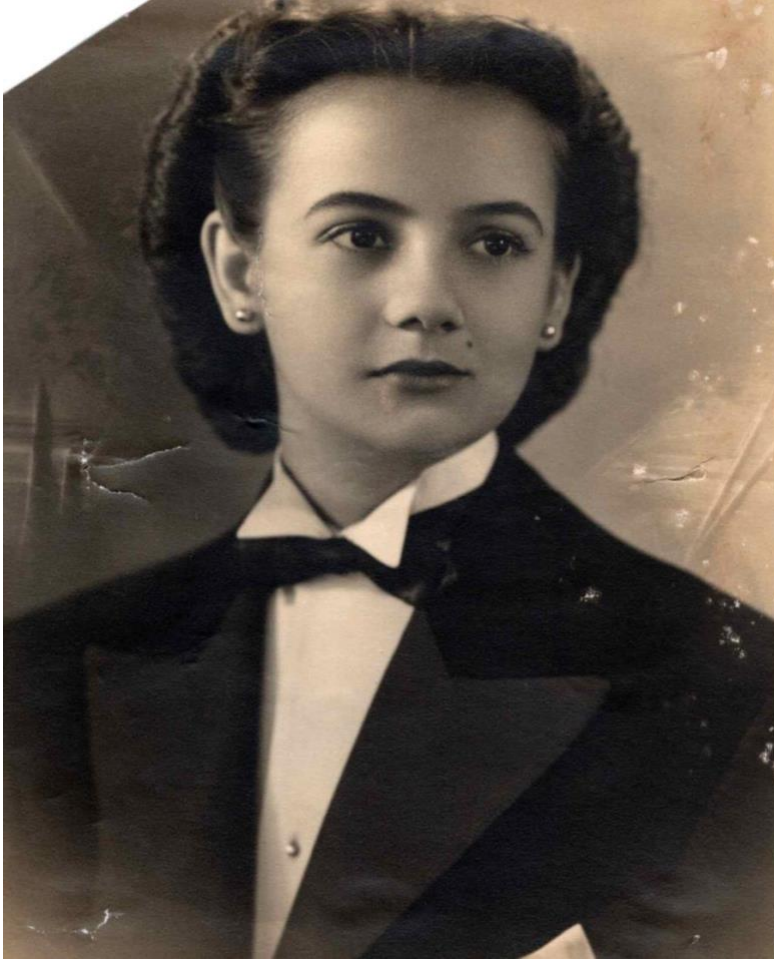


Fonte: Acervo de Elvira Gomes Carvalho Pinto

Após alguns anos de estudo com o Maestro Cecílio Guilherme Fernández em Varginha, Adrienne Diniz se mudou para o Rio de Janeiro em 1949, continuando seus estudos de piano com a professora Luiza Quadros. Em 1953 teve a honra de estudar sob a tutela do professor e pianista Guilherme Fontainha pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde se formou licenciada em piano em 1955. Nesta instituição, além de aprimorar suas habilidades pianísticas, teve a oportunidade de estudar harmonia e morfologia sob a orientação do Maestro Agnello França. Em seu texto, *Heitor Villa-Lobos, um gigante*, escrito em 23 de abril de 1966 para a Academia de Ciências, Letras e Artes de Varginha, Adrienne mostra que nutria um profundo orgulho por ter sido aluna de França:

Felicidade e honra me foram concedidas por ter sido aluna, na cadeira de Harmonia e Morfologia, do grande e saudoso Maestro Agnello França, durante meus estudos na Escola Nacional de Música, pela Universidade do Brasil. Dentre todos seus alunos, Agnello França orgulhava-se, sobremaneira, de ter sido mestre de Heitor Villa-Lobos, a quem chamava, carinhosamente e respeitosamente: VILLA-LOBOS, UM GIGANTE:... (Vallim, 1966, pg.1)

Figura 17: Retrato de Formatura de Adrienne Diniz em 1955



Fonte: Acervo de Viviane Diniz

A partir de 1956 Adrienne retorna à Varginha, formada e especializada em formar pianistas e professores de piano. O jornal *Correio do Sul*, edição de 1957, em uma matéria que felicita Adrienne Diniz pelo seu aniversário, é registrado que: “Regressando à Varginha, (Adrienne) não tardou em iniciar suas atividades artísticas e criando uma escola de música já bem acolhida em nosso meio e frequentada por grande número de alunas” (Jornal *Correio do Sul*, 1957).

Como professora, Adrienne organizava anualmente recitais com seus alunos, cujos programas de audição abrangem os anos de 1958 a 1964. Entre os participantes desses recitais destacam-se figuras que viriam a desempenhar papéis significativos como professores de piano na região sul de Minas Gerais, incluindo Eldah Regina Ramos Drummond, Dalva Resende e Elvira Pedrosa Gomes. Além disso, alguns desses nomes foram mencionados em entrevistas realizadas posteriormente pelo autor, como Reginaldo Britto Rabelo, João Batista Baroli, Eldah Drummond e Elvira Gomes.

Essas audições eram extensas, atraíam um grande número de participantes e apresentações e serão descritas com mais detalhes na seção de eventos.

Figura 18: Adrienne e as Alunas Isabel Albuquerque, Myrian Prince, Adrienne Diniz, Elvira Gomes, Ligia Paiva e Dalva Resende (1964)



Fonte: Acervo de Viviane Diniz

Figura 19: Adrienne e as alunas: Myrian Reis, Rosa Maria Alves, Dalva Resende, Adrienne Diniz, Ângela Inês e Eldah Drummond (1965)



Fonte: Acervo de Eldah Drummond

Acadêmica, diplomada em piano, pedagogia e direito, Adrienne se tornou membro efetivo da cadeira nº 15 da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciência em 1966. Na ata datada de 26 de março de 2012, é registrado um momento de reflexão acerca do falecimento de Adrienne Diniz Vallim, que era reconhecida como membro correspondente da Academia, residindo em Belo Horizonte.

No biênio 1966-1967, Adrienne Vallim assumiu papel de destaque na instituição, tendo ocupado a vice-presidência no. Ela foi a primeira ocupante da cadeira nº. 25 da Academia, além de ter sido a primeira mulher a exercer o cargo de vice-presidente (Sales, 2015).

Como Maestrina, Adrienne fundou, dirigiu e regeu o Coral Orfeão Villa-Lobos em 1962, como documenta o convite de um jantar realizado na casa da amizade no Rotary Clube dia 26 de agosto de 1963. Também fundou e dirigiu o Coral Cor-Angelis de Varginha em 1967, conforme documentado em 4 de novembro de 1971, durante a contribuição do coral no concurso para o Hino da cidade de Varginha.

Foi fundadora do Departamento de Varginha da Academia de Música Lorenzo Fernández do Rio de Janeiro em 1968. Segundo o jornal Correio do Sul, edição de 23 de março

de 1968, o evento aconteceu no Salão Nobre do Clube de Varginha com a participação da Orquestra Juvenil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A partir desta data, a Academia de Música Lorenzo Fernández surgiu na história da cidade recebendo um número expressivo de alunos e promovendo até três audições de piano anuais.

Adrienne Diniz desempenhou um papel fundamental como fundadora do Departamento de Varginha da Academia de Música Lorenzo Fernández, sediada no Rio de Janeiro, no ano de 1968. Segundo reportagem do jornal Correio do Sul, datada de 23 de março de 1968, o evento inaugural ocorreu no Salão Nobre do Clube de Varginha, contando com a participação da Orquestra Juvenil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Esse marco histórico marcou o estabelecimento da Academia de Música Lorenzo Fernández na cidade, iniciando um período caracterizado pela adesão significativa de alunos e pela realização de até três audições de piano anuais. A presença da Orquestra Juvenil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro no evento inaugural sublinhou a importância cultural e educacional da iniciativa de Adrienne Diniz.

Os programas das audições da Academia Lorenzo Fernández, sob a direção de Adrienne Diniz, foram preservados e estão arquivados no acervo de Elvira Gomes, uma ex-aluna de Adrienne e também professora na referida Academia. Três convites foram identificados referentes a audições de alunos nos anos de 1968, 1969 e 1971. Estes documentos foram destinados ao público, convidando para assistir às apresentações dos alunos, bem como para a entrega de certificados de teoria musical e conclusão do curso técnico em piano.

A existência desses convites evidencia não apenas a prática regular de audições para demonstrar o progresso dos estudantes, mas também o compromisso da academia em celebrar e reconhecer as conquistas dos seus alunos. Vale a pena ressaltar que temos muitos outros programas de audições da escola, mas aqui me restrinjo apenas aos que a Academia estava sobre a direção de Adrienne, que datam dos anos da fundação até 1977, pois em 1978 Adrienne se mudou para Belo Horizonte.

Como pianista, Adrienne participou em diversos recitais ao longo de sua carreira. Documentos encontrados registram suas apresentações em recitais de piano realizados em várias cidades, incluindo Belo Horizonte, Varginha e Campanha em Minas Gerais; Vassouras e Rio de Janeiro no estado do Rio de Janeiro; e Vargem Grande do Sul e na capital paulista, no estado de São Paulo. Nessas ocasiões, o repertório incluía obras de compositores do cânone europeu, como Chopin, Rachmaninov, Bach, Liszt, entre outros. Esses registros documentam não apenas a atividade artística de Adrienne Diniz como pianista, mas também destacam sua atuação em diversas localidades, contribuindo para a difusão e apreciação da música para piano.

Segue abaixo a lista dos documentos encontrados de apresentações de Adrienne Diniz:

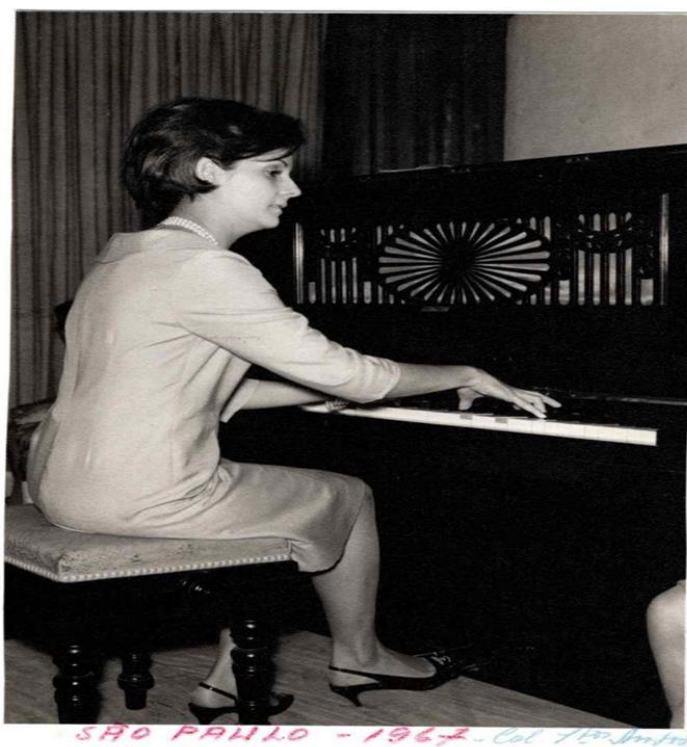
- 1946 – Solo de piano em Noite da Valsa – Escola Musical Santa Cecília – Varginha – MG.
- 1949 – Solo de piano na Festa de Entrega de Prêmios do Ano Letivo de 1950 do Colégio dos Santos Anjos do Rio de Janeiro -RJ.
- 1951 – Solos de piano no 3º aniversário da Plêiada Varginhense – “O Romance do Piano” no Clube de Varginha – MG.
- 1953 – Solos de piano e acompanhamentos – “Hora de Arte” no Orfeão Português – Rio de Janeiro – RJ.
- 1954 – Recital de Piano em benefício da Escola Normal dos Santos Anjos no Cine Theatro Capitólio – Varginha – MG.
- 1957 – Solos de piano e acompanhamentos – “Noite de Arte” no Cine Theatro Capitólio – Varginha – MG.
- 1957 – Solos de piano – Festa de Homenagem a Religiosas dos Santos Anjos no Cine Theatro Capitólio – Varginha – MG.
- 1957 – Solos de piano e acompanhamentos – Festa de Formatura na Escola Normal dos Santos Anjos Varginha – MG.
- 1958 – Solo de piano – Sessão Solene da Posse da Nova Diretoria da Academia Sul-Mineira de Letras no Salão de Festas do Colégio Nossa Senhora de Sion – Campanha – MG.
- 1958 – Solos de piano – Jantar Festivo do Rotary Clube – Varginha – MG.
- 1958 – Solo de piano – Sessão Littero- Musical no Salão Nobre do Colégio Coração de Jesus – Varginha – MG.
- 1961 – Solo e acompanhamentos ao piano – Reunião do “O Jornal Feminino” e do “Clube das Leitoras” no Clube de Varginha – MG.
- 1962 – Solos e acompanhamentos ao piano – “Grande Festival de Melodias” no Salão de Festas do Colégio Coração de Jesus – Varginha – MG.
- 1962 – Piano a 4 mãos “Noite de Arte” no Salão de Festas do Colégio dos Santos Anjos – Varginha – MG.
- 1970 – Concerto de Piano – Dulcemar Lafaille Silva e Adrienne Diniz no Auditório do Colégio Nossa Senhora de Sion – Campanha – MG.
- 1973 – Solos de piano e apresentações a 2 pianos – “Ano Jubilar da Fundação do Colégio dos Santos Anjos” no Salão de Festas do Colégio dos Santos Anjos – Varginha – MG.
- 1981 – Recital de piano – Comemoração do Sesquicentenário de Fundação da Congregação dos Santos Anjos.

Figura 20: Recital de Adrienne Diniz na *Noite da Arte* no Theatro Capitólio em 1957



Fonte: Acervo de Viviane Diniz

Figura 21: Recital de Adrienne Diniz no Colégio Santos Anjos em 1967 (SP)



Fonte: Acervo de Viviane Diniz

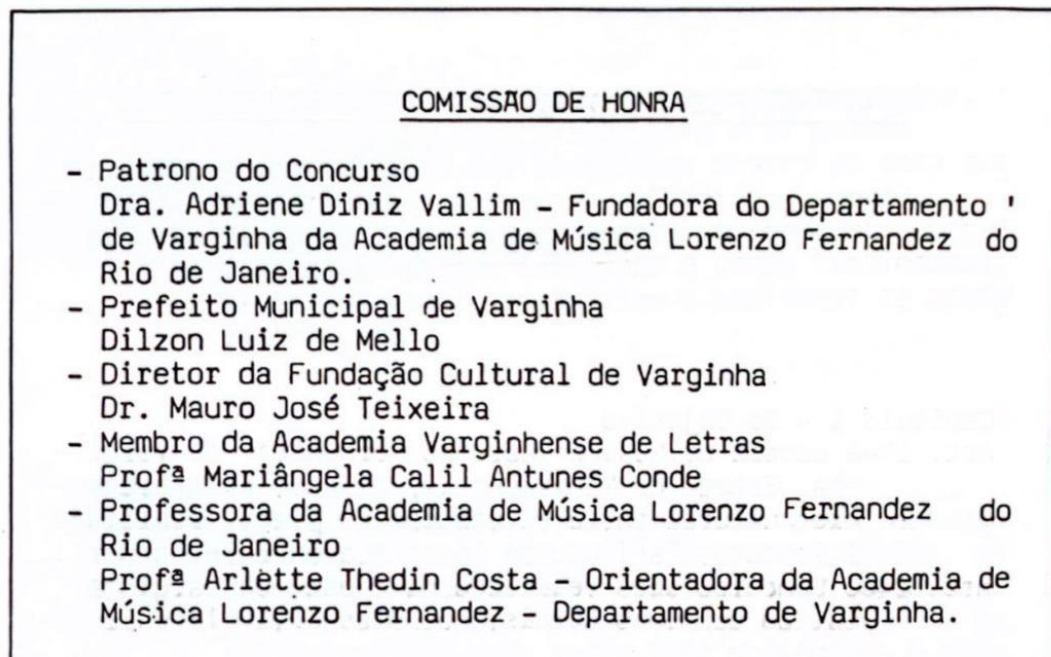
Além de possuir licenciatura em piano pela Escola de Música da Universidade Federal

do Rio de Janeiro, Adrienne Diniz obteve bacharelado em direito pela Faculdade de Direito de Varginha, onde estudou entre os anos de 1966 e 1970. Também completou sua formação com uma licenciatura em pedagogia pelo Instituto Superior de Ciências, Letras e Artes de Três Corações nos anos de 1973 e 1977. Entre os anos de 1972 e 1979, Adrienne Diniz exerceu o cargo de diretora da 27ª Delegacia Regional de Ensino em Varginha. Em 1981, atuou como assessora do gabinete da Secretaria do Ministério da Educação e Cultura (MEC) em Belo Horizonte. A partir de 1983, desempenhou o papel de Consultora no setor de Legislação e Normas da Diretoria de Ensino Supletivo da Secretaria de Estado da Educação.

Essa trajetória acadêmica e profissional evidencia não apenas a versatilidade de Adrienne Diniz em áreas distintas, como música, direito e educação, mas também seu compromisso e contribuição significativa para o campo educacional e administrativo ao longo de sua carreira.

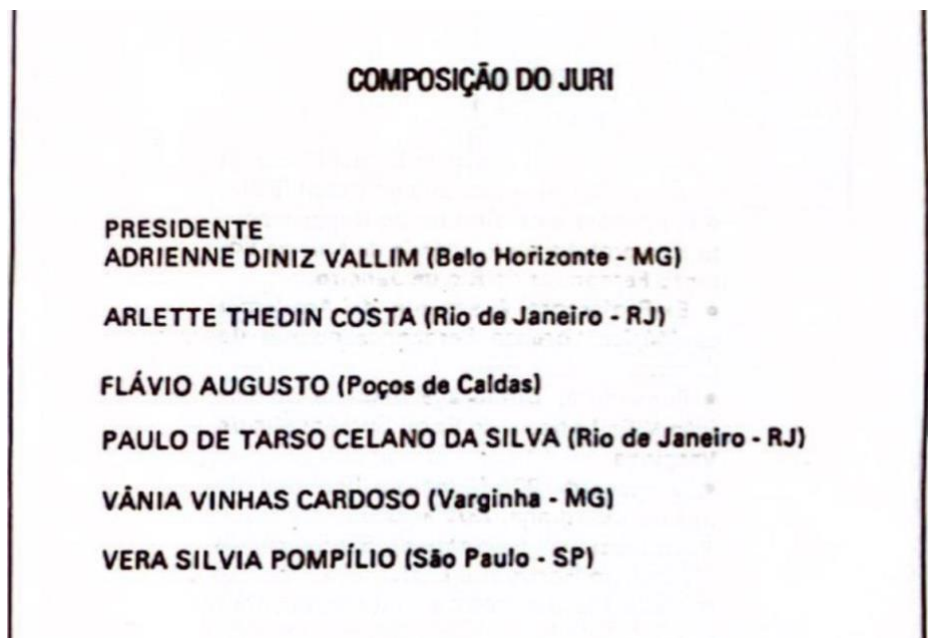
Após mudar-se para Belo Horizonte em 1978 e dedicar-se à trabalhos não relacionados ao piano, em 1987 Adrienne retorna a Varginha para participar do I Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández, organizado pela então Escola de Música Lorenzo Fernández, sob a direção de suas ex-alunas Eldah Drumond, Elvira Gomes e Dalva Resende. Na ocasião, Adrienne Diniz Vallim foi homenageada como patrona do concurso e convidada para integrar a banca avaliadora ao lado dos pianistas Flávio Augusto, Arlete Thedim Costa, Vera Sílvia Pompílio, Paulo de Tarso Celano da Silva e Vânia Vinhas Cardoso.

Figura 22: Caderno do Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández – Adrienne Patrona do concurso (1987)



Fonte: Acervo de Elvira Gomes

Figura 23: Caderno do Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández – Adrienne Presidente do juri (1987)



Fonte: Acervo de Elvira Gomes

Este evento marcou o retorno de Adrienne Diniz à cidade de Varginha e ressaltou sua

influência contínua no cenário musical local contribuindo como jurada em um concurso voltado para o estímulo e desenvolvimento de jovens pianistas. A participação de Adrienne na banca examinadora reflete seu reconhecimento e respeito no meio musical, consolidando seu papel como uma figura de importância na educação.

Há unanimidade entre os entrevistados sobre a relevância de Adrienne para o ensino e performance em Varginha, nos relatos recolhidos entre os entrevistados destaco as palavras de Eldah Drummon, sua ex aluna:

A Prof. Adrienne Diniz foi a responsável por plantar a semente do ensino de piano em Varginha, em uma época (anos 50) que não era usual moças irem estudar em universidades nas capitais, ela foi fazer sua Graduação em Piano na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. Voltou a sua terra natal onde trabalhou intensamente no ensino do Piano aos varginhense e alunos interessados de cidades da região, tais como Três Pontas, Boa Esperança, Três Corações, Elói Mendes e outras. Importante ressaltar que na região toda, a Adrienne era a única preparada a lecionar e formar bons professores e pianistas.¹

Essa personalidade exerce uma influência notável não apenas em Varginha, mas em outras cidades do sul de Minas Gerais e na capital Belo Horizonte. Isso é evidenciado pela comoção expressa na nota de pesar pelo falecimento da pianista Adrienne Diniz Vallim, ocorrido em 2 de março de 2012:

Faleceu hoje (02), em Belo Horizonte, a varginhense Adrienne Diniz Vallim. Filha de tradicional família, uma mulher de espírito jovem que muito fez por nossa cidade. Trabalhou por muitos anos com a educação, tendo seu nome registrado como uma das primeiras superintendentes regional de ensino, tendo ocupado diversos cargos da Secretaria da Educação do Estado de Minas Gerais, além de seus muitos trabalhos artísticos: pianista, poetiza e membro da academia varginhense de Letras. Adrienne também compôs a primeira turma de bacharéis da Faculdade de Direito de Varginha, e será sempre lembrada por seus esforços pelo justo e pelo certo.

Em Varginha, durante a administração do prefeito Aloysio Ribeiro de Almeida, deixou sua marca no âmbito educacional e cultural da cidade, sendo por isso lembrada até os dias atuais. Amigos e familiares lamentam sua perda. (Disponível: <https://acervo.blogdomadeira.com.br/2012/03/02/morre-adrienne-diniz-vallim/> Acessado em: 19 de abril de 2024.)

¹ Informações fornecidas por Eldah Regina Ramos Drummond, em 20/08/2023. Disponível no apêndice D dessa dissertação.

2.5 OUTROS NOMES

Outros nomes revelados por essa pesquisa de pianistas que passaram por Varginha são o da pianista Manica Ximenes, da professora Carmelita e sua irmã Carmen Braga, e do professor Arnaldo Amarante. Vale a pena ressaltar que foram encontradas poucas informações documentadas sobre estes personagens.

Segundo Sales (2022), Manica Ximenes de Souza é nome presente no cenário cultural de Varginha, como pianista do Teatro Municipal, do Cinema e estava sempre tocando em festivais beneficentes na cidade de Varginha a partir da segunda década do século XX.

Segundo o jornal O MOMENTO (Edição nº 29, p. 2. Varginha, 30 abr. 1922), em abril deste ano, Manica contribuiu para um espetáculo beneficente realizado no Teatro Municipal, onde executou peças musicais ao piano, enquanto alunas do Colégio Evangélico Americano apresentaram uma comédia, diálogos caipiras e poesias. Contudo, eventos culturais nem sempre decorriam pacificamente; em março de 1922, durante uma de suas apresentações, “manifestações políticas causaram perturbações, com objetos sendo lançados ao palco” (Sales, 2022, p. 116).

Em 1928, Manica Ximenes organizou um Festival Artístico cuja arrecadação beneficiou as obras da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. Mais tarde, em 1931, consta no jornal ARAUTO DO SUL (Edição nº 690, p. 6. Varginha, 06 dez. 1931), que D. Manica Ximenes coordenou um Grande Festival em apoio ao 4º Concurso de Robustez Infantil (Sales, 2022).

Destaca-se ainda que em 1933, Manica Ximenes foi fundamental na organização do Grande Festival Artístico com o objetivo de apoiar jovens dedicados à vida sacerdotal, destacando-se pela direção de um grupo de senhoras varginhenses em apresentações culturais de caráter beneficente (Sales, 2022).

De acordo com o historiador José Roberto Sales (2022), sobre a restrição das mulheres de Varginha entre 1927 e 1945, elas encontravam-se predominantemente ausentes do mercado de trabalho, exceto nas ocupações de professora, secretária ou enfermeira. Este contexto social foi rapidamente transformado pelo pós-guerra de 1945. Para muitas mulheres, o engajamento em atividades artísticas representava uma forma de emancipação: elas podiam expressar os talentos artísticos cultivados em contextos familiares ou adquiridos por meio de educação musical formal ou instrução particular. A participação feminina em peças teatrais era geralmente aceita em produções de caráter religioso, que enfatizavam um conteúdo moral e

educativo, assim como o respeito aos costumes sociais na linguagem, enredo e vestuário.

Para entendermos melhor a atuação da professora Carmelita Braga, já que quase não foram encontrados documentos e relatos sobre, vou explicar uma breve biografia sobre seu pai, homem significativo para a sociedade varginhense em vários aspectos.

Segundo Madeira (2021), Pedro da Rocha Braga, pai de Carmem e Carmelita, era um personagem querido pela cidade por seu humor e suas melhorias para a cidade de Varginha.

Pedro da Rocha Braga, natural de Campos, Estado do Rio de Janeiro, mudou-se para Varginha em 1886 para assumir a direção do Colégio Santo Antônio, fundado por seu pai, o Capitão Antônio Caetano da Rocha Braga. Reconhecido como um educador dedicado e entusiasta da instrução, Braga não apenas liderou o colégio, mas também se estabeleceu como farmacêutico abrindo a Farmácia Braga em 1888, que se tornaria uma instituição tradicional na cidade.

Além de suas realizações educacionais e comerciais, Pedro da Rocha Braga destacou-se como um promotor de arte e cultura em Varginha. Organizava uma banda de música local, discursos cívicos e passeatas em comemoração às datas históricas nacionais. Em um ato simbólico, promoveu uma grandiosa celebração em 1889 para marcar o Dia 13 de Maio, evento que celebrou a libertação dos escravos e causou impacto com ex-senhores de escravos varginhenses.

Braga também foi um pioneiro no jornalismo local, sendo um dos fundadores do jornal "Gazeta de Varginha" em 1º de janeiro de 1893. Além disso, sua visão cultural incluiu a criação da Sociedade Dramática de Varginha em 1906, que apresentou uma série de espetáculos teatrais muito apreciados pela população, demonstrando sua habilidade em unir entretenimento e educação pública.

Pedro Braga foi responsável por trazer à cidade a "Lanterna Mágica", um precursor do cinema, que encantou os habitantes locais com projeções de sombras animadas em uma tela. E em 1909, ele introduziu o primeiro cinema de Varginha, o Cinema Brazil, (escrito como se grafava, com z) que proporcionou cultura, diversão e lazer à comunidade.

Figura 24: Cinema Brazil em 1909



Fonte: Acervo José Roberto Sales (2022)

Em um ambiente mais íntimo, Braga fundou o "Ideal Clube Phylosophico", um grupo de músicos liderados por ele que organizava saraus musicais improvisados em residências locais, promovendo não apenas a música, mas também o convívio social e cultural entre os habitantes de Varginha.

Pedro da rocha Braga casou-se com Elisa Severo da Costa, e tiveram duas filhas, Carmem Braga e Carmelita Braga. Na fotografia da família Braga, datada de 1920, encontrada na Fundação Cultural, encontra-se o patriarca Pedro da Rocha, sua esposa Elisa Severo da Costa, e três meninas, Carmem Braga, Carmelita Braga e uma terceira que não encontrei sua identidade, conforme documentado em Madeira (2021), o casal teve apenas duas filhas.

Figura 25: Família Braga (1920)



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

Pedro Braga foi um entusiasta de arte, de acordo com Nico Vidal, ao trazer o Cinema Brazil à cidade, suas filhas Carmem e Carmelita participavam na sonoplastia do cinema:

A “sonoplastia” de seu cinema era piada... Garotos com caixões, latas, pedaços de trilhos e outros “troços” mais, que eram atirados ao chão, martelados etc., atrás da tela, a fim de coincidir com as cenas desenroladas. Suas duas garotas, Carmem e Carmelita faziam a dublagem nas cenas de crianças substituindo com suas vozes os ilegíveis “letrados”... (Madeira, 2021, p. 126)

Nos arquivos procurados, pouca coisa foi encontrada em relação ao estudo de música da família de Pedro Braga, mas é sabido que Carmelita Braga foi professora de piano. Foi encontrado um programa de audição de alunas da professora Carmelita Braga, datado de 1937. Mais detalhes deste evento no decorrer do trabalho.

Figura 26: Audição dos alunos de Carmelita Braga em 1937



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

Figura 27: Programa da audição dos alunos de Carmelita Braga



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

Sobre Carmem Braga, foi relatado em Sales (2022) sua presença como pintora em julho de 1926, em uma exposição coletiva de pinturas no Clube de Varginha, na qual participaram diversos pintores locais, além de Carmem Braga estavam Carlos Silva e Aurélia Rubião.

Registros foram encontrados de um outro músico atuante em Varginha, Arnaldo Amarante era professor, maestro e compositor. Arnaldo Amarante, músico natural de São Lourenço que residiu em Varginha durante alguns anos. Não encontrei ao certo seu tempo de

permanência em varginha, mas documentos encontrados apontam quem o Maestro já residia em Varginha em 1937 e que em 1945 já se estabelecia em São Lourenço.

O primeiro registro foi encontrado em Sales (2022, p. 392), datando 1937. O grupo de teatro *Grêmio Amor à Arte* apresentou a peça *Milagres de Santo Antônio*, um drama sacro-histórico. A encenação foi enriquecida com "lindos números de música de Duilio Dante Maselli e Romualdo Oliveira", acompanhados pela orquestra regida pelo maestro Arnaldo Amarante. Além de sua habilidade como maestro, Amarante também era compositor, sendo o autor de "Marta", obra que não teve informações sobre a instrumentação, e que em breve seria disponibilizada para venda em Varginha, estando já em processo de impressão. O espetáculo teatral ocorreu no mesmo dia após a exibição cinematográfica, conforme relatado nos jornais *Arauto do Sul* e *O SUL-MINEIRO* em novembro de 1937.

Neste caso, a fonte foi um programa de audição de alunos, sem data, porém, supostamente de data aproximada à audição de Carmelita Braga de 1937. No programa desta audição consta que seria no "próximo dia 16 às 15:30 horas no Theatro Capitólio" e contou com 35 peças de nível inicial e intermediário do repertório tradicional distribuídas por 27 alunos.

Figura 28: Programa da audição dos alunos de Arnaldo Amarante



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

Em Sales (2022, p. 303), no ano de 1939, a pianista e cantora Aurélia R. Vergara, fez um recital em que o maestro Arnaldo Amarante acompanhou-a ao piano. Segundo o jornal *O SUL-MINEIRO* (edição nº 560, p. 2. Varginha, 17 de setembro 1939), o Maestro Amarante

acompanhou nas obras de Manuel Maria Ponce, Carlos Gomes, Isaac Albeniz, Giacomo Puccini, Guiseppe Verdi e outros.

Segundo relatado por José Roberto Sales (2022, p. 280), em 30 de junho de 1939, a orquestra do Theatro Capitólio de Varginha era composta pelos seguintes músicos: Arnaldo Amarante, que atuava como maestro e tocava piano; Pedro Chagas Dias, responsável pelo contrabaixo; José Fonseca, que tocava flauta; e Carlos Zink, violinista. Na fotografia abaixo, em novembro de 1927, o maestro da orquestra ainda não era Arnaldo Amarante, era Ricciotti Volpe (1876-1941), nascido em Comune di Buccino, uma pequena vila na região da Campania, província de Salerno, Itália, e falecido em Lavras, Minas Gerais.

Figura 29: Orquestra do Theatro Capitólio de 1927



Fonte: Acervo José Roberto Sales (2022)

De acordo com Sales (2022, p. 403), no início da década de 1940, ocorriam regularmente audições de piano em Varginha, as quais eram organizadas e coordenadas pelo professor Arnaldo Amarante. O Maestro Amarante, além de seu papel como organizador dessas audições, era reconhecido não apenas como um educador, mas também como um músico versátil e influente na vida cultural da cidade na época.

No jornal *O Sul-Mineiro* do dia 18 de janeiro de 1945, foi publicada um texto na seção

intitulada “Notas Mundanas” que parabeniza o maestro Amarante pelo seu aniversário. O texto de 1945 afirma que Arnaldo Amarante residia à época em São Lourenço, mas que havia se estabelecido em Varginha anos antes de 1945 por um longo período.

Figura 30: Nota do jornal O Sul-Mineiro do dia 18 de janeiro de 1945 de Arnaldo Amarante

NOTAS MUNDANAS

Bom Dia Para Você...
(Cronica de Affonso Celso, traduzida
pelo sr. Carlos Zinck, do ZYB-2)
Bom dia para você, radio-ouvinte do
ZYB-2, cujos olhos em longa espera
sempre estiveram voltados para a al-
vorada de hoje, desejando-a intensa-
mente e esperando-a como uma pro-
missa de destino, uma promessa na
qual confiava, estando constantemente
que os albores de um novo dia anun-
ciassem a sua alvorada.

Bom dia para você que, afinal, vem
para o dia de hoje na expectativa de
que ele seja destinado a figurar no
calendário da sua felicidade como o
instante supremo da vida, o momento
que o destino escolheu para fazer cum-
prir a sua promessa ansiosamente an-
siada e esperada através de longos
anos.

Para você, que sempre teve os olhos
voltados para esta alvorada e hoje a
está recebendo com a alma cheia de
esperanças, o bom dia amigo e cordial
do ZYB-2.

Aniversarios
Fazem anos hoje: o sr.
Ismael Paiva, aqui residente;
o Maestro Carlos Zinck,
músico e auxiliar da Joa-
lheria Esportiva; o peque-
no José, filho do sr. Pedro
Roque, fiscal da Prefeitura
Municipal de Varginha; o
interessante Roque Antonio
filho do sr. Guido Gazola,
residente no Rio; o sr.
Murilo Frota Albuquerque,
aqui residente; a menina
Terezinha, filha do sr. Jay-
me Bittencourt e de sua
exma. sra. d. Margarida Ta-
vares Bittencourt.

Salatiel de Souza
Encontra-se na cidade o
sr. Salatiel de Souza, Che-
fe de Escritorio da Cia. de
Cigarros Sudan, em São
Paulo.

MAESTRO ARNALDO AMARANTE

Vê transcorrer hoje a sua
data natalícia o nosso dis-
tinto amigo Maestro Arnal-
do Amarante, residente em
São Lourenço e que aqui,
onde também residiu du-
rante muito tempo, deixou
um grande círculo de a-
migos e admiradores.

A's muitas felicitações
que por certo receberá ho-
je o maestro Arnaldo A-
marante, juntamos os cum-
primentos amistosos do O
SUL MINEIRO e ZYB 2.

**Cel. Antonio Fortunato
de Almeida**
Após alguns dias de per-
manência nesta cidade, co-

DR. GERALDO VIANA
CIRURGIA GERAL
Estomago — Intestino — Vias Biliares
Rua Santa Cruz, 227 — VARGINHA — Fone. 132

Tiragem
Ano XV
mo hóspede
sr. Antonio
meida, vi-
de onde
Rio, sua
so amigo
tunato do
talista na
Henrique
A com
exma, sra
man Meri-
dade, a
tuado pr
Van Mer
São Paul

CAM
TRI
Dr. M
Regre-
ba, dei-
sua ex-
graciosa
particul-
go, dr.
brilhan-
dente
cidade
neiro.
D. M
Ferreir
Está
exma.
Lourde

Fonte: Acervo da Fundação Cultural

De acordo com Sales (2022, p. 403), no início da década de 1940, ocorriam regularmente audições de piano em Varginha, as quais eram organizadas e coordenadas pelo professor Arnaldo. O Maestro Amarante, além de seu papel como organizador dessas audições, era reconhecido não apenas como um educador, mas também como um músico versátil e influente na vida cultural da cidade na época.

D. Hyrma Paiva, foi personagem encontrada em documentos, citada na página 7 do elogio à Heitor Villa-Lobos escrito por Adrienne Diniz Vallim para a Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, Hyrma também é mencionada na entrevista de Elvira Gomes como uma figura importante para o desenvolvimento do piano na cidade.

Sob a orientação de Arnaldo Amarante, Hyrma Paiva participou da Audição dos alunos de Amarante na década de 1940, onde apresentou uma *Valsa* de Durand, a *Marcha Nupcial* de Mendelssohn e o *Hino Nacional*, tocados em um formato de seis mãos. Além disso, como aluna de Cecílio Guilherme Fernández, ela se destacou na *Noite da Valsa* em 1946, tocando a peça de introdução composta por Fernández e a *Valsa opus 18* de Chopin.

2.6 AS ALUNAS DE ADRIENNE

O legado de dedicação ao ensino de piano deixado por Adrienne Diniz é visível na trajetória de suas ex-alunas, que seguiram seus passos com empenho e compromisso. Dalva Resende, Eldah Regina Ramos Drummond, Elvira Gomes Pinto, Cida Valle e Vânia Vinhas são exemplos claros de como a dedicação ao ensino podem ser transmitidos de uma geração para a outra.

Cada uma dessas alunas, ao dar continuidade ao trabalho de sua professora, contribuiu para a formação de novos pianistas e para a disseminação dos valores e técnicas aprendidos sob a orientação de Adrienne Diniz.

Para selecionar os personagens deste trabalho, escolhi focar nos quatro professores que organizaram e idealizaram o *I Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández*, evento realizado em 1987, evento este que marca uma profunda mudança artística na cidade de Varginha e que delimita a data de encerramento desta pesquisa. Os professores são: Flávio Augusto Borges de Oliveira, o idealizador do concurso; e as organizadoras Dalva Resende, Elvira Gomes de Carvalho Pinto e Eldah Regina Ramos Drummond.

A professora Dalva Resende foi uma figura marcante na cena musical de Varginha, sendo amplamente reconhecida e querida por aqueles que tiveram a oportunidade de conhecê-la. Informações encontradas em blogs de notícias da cidade, no site do conservatório, no programa elaborado pela professora Roseane Ribeiro para a homenagem do Conservatório Estadual de Música de Varginha (CEMVA) à Dalva Resende, e no livro escrito por Castro em comemoração aos 25 anos do CEMVA, atestam os muitos elogios a sua pessoa tanto como profissional quanto como ser humano.

Dalva Resende foi aluna de Adrienne Diniz e, se mostra presente nos programas de apresentações, participou da primeira audição de sua professora em 22 de outubro de 1958, ocasião em que interpretou a peça "Murmúrio do Bosque". Após sua formação, Dalva assumiu o papel de professora na Academia de Música Lorenzo Fernández e também foi uma das organizadoras dos concursos de piano promovidos por esta instituição.

Figura 31: Comemoração dos 25 anos da Academia Lorenzo Fernández, Dalva Resende, Eldah Drummond, Adrienne Diniz Vallim, Arlete Thedim Costa (fundadora da Academia Lorenzo Fernández no RJ) e Elvira Gomes (1993)



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

De 1989 a 1999, Dalva exerceu a função de diretora do Conservatório Estadual de Música de Varginha. Segundo a professora Roseane Ribeiro, vice diretora na gestão de Dalva Resende, durante sua gestão, suas contribuições foram fundamentais para a consolidação e expansão do CEMVA. Dalva Resende foi responsável pela elaboração do projeto pedagógico inicial da instituição, um trabalho que envolveu paciência e dedicação para estabelecer as bases de um projeto educacional sólido e eficaz. Sob sua liderança, o conservatório cresceu significativamente, com a implementação de novos cursos, a ampliação da contratação de professores e o fortalecimento dos serviços prestados à comunidade local.

A administração de Dalva no CEMVA marcou o início de uma nova fase para o conservatório, caracterizada por um esforço contínuo para levar a arte e a música a um público mais amplo em Varginha. Sua dedicação à educação musical e ao desenvolvimento da cultura musical na cidade foi um aspecto central de sua carreira (Castro, 2010). O legado de sua liderança e de suas atividades no CEMVA estabeleceu um padrão elevado para a formação musical e cultural na região.

Infelizmente, Dalva Rezende nos deixou em 16 de julho de 2012, aos 71 anos de idade. Tive a felicidade de ter sido seu aluno de teoria musical, desenvolvendo assim, um carinho muito especial por ela. Neste ano de 2012, já residia em Varginha e havia me tornado professor do Conservatório de Música. Quando recebi a notícia de sua morte fiquei muito comovido, Leila Bísaro, diretora do CEMVA naquele momento, me convidou para tocar piano em seu velório. O corpo foi velado no auditório do CEMVA, futuro auditório Dalva Resende. Sentei-me ao piano e, respeitosamente, toquei algumas músicas que, para mim, eram reflexivas, introspectivas, calmas e consoladoras, então, de forma íntima e confessional, tive a oportunidade de agradecer, com música, pois linguagem mais sagrada não há, à Dalva por todo carinho oferecido a todos nós.

Como forma de reconhecer e perpetuar sua contribuição, o Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga homenageia Dalva Resende com a nomeação de seu auditório como "Auditório Dalva Resende." Esta homenagem visa resgatar e celebrar o legado da professora, que, como docente e diretora, deixou uma marca na história da música e da cultura de Varginha através de suas atividades no CEMVA. A Inauguração do Auditório Dalva Resende foi marcada pela apresentação de seu ex-aluno, o pianista Flávio Augusto.

Flávio Augusto Borges de Oliveira, pianista nascido em Poços de Caldas, Minas Gerais, no dia 31 de julho de 1964. Em 1974, Flávio se mudou para Varginha, onde deu um importante passo em sua formação musical ao ingressar na Academia de Música Lorenzo Fernández.

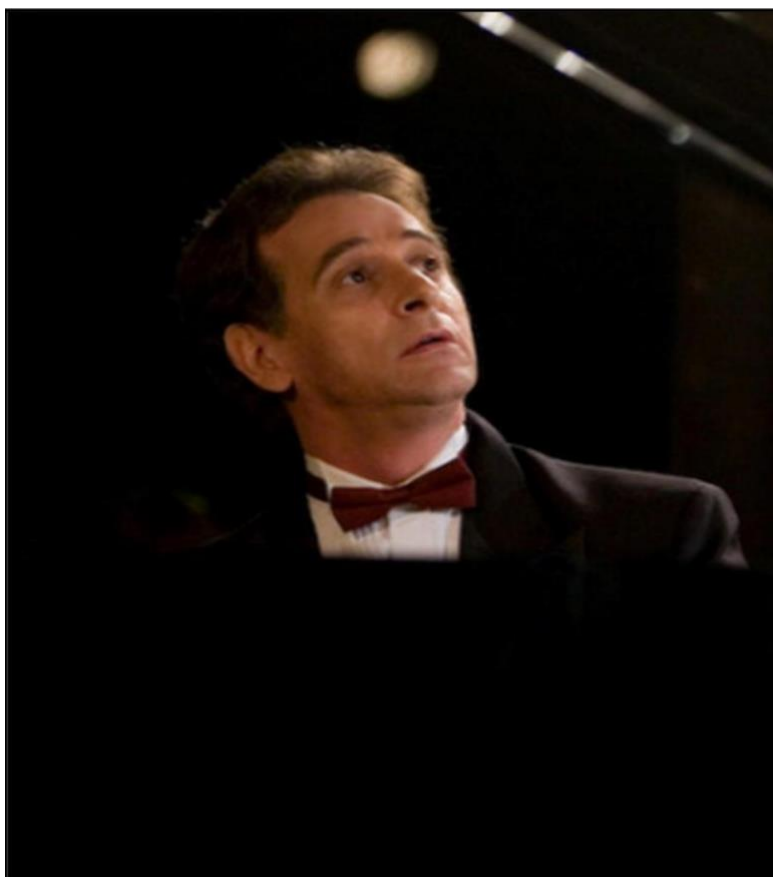
Sob a orientação da Professora Dalva Resende, Flávio Augusto concluiu os cursos preparatório e técnico. Ainda em Varginha, foi professor de piano pela Escola Lorenzo Fernández, tendo como uma das alunas a pianista Carla Silva Reis, orientadora desta dissertação. Como professor, Flávio via a necessidade de criar um concurso de piano na cidade, pois estes eventos aconteciam muito longe, por este motivo idealizou o concurso estímulo de piano em Varginha.

O pianista Flávio Augusto continuou seus estudos no Rio de Janeiro, onde foi aluno de renomados professores como Homero de Magalhães, Gilberto Tinetti e Myrian Dauelsberg, e obteve seu Bacharelado em Piano e Licenciatura Plena em Educação Artística e Musical no Conservatório Brasileiro de Música. Flávio também completou uma pós-graduação em Filosofia pela UNIMONTES, e obteve um Mestrado em Práticas Interpretativas e um Doutorado em Música – Processos Criativos pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Sua carreira foi marcada por um impressionante número de conquistas, incluindo 28 primeiros prêmios em concursos nacionais e internacionais de piano, e apresentações como

solista nas principais orquestras do Brasil e do exterior. Se apresentou em renomadas salas de concerto em países como Venezuela, Chile, Espanha, Itália, Alemanha, França, Inglaterra, e também participou de cursos com grandes pianistas internacionais como Alfred Brendel e Tatiana Nikolaeva.

Figura 32: Pianista Flávio Augusto



Fonte: Acervo de Flávio Augusto

Como professor, sempre foi convidado a ministrar masterclasses em grandes festivais pelo país. Em setembro de 2004, Flávio Augusto conquistou o 1º lugar geral no Concurso Público para "Músico-Pianista" da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Desde então, atua como pianista colaborador, e tem contribuído para a formação de novos de diferentes instrumentos.

Em um gesto de profunda gratidão e homenagem a sua formação inicial, Flávio Augusto retornou a Varginha em 26 de outubro de 2017 para um evento muito especial. Na ocasião, participou da inauguração do Auditório Dalva Resende, um espaço dedicado à memória de sua antiga professora e mentora. O recital de Flávio para marcar a abertura do auditório foi um evento que reuniu muitos amigos e houve grande público, sendo um verdadeiro tributo

comovente à importância da educação musical e ao legado da professora que o inspirou desde seus primeiros passos na música.

Figura 33: Pianistas Flávio Augusto e Elvira Gomes no Colégio Santos Anjos



Fonte: Acervo de Elvira Gomes

Elvira Gomes de Carvalho Pinto iniciou sua trajetória ao piano com Adrienne Diniz, estando presente em várias audições. Na primeira audição de Adrienne, datada de 1958, Elvira Pedrosa Gomes aparece tocando *Marchinha* de compositor anônimo, e desta data em diante sempre atuante em recitais, se destacando entre outros alunos, começando assim sua trajetória como musicista.

A pianista Elvira Gomes é graduada em piano pela Academia de Música Lorenzo Fernández, no Rio de Janeiro, e, posteriormente, atuou como diretora e professora na sucursal da mesma Academia em Varginha e também desempenhou funções de pianista colaboradora no Conservatório Estadual de Música de Varginha. Durante sua formação, estudou com Berenice Menegale na Fundação de Educação Artística em Belo Horizonte e entre 1966 e 1970, participou do Festival Internacional de Música de Curitiba, uma experiência que enriqueceu sua formação e consolidou sua presença no cenário musical brasileiro.

Figura 34: Pianista Elvira Gomes no Colégio Santos Anjos



Fonte: Acervo de Elvira Gomes

Elvira atuou como pianista colaboradora das "Quintas Artísticas" no Theatro Capitólio, onde foi responsável por recitais e acompanhamento de importantes cantores e instrumentistas, demonstrando sua versatilidade e habilidades como pianista. Conforme a pesquisa documental feita nesta pesquisa, Elvira Gomes se consolida sendo a pianista mais presente em recitais no Theatro Capitólio.

Seu envolvimento com a música não se limitou ao ensino e à performance. Elvira também desempenhou funções de idealizadora e curadora em diversas séries de concertos e concursos. foi uma das organizadoras dos quatro concursos realizados pela Escola de Música Lorenzo Fernández, além de estar à frente de todas as apresentações promovidas pela mesma escola de música e de seus alunos particulares.

Além de suas realizações profissionais, Elvira Gomes é membro da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, ocupando a cadeira nº 6, onde escreveu o *Elogio a Cecílio Guilherme Fernández e Marciliano Braga* (Pinto, 2003), texto muito utilizado nesta pesquisa. Este reconhecimento formal coroa sua contribuição para as artes e a cultura, reafirmando seu status como uma das principais figuras na música e na educação musical em Varginha.

Atualmente, Elvira Gomes alterna sua estadia em residências nas cidades de Belo Horizonte e Varginha, onde continua a sua carreira como pianista. Sua atividade atual inclui a realização de concertos e gravações, tendo atuado juntamente com Alexandre Braga, flautista varginhense, membro da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais (<https://filarmonica.art.br/filarmonica/a-orquestra/>).

A artista Elvira Gomes de Carvalho Pinto, uma verdadeira guardiã da memória musical de Varginha, dedicou-se com grande zelo à organização de seu acervo pessoal, que inclui fotos, programas e recortes de jornais. Este acervo serviu como uma base fundamental para a elaboração deste trabalho.

As informações sobre Elvira foram retiradas de sua biografia na Revista Acadêmica da Academia de Letras, Artes e Ciência (2010, p.76), do site do conservatório da UFMG (<https://ufmg.br/comunicacao/eventos/concerto-de-primavera-apresenta-duo-de-flauta-e-piano-no-conservatorio>), e dos programas e audições cedidos pela própria pianista.

Portanto, Elvira Gomes é uma figura proeminente na cena musical de Varginha, cuja contribuição foi essencial para o desenvolvimento das carreiras de muitos pianistas, incluindo a minha.

Eldah Regina Ramos Drummond, natural de Varginha, MG, representa um exemplo de dedicação e excelência no campo da música e da educação musical. Sua trajetória, que se estende por mais de cinquenta anos, reflete um compromisso com a formação de músicos e o desenvolvimento de projetos que promovem a música para um público diversificado.

Formada em Piano pela Academia de Música Lorenzo Fernández do Rio de Janeiro e Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Varginha (FADIVA), Eldah Drummond expandiu sua formação acadêmica com Pós-Graduação em Educação Musical pela Escola de Música da UFMG.

Figura 35: Pianista Eldah Drummond no Colégio Santos Anjos (1967)



Fonte: Acervo de Eldah Drummon

O nome de Eldah se encontra presente em muitos documentos: em programas de audições de sua professora Adrienne Diniz Vallim; se encontra presente nos documentos da Academia Lorenzo Fernández, tanto como aluna como professora; Eldah foi a primeira professora de piano do Conservatório Estadual Maestro Marciliano Braga de Varginha; e seu nome é fundamental como difusora e organizadora de eventos artísticos.

Entre os projetos idealizados e dirigidos por Eldah Drummond, destaca-se o Concurso de Piano Lorenzo Fernández, que foi uma das coordenadoras por quatro anos. Este concurso, de relevância nacional, é um reflexo do impacto de sua atuação no cenário musical. Além disso, Eldah foi responsável pelo I e II Encontro Mineiro de Estudantes de Piano de Varginha, eventos que reuniram estudantes e profissionais da música em um ambiente de troca de experiências e aprendizado realizados nas datas de julho de 2000 e abril de 2002.

A atuação de Eldah Drummond também inclui a realização de inúmeros concertos de projeção nacional e internacional, e a preparação de alunos que obtiveram prêmios em Concursos Nacionais de Piano e foram aprovados em Vestibulares de instituições renomadas como a UFMG, UEMG, USP e outras. Sua monografia de conclusão do Curso de

Especialização em Educação Musical, intitulada "O Fazer Musical no Conservatório Estadual de Música de Varginha: Um Estudo de Novas Possibilidades Pedagógicas", recebeu elogios acadêmicos e foi indicada para publicação, evidenciando a profundidade e a relevância de suas pesquisas na área de educação musical.

Figura 36: Eldah presente em meu recital/palestra



Fonte: Acervo do pesquisador, fotografia de Mariane Ribeiro

A professora Maria Celina Szrvinsk, professora de piano da UFMG e diretora artística de projetos da UFMG, reconhece a contribuição de Eldah Drummond para o cenário musical brasileiro com grande entusiasmo. Em uma carta datada de 21 de março de 2003, Szrvinsk destaca a qualidade superior de sua atuação como pianista e pedagoga, ressaltando sua importância na idealização e direção de eventos de destaque, e sua capacidade de preparar alunos para concursos e vestibulares. Szrvinsk afirma que Eldah Drummond é um dos maiores talentos de Minas Gerais e merece incentivos para a continuidade de seu trabalho e estudos.

Hoje, Eldah Regina Ramos Drummond reside em Lavras-MG, e, em síntese, sua carreira se remete a uma dedicação exemplar ao ensino de piano e ao desenvolvimento de projetos musicais que impactam o cenário nacional. Sua formação acadêmica aliada a uma trajetória repleta de realizações, a posicionam como uma figura central na história musical de Varginha e porquê não do Brasil.

CAPÍTULO 3: O PIANO EM VARGINHA: INSTITUIÇÕES, ESPAÇOS E EVENTOS

O terceiro capítulo deste trabalho se dedica à análise das instituições de ensino de piano,

dos espaços destinados a recitais e dos eventos significativos ocorridos em Varginha-MG entre 1901 e 1987. Ao examinar as instituições que ofereciam ensino de piano, como escolas de música e conservatórios, investigaremos não apenas a transmissão de habilidades técnicas, mas também o papel dessas instituições na preservação e na promoção da prática pianística local. Além disso, focaremos nos espaços dedicados à realização de recitais, como teatros, salões e escolas adaptadas às apresentações musicais, explorando como esses locais influenciaram a experiência musical da comunidade e proporcionaram um ambiente para diversas performances pianísticas. Os eventos musicais ao longo desse período também serão analisados, desde competições e festivais até concertos específicos ou séries de recitais, destacando como tais eventos promoveram a interação cultural e educativa entre músicos, estudantes e público em Varginha. Importante ressaltar que alguns eventos já foram citados em momentos acima, porém no subcapítulo dos eventos serão mais detalhados.

3.1 INSTITUIÇÕES

3.1.1 Escola de Música Santa Therezinha

Em 9 de outubro de 1930, o jornal *Arauto do Sul* publicou o número 585 em Varginha, onde se destaca uma pequena nota sobre a Escola de Música de Lyrio Panicali. De acordo com a publicação, a escola estava localizada no Edifício João Paes, no Andar Térreo da Avenida Rio Branco. A direção do estabelecimento era incumbida por Lyrio Panicali, um músico e educador cuja atuação é documentada neste período.

O anúncio revela que a escola oferecia um leque de serviços educativos voltados para a música, incluindo aulas de piano, teoria musical, solfejo, além de um curso privado de violino. A presença de pianos disponíveis para estudo indica um compromisso com a qualidade do ensino e o suporte aos alunos em suas práticas musicais.

Esse registro no jornal *Arauto do Sul* é uma importante evidência da atividade musical e educacional em Varginha na década de 1930, refletindo o desenvolvimento cultural da cidade e a presença de profissionais dedicados à formação musical.

Figura 37: Anúncio Escola de Música Santa Therezinha



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

3.1.2 Escola de música Santa Cecília

Na década de 1950, em Varginha, a Escola de Música Santa Cecília surge como um centro de ensino musical sob a direção do maestro Cecílio Guilherme Fernández. Há uma escassez de documentos a respeito desta instituição, esta lacuna documental ressalta a necessidade de pesquisas mais aprofundadas para melhor compreender o papel histórico e o legado da Escola Santa Cecília no contexto musical e educacional de Varginha.

A Escola de Música Santa Cecília, segundo a documentação se localizava na Rua Santa Cruz número 331, centro de Varginha, e, embora Cecílio Fernández aparece nos documentos sempre associado à esta escola como diretor de eventos, não se pode afirmar se a escola pertencia a ele.

Um dos eventos significativos sob a direção do Maestro Fernandêz foi o "Uma Noite de Valsa", que contou com a participação de muitos pianistas locais, como já citado se destacam

Adrienne Diniz e Hyrma Paiva.

Segundo Sales (2022), o renomado tenor e escritor Hercílio Batista Pinto iniciou seu aprendizado musical na Escola de Música Santa Cecília sob a orientação do maestro Cecílio Guilherme Fernández. Esses registros limitados oferecem uma visão importante do legado cultural e educativo da escola em Varginha, destacando sua contribuição significativa para o desenvolvimento musical e artístico na região.

3.1.3 Academia de Música Lorenzo Fernández

A Academia de Música Lorenzo Fernández de Varginha, foi fundada em 23 de março 1968, pela educadora, pedagoga e pianista varginhense Adrienne Diniz Vallim (SALES, 2022). O nome da escola é uma homenagem a Oscar Lorenzo Fernández, compositor que nasceu, viveu e morreu no Rio de Janeiro entre os anos 1897 e 1948, músico significativo no cenário, e considerado por Vasco Mariz (2000) como segunda geração nacionalista.

De acordo com a documentação do Jornal Correio do Sul, do dia 23 de Março de 1968, sobre o dia de fundação da Academia Lorenzo Fernández, a maestrina Adrienne Diniz Vallim, figura significativa no cenário artístico-cultural de Varginha, foi homenageada por seus esforços dinâmicos e capacidade notável. Adrienne presidiu a instalação oficial dos trabalhos, em um evento que contou com a presença de diversas autoridades locais, incluindo autoridades locais.

A cerimônia foi conduzida pelo Dr. Naylor S. Gontijo e foi marcada por uma apresentação musical que incluiu obras de Bach, Mozart e outros grandes compositores. A professora Eldah Regina Ramos Drumond expressou em termos elevados o reconhecimento geral pela notável contribuição de Adrienne Diniz Vallim. A nota do jornal diz que a Academia Lorenzo Fernández do Rio de Janeiro está em expansão, levando seu renomado sistema de ensino a novos locais, incluindo Varginha, graças ao empenho da competente maestrina Adrienne, escolhida para liderar os objetivos da instituição na região, e que este intercâmbio cultural promete trazer benefícios significativos.

Para a instalação oficial, professores renomados da Academia do Rio de Janeiro estiveram presentes, como o Maestro Nelson Nilo Hack, catedrático do Instituto Villa Lobos e diretor da Academia de Música Lorenzo Fernández. Entre outros, destacam-se Dona Ecléa Ribeiro, vice-diretora da A.M.L.F. e professora de Piano, Ritmo e Som; Dona Helena Queiroga, professora de Pedagogia Musical na A.M.L.F., História da Educação na Faculdade de Filosofia

do Estado da Guanabara e piano na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, mentora de Adrienne durante seus estudos no Rio, e Dona Arlete Thedim Costa, professora de Piano na A.M.L.F. e membro do Conselho Departamental.

O evento contou ainda com a participação da Orquestra Juvenil do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sob a regência do Maestro Nelson Nilo Hack, e destacou-se o solista violinista Paulo Bosisio, aluno da prof. Yolanda Peixoto, reconhecido por suas conquistas no concurso Pró-Arte e suas bolsas de estudo para a Alemanha e para a Juilliard School de Nova York. A Sucursal Varginhense da Academia de Música operará no Colégio Normal dos Santos Anjos, com um corpo docente dedicado, incluindo Dalva Resende, Mirian Reis Pinto, Ângela Inês Marcellini Massa, Eldah Regina Ramos Drummond, Elvira Gomes Pedrosa e a própria Adrienne Diniz Vallim.

Como palavras finais, Adrienne se dirige à comunidade Varginhense ao entregar esse patrimônio artístico, com a seguinte mensagem:

O fruto de nossos trabalhos não é só nosso, pois estamos preparando o caminho para os feitos de outros. O sentido de nossas vidas não deve ser buscado apenas na soma de nossas realizações. Só pode ser visto na integração completa de nossas vitórias e falhas de toda a nossa geração, de nossa sociedade e de nosso tempo. (Correio do Sul, 1968)

A partir de sua fundação, em 1968, a Academia de Música Lorenzo Fernández passa a receber um número expressivo de alunos, chegando a promover até três audições anuais de piano, que serão mais detalhadas na parte de eventos.

Em 1978, com a mudança de Adrienne para Belo Horizonte, a direção da Academia Lorenzo Fernández fica a cargo de suas ex-alunas Eldah Drummond, Dalva Resende e Elvira Gomes.

Em 1986, a “Academia de Música Lorenzo Fernández” foi renomeada como “Escola de Música Lorenzo Fernández” para resolver questões burocráticas relacionadas ao registro legal da instituição. Eldah Drummond e Elvira Gomes explicam que a alteração do nome foi essencial para atender aos requisitos da Prefeitura de Varginha, possibilitando a legalização da escola, o pagamento dos impostos devidos e a abertura para receber auxílios financeiros de patrocinadores e aproveitar as leis de incentivo à cultura.

Quanto à localização da Academia, Elvira Gomes menciona que a escola operou em diversos endereços ao longo de sua história. No entanto, o único endereço confirmado que encontrei foi na residência da professora Elvira, situada na Rua Argentina, número 310, na Vila

Pinto.

No período após 1986, o corpo docente da Escola de Música Lorenzo Fernández já não contava mais com a professora Adrienne, então lecionavam os seguintes professores de piano: Elvira Gomes de Carvalho Pinto, Dalva Resende, Eldah Drummond de Albuquerque Lima, Flávio Augusto, Lilian Botega e Maria Aparecida Valle, entre outros.

Ao longo de sua trajetória, a Escola de Música Lorenzo Fernández contribuiu significativamente para o desenvolvimento cultural da cidade desempenhando um papel fundamental na difusão e no ensino musical em Varginha.

Entre os eventos promovidos no Theatro Capitólio, destacam-se o Recital de Piano do pianista Antônio Bezzan, proveniente de São Paulo, realizado em 1985; a Audição de Piano dos alunos das professoras Dalva Resende e Elvira Gomes, ocorrida em 1987; e o Recital de Piano dos alunos da professora Marisa Lacorte, também de São Paulo, que contou com a participação de alunos premiados, realizado em 1987.

Além dessas atividades, a Escola de Música Lorenzo Fernández foi responsável pela criação de quatro concursos de piano, iniciando com o concurso "Estímulo" e seguindo com três edições de abrangência nacional. Esses concursos foram cruciais para a promoção do piano e para a formação de novos talentos musicais, consolidando ainda mais a importância da escola no cenário musical de Varginha e no Brasil. O impacto desses concursos e a contribuição da escola para o ensino musical serão detalhadamente explorados no próximo capítulo deste trabalho.

3.1.4 Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga

Em 1985, a cidade foi contemplada com um dos doze conservatórios estaduais de Minas Gerais, instituições públicas e gratuitas. A presença do Conservatório Estadual tem democratizado o estudo da música e contribuído para o desenvolvimento artístico da região.

O Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha – CEMVA foi criado pelo Decreto Estadual nº 24.331, de 22 de março de 1985, tendo funcionado, inicialmente, no Colégio Marista, na Praça Champagnat, nº 68, centro. Atualmente, o prédio está localizado na Praça João Pessoa, nº 137, centro. O órgão responsável é a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais e a denominação Maestro Marciliano Braga é posterior à publicação do referido decreto. (Sales, 2022).

Segundo Castro (2011), o Conservatório Maestro Marciliano Braga (CEMVA) teve sua inauguração em outubro do mesmo ano ao som do Hino Nacional Brasileiro executado ao piano

a quatro mãos pelas professoras Elvira Gomes de Carvalho Pinto e Eldah Regina Ramos Drummond.

Atualmente, o CEM de Varginha atende, segundo o atual diretor Everton Lourenço Lemes, por volta de 2100 alunos das cidades de Boa Esperança, Cambuquira, Campanha, Carmo da Cachoeira, Elói Mendes, Nepomuceno, Paraguaçu, São Tomé, Santana da Vargem, Três Corações, Três Pontas e Varginha. Estes dados são baseados na resolução da Secretaria do Estado de Educação (SEE), nº4.789, de 11 de novembro de 2022, resolução que afirmava que, pelo número do quadro de servidores contratados, o número mínimo de alunos é de 2001. Diante disso, podemos afirmar que o CEMVA é de grande importância para a formação de músicos e para a movimentação artística da região.

São ministradas aulas dos seguintes instrumentos musicais: acordeão, bateria, cavaquinho, clarineta, contrabaixo acústico, contrabaixo elétrico, flauta doce, flauta transversal, guitarra, órgão eletrônico, percussão, piano, saxofone, teclado, trombone, trompete, viola caipira, viola de dez cordas, viola de orquestra, violão, violino e violoncelo. O Conservatório também ministra aulas de canto individual, artes plásticas e artes cênicas.

A homenagem prestada pelo conservatório ao Maestro Marceliano Braga é plenamente justificada, pois ela celebra não apenas sua contribuição musical, mas também seu impacto social nas primeiras décadas do século XX. Marceliano Braga se destacou ao lecionar música, abrangendo diversos instrumentos, como piano e instrumentos tradicionais de bandas sinfônicas, e ao dirigir escolas de ensino regular. Além disso, sua dedicação em ensinar leitura e escrita a músicos analfabetos revela um profundo compromisso com a educação e o bem-estar dos outros. Esses aspectos do seu trabalho refletem os valores que o Conservatório de Música Maestro Marciliano Braga se propõe a manter e cultivar, promovendo a excelência musical e a inclusão social

3.2 ESPAÇOS

Os recitais musicais podem ser realizados em uma ampla gama de espaços, cada um oferecendo características distintas que afetam a experiência dos eventos. Neste subcapítulo vou apontar alguns locais utilizados para recitais, como teatros, escolas, associações e clubes que contribuíram para a performance e a recepção das apresentações artísticas em Varginha no

período que abrange esta pesquisa. Segundo Myrian Aubim, pode-se considerar um novo conceito de espaço:

...um novo conjunto de práticas que começa a conceber a ideia de arte como sistema, para além das práticas comerciais ligadas a ela. A arte, neste sentido, começa a ser pensada como um ato comunicativo que envolve público e instituições sociais na concepção de espaços para formação, produção e divulgação. (Aubin, 2015, p.28)

3.2.1 Sociedade Italiana de Beneficência 4 de Agosto

Fundada em 11 de agosto de 1895, a Sociedade Italiana de Beneficência 4 de Agosto foi uma das primeiras associações a promover eventos culturais em Varginha, além de suas atividades beneficentes (Madeira, 2021).

A Sociedade Italiana, liderada por figuras proeminentes como Domingos Conde e Cândido Foresti, buscou integrar a comunidade italiana e promover a cultura local. Em 1937, o Salão Nobre da Sociedade Italiana recebeu o recital dos alunos de Carmelita Braga, um exemplo de como a instituição apoiou a arte e a música na cidade

Figura 38: Prédio da Associação Italiana em 1946



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

3.2.2 Teatro da Casa da Instrução

Embora este espaço esteja datado anteriormente ao ano de 1901, data do recorte inicial deste trabalho, acho importante incluir as informações encontradas com a finalidade de melhor compreender a criação do próximo ambiente, o Teatro Municipal.

No final do século XIX, a cidade Espírito Santo da Varginha era uma cidade sem um teatro. O fazendeiro Domingos Teixeira de Carvalho por volta de 1877-1879, fundou a Casa da Instrução (MADEIRA, 2021), era uma casa utilizada para apresentações teatrais e espetáculos. Este edifício, inicialmente construído como um palacete através de doações privadas, foi posteriormente doado ao governo estadual (Sales, 2022).

A Casa da Instrução se tornou um centro cultural importante na região, proporcionando um espaço para diversas manifestações artísticas. Por exemplo, em fevereiro de 1894, a Empresa do Capitão Pinto apresentou *O Mugunsá*, uma opereta com música de Francisco Carvalho e letra de Bernardo Lisboa, que adaptava o estilo do lundu brasileiro. Este espetáculo era conhecido por seus figurinos elaborados, refletindo aspectos da cultura e entretenimento da época, conta nos documentos a presença de piano como acompanhamento na cançoneta “Fica quieto, nhonhô!”, para canto e piano, é de autoria de Hervé. (Gazeta da Varginha *apud* Sales, 2022, p.89).

Figura 39: Apresentação da Opereta O Mungunsá



Fonte: Acervo José Roberto Sales 2022

Conforme documentado por Sales (2022, p. 87), “A Casa da Instrução era localizada na Rua da Paz. Essa rua, posteriormente, teve sua denominação alterada e, nos documentos pesquisados, não foi possível identificar o nome atual”. Sales também informa que “na década de 1920, o edificio era utilizado como uma das sessões de votação da Terceira Seção Eleitoral” (2022, p.87). Portanto, espaço não apenas servia como um local para entretenimento, mas também como um símbolo da iniciativa privada na promoção de atividades culturais na ausência de infraestruturas públicas dedicadas.

3.2.3 Teatro Municipal (Cineteatro Íris)

No final do século XIX, impulsionada pelo crescimento urbano e cultural, a cidade de Varginha, sob a liderança da Câmara Municipal presidida pelo Dr. Antônio Pinto de Oliveira, decidiu erguer um Teatro Municipal para atender às demandas culturais crescentes. Inaugurado em 1901, o Teatro Municipal de Varginha foi um marco na história local, projetado para ser o principal espaço de apresentações teatrais na região (Jornal “O Capitólio” *apud* Sales, 2022, p. 95).

Figura 40: Theatro Municipal de Varginha 1901 a 1927



Fonte: Acervo Album de Varginha de 1920

Inicialmente destinado ao teatro, o edifício adaptou-se às mudanças do início do século XX, especialmente com a popularização do cinema. Em 1910, sob a gestão de Sebastião Mendes de Brito, o teatro foi remodelado para abrigar o Cinema Íris, uma das primeiras salas de exibição cinematográfica na cidade. Os registros mostram a presença do piano durante as sessões de cinema, que eram acompanhadas por uma orquestra ou pianista devido à falta de som sincronizado nos filmes da época (Sales, 2022).

Ao longo das décadas seguintes, o Teatro Municipal, também conhecido como Cinema Íris devido à sua utilização para projeções cinematográficas, desempenhou um papel central na vida cultural de Varginha. Em 1924, o estado de deterioração do edifício tornou-se motivo de preocupação entre os cidadãos, refletindo o desejo por um espaço mais moderno e adequado às crescentes aspirações artísticas da comunidade (Arauto do Sul, 1924 *apud* Sales, 2022).

Em resposta a essas necessidades, em 1927, o antigo Teatro Municipal foi substituído pelo novo Theatro Capitólio, erguido no mesmo local pela iniciativa dos irmãos Navarra, conforme projeto aprovado pela Câmara Municipal (Madeira, 2021). O teatro Municipal era localizado na rua Direita (atual Presidente Antônio Carlos), entre o Theatro Municipal

Capitólio, e a atual agência de atendimento da Companhia Energética de Minas Gerais (Sales, 2022).

Este novo teatro simbolizou não apenas um avanço arquitetônico, mas também um marco de progresso cultural, refletindo o desenvolvimento e ambições artísticas de Varginha na época.

3.2.4 Theatro Capiótió

O Theatro Capitólio, concebido e construído pela família Navarra, imigrantes italianos estabelecidos em Varginha desde 1905, passou por uma significativa reformulação em 1926. O edifício, localizado na Rua Presidente Antônio Carlos, nº 522, no centro, foi projetado com três pavimentos, oferecendo maior capacidade de assentos, um palco italiano e instalações modernas, visando atender às demandas culturais e de lazer da comunidade local (Sales, 2022, p. 204). Na época, as principais formas de entretenimento incluíam festas religiosas, circos, touradas, espetáculos equestres e retretas no Jardim Público. Os saraus literário-musicais familiares também eram populares entre amigos e vizinhos (Sales, 2022).

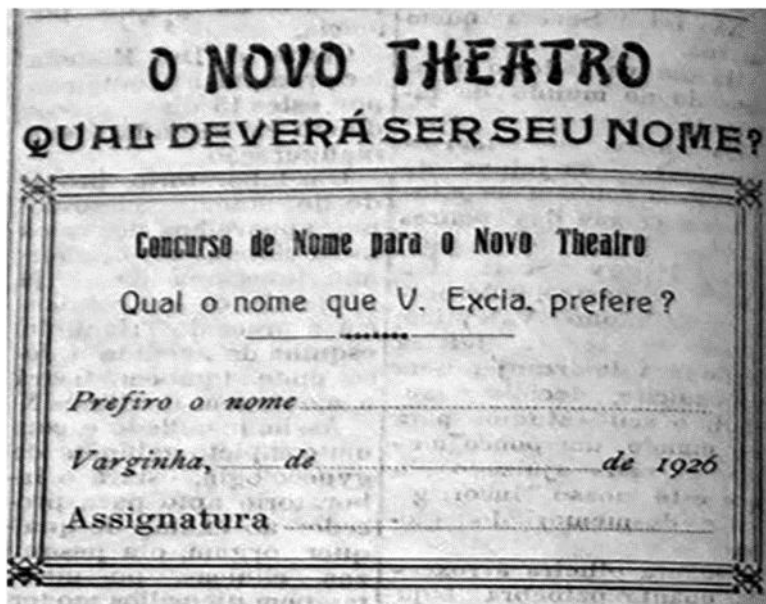
Figura 41: Theatro Capitólio de 1927



Fonte: Acervo José Roberto Sales (2022)

A escolha do nome do teatro foi realizada por votação popular, com o nome "Capitólio" sendo o mais votado entre diversas sugestões, incluindo "Pedro II", "Glória", "Íris" e "Guarani" (Sales, 2022). Possivelmente inspirado em um teatro homônimo no Rio de Janeiro, pertencente à empresa Francisco Serrador, o Cine Theatro Capitólio foi inaugurado em 12 de outubro de 1927. A cerimônia inaugural incluiu uma bênção do prédio, seguida por uma sessão solene com a presença de autoridades locais, prefeitos de cidades vizinhas e representantes da imprensa (Madeira, 2021, p. 55).

Figura 42: Cédula para votação para o nome do Theatro Capitólio



Fonte: Acervo José Roberto Sales (2022)

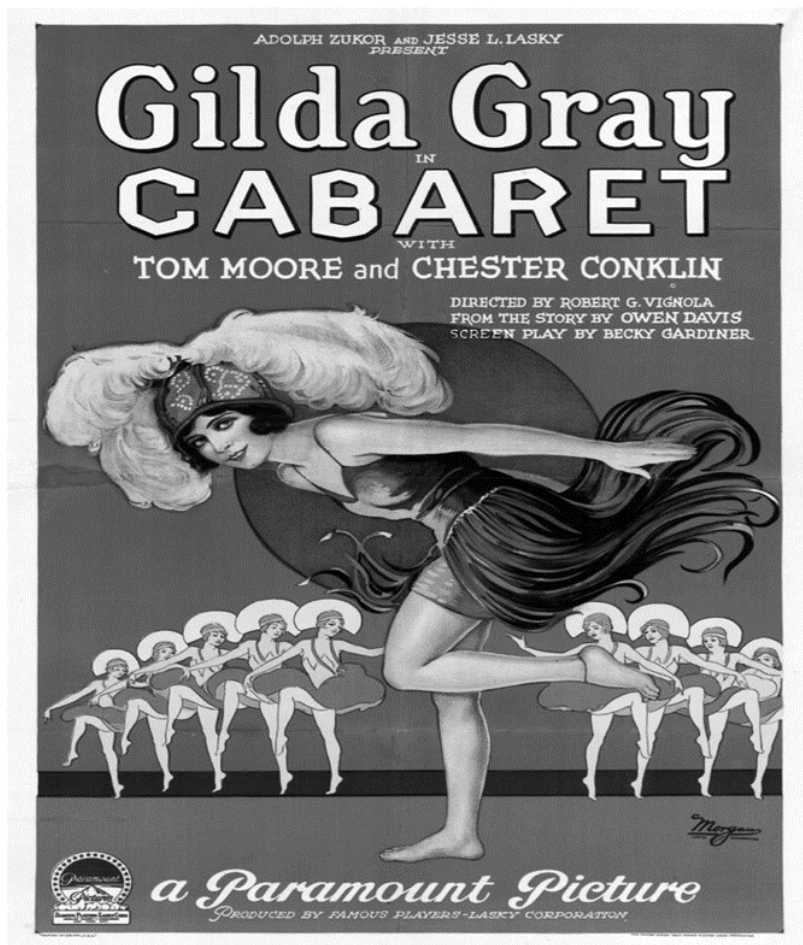
À noite, foram realizados os primeiros espetáculos artísticos, que esgotaram completamente a lotação do teatro com uma plateia numerosa e seleta, especialmente vinda das cidades próximas. A programação incluiu a exibição do filme "O Cabaré" (1927), da Paramount Pictures, um dos últimos do período do cinema mudo antes da transição para filmes sonorizados (SALES, 2022, p. 204). O evento foi encerrado com uma apresentação do Trio Esperança Diez, reconhecido no cenário nacional por suas produções teatrais de alto padrão (Correio da Manhã, 21 jan. 1928, p. 8).

Figura 43: Trio Esperanza, inauguração Theatro Capitólio



Fonte: Acervo José Roberto Sales (2022)

Figura 44: Filme de inauguração Theatro Capitólio



Fonte: Acervo José Roberto Sales (2022)

Este marco histórico não apenas enriqueceu a vida cultural de Varginha, mas também consolidou o Theatro Capitólio como um centro vital para a arte e o entretenimento na região, marcando o início de uma nova era para o cinema e as artes cênicas locais (Sales, 2022).

Curioso relatar que o *Theatro Capitólio* de Varginha adota a grafia com "th" em seu nome, uma prática que remonta ao período anterior à reforma ortográfica de 1943, quando palavras de origem grega eram escritas com o theta (θ), como em *theatro* em vez de *teatro* (SALES, 2022). Esta forma mais antiga reflete uma tentativa de manter a conexão com a etimologia grega do termo, preservando uma tradição cultural e histórica no nome do teatro.

Relevante escrever a importância da aquisição de um piano de cauda para a possibilidade do Theatro Capitólio receber pianistas de maior expressão do cenário nacional e internacional. Segundo Sales (2022), o primeiro piano do Theatro é datado do dia da inauguração, em 1927, era um piano muito bem conservado, modelo de armário da manufatura alemã da marca *Shiedmayer & Soehne Sttugart*, fundada em 1809.

Figura 45: Piano da marca Shiedmayer & Soehne, primeiro piano do Theatro Capitólio



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

Após alguns anos, o Theatro adquiriu um novo instrumento, um piano de cauda acústico da marca Essemfelder. Algumas informações sobre a data de compra deste piano são incorretas,

pois a nota de compra não foi encontrada nem nos arquivos da fundação cultural. No site Varginha On-line (<https://www.varginhaonline.com.br/167758/piano-de-meia-cauda-volta-para-o-theatrocapitolio.html>), consta a compra na data de 1991, em Sales (2022, p. 283), documenta que, “em 13 de novembro de 2019, a Prefeitura Municipal adquiriu para o Capitólio um piano de cauda acústico da marca Essenfelder, pelo valor de R\$ 13.000,00 (treze mil reais)”, porém, esta data e valor são referentes à reforma do piano.

Portanto, não se sabe ao certo a data exata da compra deste instrumento, porém, segundo relatos dos professores Flávio Augusto, Eldah Drummond e Elvira Gomes, o piano Essemfelder não estava presente no recital de Antônio Bezzan na data de 27 de outubro de 1985, mas já estava no palco sendo utilizado no recital do pianista Flávio Augusto em 5 de abril de 1986 e no 1º Concurso Estímulo, realizado em Abril de 1987.

Indiscutivelmente, o Theatro Capitólio é o espaço mais simbólico da cidade para a realização de apresentações musicais e culturais. Entre os recitais de piano realizados no Theatro Capitólio, destacam-se as apresentações de pianistas como: Flávio Augusto, Carla Reis, Antônio Bezzan, Athur Moreira Lima, Nelson Freire, Miguel Rosselini, Celina Szervinsk, Eudóxia de Barros, Cláudio Richerme etc. Além disso, o Theatro Capitólio recebeu audições importantes da Escola de Música Lorenzo Fernández em 11 e 20 de novembro de 1987.

O Theatro Capitólio também é palco para artistas da música popular brasileira, dentre eles Oswaldo Montenegro, Zeca Baleiro, Flávio Venturini, Lô Borges, Zé Geraldo, Agnaldo Timóteo e outros já se apresentaram em Varginha. Esses eventos, entre muitos outros, contribuem para a importância histórica do Theatro Capitólio como um centro cultural e um símbolo da vida musical em Varginha.

Figura 46: Interior do Theatro de Capitólio, em destaque um recital de música de câmara



Fonte: Acervo da Fundação Cultural

O palco do Theatro Capitólio tem sido uma grande fonte de inspiração para muitos artistas. No livro de 2022, *Theatro Capitólio: do objeto ao símbolo*, o autor José Roberto Sales

reúne depoimentos de diversos artistas que frequentemente se apresentaram nesse palco. Entre todos os depoimentos, destaco as palavras da pianista Carla Reis que compartilha suas experiências, destacando a importância deste palco que motiva sua carreira e de muitos outros artistas.

A casa do artista é o palco. E meu primeiro palco foi o do Theatro Capitólio. Sou varginhense, pianista e professora na Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais. Iniciei minha formação musical na saudosa Academia de Música Lorenzo Fernández, depois prossegui com professores particulares até ingressar no curso de graduação em Música da UFMG. A decisão por me profissionalizar se deu ao piano do Theatro Capitólio, em uma das muitas vezes em que tive a alegria de estar no palco desse patrimônio cultural da cidade de Varginha. Na década de 1980, a compra do piano de cauda pela Fundação Cultural desvelou aos músicos e aos moradores da cidade um mundo novo de experiências musicais. Para mim, além da oportunidade de assistir a concertos de grandes nomes da música, a chegada do instrumento significou a materialização de uma realidade que existia, até aquele momento, somente nos filmes e nos livros. Se fecho os olhos, ainda posso sentir a emoção de aguardar, atrás das grossas cortinas de veludo vermelho, a minha vez de entrar no palco e, então, me sentir, pela primeira vez, uma artista de verdade. Desde então, a música – minha companheira exigente – tem me levado mundo afora para ouvir, aprender e fazer Arte. Mas, como nos disse o poeta gaúcho Mário Quintana, “quem disse que eu me mudei? [...] A gente continua morando na velha casa em que nasceu.” Um salve aos 95 anos do Theatro Capitólio, a nossa casa da Arte!” (Reis, 2021 *apud* Sales, 2022, p. 475)

3.2.5 Clube de Varginha

O Clube de Varginha, fundado em 1924 e situado no centro da cidade, especificamente na Rua Deputado Ribeiro de Resende, nº 374, é um dos espaços mais antigos e emblemáticos para eventos culturais na cidade. Inicialmente criado como um local para reuniões e festas da elite local, o clube rapidamente se consolidou como um importante centro cultural e social (Clube de Varginha, 2024).

Em 1947, a necessidade de uma sede maior levou à construção de um novo edifício sob a direção do ex-prefeito José de Resende Paiva e o talento do arquiteto José Braga Jordão, sendo inaugurado em dezembro de 1949 (Clube de Varginha, 2024).

O Salão Nobre do Clube de Varginha tem sido palco de diversas apresentações musicais ao longo das décadas. Em 29 de maio de 1930, o pianista Teixeira Mendes apresentou um recital

de piano, e em 18 de setembro do mesmo ano, Geraldo Rocha Braga também encantou o público com sua performance ao piano, apresentações estas que serão mais detalhadas na parte de eventos.

Mais tarde, em outubro de 1958, o Salão Nobre recebeu uma audição dos alunos de Adrienne Diniz, neste evento contou com alguns de meus entrevistados, Reginaldo de Brito Rabelo, Elvira Gomes e João Batista Baroli. João Baroli, um de meus entrevistados, hoje aposentado da secretaria de planejamento da prefeitura e músico atuante na cidade lembra da peça que tocou e do piano que havia no clube:

Pois é, comecei mesmo com seis, sete anos, na primeira audição da professora Adrienne, foi no Clube de Varginha, eu toquei Bolinho de Manteiga, uma peça de Mozart, a música de Mozart.” “....aquele que estava aí até pouco tempo, aquele Brasil.²

² Informações fornecidas por João Batista Baroli em 27/07/2023. Disponível no apêndice C dessa dissertação.

Figura 47: Apresentação das alunas de Adrienne Diniz (ao centro), clube de Varginha, 1958



Fonte: Acervo de Elvira Gomes

Em 30 de julho de 1978, o duo de piano a quatro mãos Fernando Corvisier e Carla Palmieri se apresentou no espaço, promovido pela Academia de Música Lorenzo Fernández. Estes eventos destacam o Clube de Varginha como um importante centro de atividades musicais e culturais, refletindo seu papel central na vida artística da cidade.

3.2.6 Rotary Club de Varginha

O Rotary Club de Varginha, fundado com o objetivo de promover o desenvolvimento de iniciativas de serviço e apoiar a comunidade local, também recebeu eventos artísticos. Como exemplo, em um recorte de jornal não nomeado, cedido por Viviane Diniz, documenta que em 2 de novembro de 1958, o clube recebeu um evento musical de destaque, com a pianista Adrienne Diniz Valim se apresentando para o público local. Durante o recital, Adrienne Diniz Valim interpretou peças renomadas do repertório clássico, incluindo "Tema do Concerto de Varsóvia" de Richard Addinsell e "Tema do Concerto em Lá menor" de Edvard Grieg, oferecendo uma contribuição para a música erudita em Varginha.

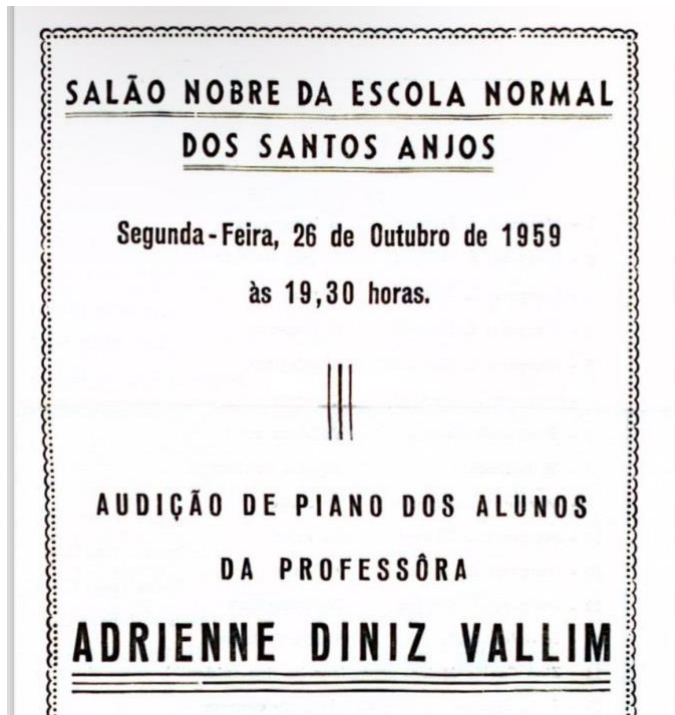
O Rotary Club está situado na Rua Marcelino Rezende, número 72, bairro Catanduvás em Varginha, sendo um ponto de encontro para atividades comunitárias, de serviço, e também para eventos culturais.

3.2.7 Colégio Santos Anjos

O Colégio Santos Anjos foi fundado em 1915 pelo Padre Leônidas João Ferreira e assumido pelas Irmãs dos Santos Anjos em 1922, tornando-se uma instituição pioneira na educação em Varginha. Situado na Rua Silva Bittencourt nº 150, Centro, o colégio também desempenhou um papel significativo na promoção de eventos culturais e artísticos. Entre outubro de 1959 e outubro de 1986, o Colégio dos Santos Anjos serviu como palco para uma série de apresentações musicais organizadas pela professora Adrienne Diniz e pela Academia de Música Lorenzo Fernández.

O Salão Nobre e o Salão de Festas do Colégio Santos Anjos foram os principais cenários dessas apresentações. O primeiro evento registrado ocorreu em outubro de 1959 com a audição dos alunos de Adrienne Diniz. Subsequentemente, em outubro de 1979, o colégio sediou uma nova audição da Academia Lorenzo Fernández, e em outubro de 1983, a "Noite da Arte" apresentou uma celebração das artes. Outras audições ocorreram em novembro de 1983 e 1984, e um evento especial em setembro de 1984 homenageou o compositor Heitor Villa-Lobos. Estes eventos evidenciam o Colégio Santos Anjos como um espaço importante para a formação cultural e artística dos alunos e da comunidade local.

Figura 48: Apresentação das alunas de Adrienne Diniz (ao centro), clube de Varginha, 1958



Fonte: Acervo de Elvira Gomes

3.2.8 Colégio Marista

O Colégio Marista, inaugurado em 1938 e localizado na Praça Champagnat nº 58, Centro, é um espaço que, além de sua função educacional, também serviu como local para eventos culturais em Varginha (Sales, 2024).

O Teatro Mestrinho, uma das instalações do colégio, foi utilizado para apresentações musicais durante as interdições do Theatro Capitólio. Em sua história, o colégio recebeu diversos eventos, incluindo apresentações de piano e audições organizadas pela Academia de Música Lorenzo Fernández, como indicado pelos relatos de Flávio Augusto (Sales, 2024).

3.2.9 Colégio Coração de Jesus

O Colégio Coração de Jesus, administrado pelos irmãos Maristas, iniciou suas atividades em 1936, e ao longo dos anos, tornou-se um local notável para apresentações musicais e eventos culturais em Varginha. Atualmente, o colégio está situado na Avenida Benjamin Constant, número 451, após ter ocupado diferentes locais ao longo de sua história,

incluindo uma coabitação com o Conservatório de Varginha no prédio do Colégio Marista.

Entre os eventos realizados no colégio, destaca-se o recital de piano de Adrienne Diniz em 15 de novembro de 1958 e a apresentação de Adrienne Diniz Valim ao piano, com Therezinha Léa no canto e Cecílio Guilherme Fernández ao violino, realizada em 6 de abril de 1962. A colação de grau dos alunos em 1936 também é mencionada como um evento importante realizado no colégio, refletindo a conexão entre a instituição e a vida cultural da cidade (Sales, 2024).

3.2.10 Associação Médica de Varginha

Fundada em 1949, a Associação Médica de Varginha (AMV) tem sido um importante centro para atividades culturais e científicas na cidade. A Associação está localizada no centro de Varginha na Avenida Rio Branco nº 202.

O auditório da AMV tem sido palco para uma variedade de eventos musicais ao longo dos anos. Reginaldo Rabelo, ex-presidente da AMV e também pianista, relata ter promovido recitais de piano com músicos convidados, destacando a importância do auditório para a vida cultural da cidade (Associação médica de Varginha, 2024).

3.3 EVENTOS

Nesta parte do trabalho, serão relatados os eventos mais significativos relacionados ao piano no recorte temporal de 1901 a 1987. A data inicial marca a chegada do Maestro Marceliano Braga, que, além de compositor e regente, foi um dos primeiros professores de piano de Varginha registrados. A data final refere-se à criação do Concurso Estímulo de Piano em 1987, um evento que teve um impacto importante no cenário pianístico da região e que irei explicar mais detalhadamente a acrescentando reflexões sobre seu impacto.

No início do século XX, Varginha testemunhou alguns eventos musicais que refletiam o crescimento e a diversidade da cena cultural local. Um dos primeiros eventos documentados ocorreu em 18 de novembro de 1905, quando um concerto foi realizado nos salões do Grêmio, organizado por D. Leonor Araújo e Cita Rebelo sob a presidência de Dr. José Frota. O programa do concerto incluiu a execução do Hino Nacional Brasileiro, apresentado com piano a quatro mãos e dois violinos, e contou com a participação das senhoritas Astorlinda Macedo, Cita e Julieta Rebelo, além do senhor Joaquim Garcia da Fonseca (Sales, 2022, p. 135).

Em 1915, a apresentação do tenor José Osório, que foi acompanhado ao piano por Fructuoso Vianna, um compositor mineiro de Itajubá. Durante este evento, uma das canções executadas foi a ária "Vesti La Giubba", de Ruggero Leoncavallo, destacando a continuidade da prática musical erudita na cidade (O momento, 1915). Em 1916, um evento foi promovido pela “Grande Comissão Portuguesa Pró-Pátria”, que organizou um grande concerto em benefício da Cruz Vermelha Portuguesa. O programa do concerto incluía uma variedade de números musicais executados por uma banda de música, além de peças para piano, e contou com a participação de membros da sociedade local (Sales, 2022, p. 101).

A década de 1920 também foi marcada por apresentações musicais em Varginha, como exemplificado por um incidente ocorrido em março de 1922 no Teatro Municipal, durante uma apresentação de piano por Manica Ximenes Souza, uma pianista conhecida do cinema. O evento foi perturbado por manifestações políticas exacerbadas, evidenciando a tensão social da época (Sales, 2022, p. 116). Estes eventos ilustram a presença precoce de apresentações eruditas e a colaboração entre músicos locais em Varginha.

Em 27 de maio de 1930, o Clube de Varginha sediou um recital de piano apresentado pelo pianista Texeira Mendes. Diante dos meus registros encontrados, foi o primeiro recital completo, recital que, segundo o jornal *Arauto do Sul*, no pianista havia uma “Finura vibrante da execução servida por uma técnica impecável”.

Este evento aconteceu no Salão Nobre do Clube de Varginha e contou com um piano novo da marca Brasil, modelo fabricado em São Paulo e cedido para o recital pela Casa Pratt, para fazer propaganda do piano.

No repertório executado tivemos as seguintes obras: *Coral* de Félix Mendelssohn; *Prelúdio* de Frederic Chopin; *Marcha Turca* de Beethoven; *Noturno* de Chopin; *Tu és o repouso* de Franz Schubert e arranjo de Franz Liszt; *Marcha Militar* de Schubert/Tausig; *Sevilha* de Albeniz, *Amor bruxo* de M. de Falla; *Preludio*, *Tango brasileiro* e *Valsa*, composições do próprio Teixeira Mendes; e para finalizar *Fantasia sobre o Hino Nacional brasileiro* de Gottschalck.

Estas informações foram encontradas no jornal *Arauto do Sul* nº 547, edição de 29 de maio de 1930. Na matéria há um rico texto no qual compartilharei abaixo:

O auditório não era numeroso, mas era de primeira ordem. Vimos no salão o que Varginha tem de mais fino em apreciadores da arte musical e isso deve contentar o concertista. Se a bilheteria não teve o êxito que almejava, a qualidade do auditório salvou o concerto. De fato, Teixeira Mendes satisfaz a nossa expectativa. Ouvimo-lo

antes em algumas de suas maiores dificuldades e estamos habilitados a afirmar que foi excelente a impressão deixada pelo futuroso jovem, para quem já foram desvendados completamente os segredos de seu instrumento predileto, o piano.

(...)A Finura vibrante da execução servida por uma técnica impecável, sentimento para interpretar e dar vida às peças, a firmeza da dedilhação e dos pedais em seu jogo irrepreensível, provaram que estávamos diante de uma dessas naturezas privilegiadas e que tanto mais estimáveis se tornam quanto mais raras se mostram.

Teixeira Mendes, que não conta ainda vinte e um anos, com a base que já possui de pianista exímio, dentro de poucos anos, terá farta messe de louros, não dizemos no Brasil nem em São Paulo, seu Estado natal, mas na Europa, para onde partirá breve em viagem de aperfeiçoamento, conforme disse o Dr. Luiz Teixeira da Fonseca, que o apresentou antes do início das execuções.

Por uma feliz coincidência, Teixeira Mendes tocou em um novíssimo piano Brasil, lindo modelo fabricado em São Paulo, que o Sr. Luiz A. Ferrarese, representante da Casa Pratt, interessada na propaganda dessa marca, colocou no Clube de Varginha, à disposição do artista.

A noite de 27 de Maio ficou assinalada nos anais varginhenses como uma noite de triunfo artístico. (Jornal Arauto do Sul, 1930)

O recital destacou-se como uma oportunidade para a apreciação de repertório pianístico erudito na cidade e também como um incentivo para outras apresentações. Basta ressaltar que em setembro do mesmo ano houve outro recital de piano no mesmo lugar.

Conforme o recorte do *Jornal Arauto do Sul*, edição de 18 de setembro de 1930, o pianista Geraldo Rocha Barbosa apresentou, nesta data, um concerto de piano no Salão Nobre do Clube de Varginha. A matéria, embora não revele o repertório executado, ressalta a experiência do pianista afirmando que Geraldo Rocha Barbosa está acostumado com públicos no Brasil e Europa.

O concerto de piano de Geraldo Rocha Barbosa refletiu o interesse pela música erudita na cidade e, conforme no texto abaixo, revelou o interesse pelo público varginhense pela música clássica:

Hoje deliciar-se-á os "dilettanti" da boa música o jovem pianista brasileiro Geraldo Rocha Barbosa, em um concerto que realiza no salão do Club de Varginha. Possuindo excelente técnica adquirida em prolongados estudos feitos no país e no estrangeiro, o pianista Geraldo oferece as maiores garantias de êxito, habituado como está aos aplausos das cultas plateias do velho e do novo mundo. Em sua bagagem conta o nosso jovem patricio, substanciais provas de sua idoneidade e ouvi-lo há de ser uma delícia. Varginha já conta um número regular de conhecedores da bela arte que

imortalizou Wagner, Verdi e outros luminares, verdadeiros prodígios de encantamento. Que hoje estejam todos no salão do Club de Varginha, para aplaudir conscienciosamente e com justiça o jovem musicista. Que quando ele estiver elevado no apogeu da glória se lembre de nossa cidade e do quanto ela contribuiu para sua felicidade.

Todos, pois, hoje, ao concerto. (Jornal Arauto do Sul, 1930)

Em 1932, Varginha foi palco de dois eventos significativos envolvendo pianistas varginhenses que eram alunas do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo: Oneyda Alvarenga e Adib de Oliveira Carvalho.

No dia 15 de fevereiro de 1932, a edição nº 700, Suplemento, do jornal *Arauto do Sul* dedicou toda a sua primeira página ao jovem cantor Jorge Fernandes e seu duo com Oneyda Alvarenga. Na ocasião, ele se apresentou em um recital acompanhado ao piano pela jovem pianista varginhense Oneyda Alvarenga, que na época era estudante de piano em São Paulo e viria a se tornar uma figura representativa no cenário musical nacional. Jorge Fernandes gravou discos com as gravadoras Odeon, Columbia e Parlophon. No programa de Jorge Fernandes, a performance foi dividida em duas partes, com um repertório que incluiu obras de compositores como Joubert de Carvalho, Hekel Tavares e Sivan Castelo Neto, refletindo a diversidade e riqueza da música popular da época (Arauto do sul, 1932 *apud* Sales, 2022).

Mais tarde no ano, em 18 de novembro de 1932, Adib de Oliveira Carvalho, também pianista varginhense e aluna do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, apresentou um concerto de piano em Varginha. O programa do recital incluiu a execução de peças como *Cavalleria Rusticana* de Pietro Mascagni (Introdução, Cena 1ª, Duo e Refrain de Lola, Intermezzo), *Valsa nº 11* de Chopin, *Marche à la turque* (Ruínas de Atenas) de Beethoven, *Neuer Frühling*, Op. 44 de Gustav Lange, *Ballade*, Op. 19 de Ignace Xavier Joseph Leybach, *Improviso*, Op. 27, nº 2 de Alberto Nepomuceno, e *Sinfonia do Guarani* de Carlos Gomes. O jornal *Arauto do Sul* fez a seguinte publicação a respeito do concerto:

O público varginhense, já um tanto exigente em matéria de arte, o que demonstra a sua cultura, não há de, estamos certo, deixar de levar à jovem artista conterrânea a sua assistência e os seus aplausos, especialmente se prestar atenção ao programa distribuído, de que nos foi dado um exemplar e que aqui reproduzimos, antegozando as delícias de sua audição. (Arauto do Sul, 1932 *apud* Sales 2022).

Em 1939, em meio ao angustiante contexto psicológico da Segunda Guerra Mundial, a

consagrada pianista e cantora Aurélia R. Vergara, diplomada pela Universidade de Música do Rio de Janeiro, realizou um concerto em Varginha. Acompanhada ao piano pelo maestro Arnaldo Amarante, maestro da Orquestra do Theatro Capitólio e um dos personagens deste trabalho, a performance foi estruturada em três partes distintas. A primeira parte do programa incluiu números de canto e piano; a segunda parte consistiu em um recital solo de piano por Aurélia Vergara, apresentando a *Suite Española*, Op. 47 de Isaac Albéniz, *Prelude* de Sergei Rachmaninoff, *Danza ritual del fuego* de Manuel de Falla e a *Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro* de Louis Moreau Gottschalk; a terceira parte foi novamente dedicada ao canto e piano. O programa, extenso e variado, refletiu a sofisticação musical da artista e a qualidade do evento realizado na cidade (Sales, 2022, p. 303).

Em 24 de novembro de 1937, às 13 horas, ocorreu no Salão Nobre da Sociedade Italiana a audição das alunas de Carmelita Braga. O programa da audição incluiu o nome das músicas e das alunas, sem nomear os compositores, e o recital foi encerrado com a apresentação do Hino Nacional Brasileiro. Neste documento, o evento conta com a participação de 19 alunas e 30 músicas apresentadas para piano solo e piano a quatro mãos, e consta apenas o nome das músicas e dos executantes, não nomeando os compositores.

Seguindo um formato semelhante, realizou-se uma audição dos alunos de Arnaldo Amarante, no Theatro Capitólio. O programa da audição incluiu apresentações de piano solo, a quatro mãos e a seis mãos, e apresentou obras de compositores como Felix Mendelssohn, Giuseppe Verdi, Anton Diabelli e Franz Schubert, entre outros. Entre os alunos de Amarante, destaco a aluna Irma Paiva, personagem citada na entrevista cedida por Elvira Gomes figura importante para este trabalho.

Assim como na audição de Carmelita Braga, a apresentação também foi concluída com a execução do Hino Nacional Brasileiro. A data desta apresentação não consta no programa, mas, segundo Sales (2022), Arnaldo Amarante fazia audições regulares na década de 40. A proximidade das datas dos dois eventos e a prática comum de Amarante de promover audições de alunos neste período refletem o papel ativo desses professores na promoção da música.

Em 1946, alunos do Maestro, compositor e pianista Cecílio Guilherme Fernández, através da Escola de Música Santa Cecília, a qual era diretor, apresentaram o evento *A Noite da Valsa*. O programa, gentilmente cedido pela participante Irma Paiva ao acervo pessoal da pianista Elvira Gomes, é rico em poesia, Cecílio Fernández usa linguagem elevada e culta para apresentar suas alunas.

Segue abaixo o texto de apresentação:

Noite da Valsa

Este é o título do concerto com que os alunos da Escola Musical Santa Cecília se apresentam este ano. Este momento de arte se desenvolve segundo a imaginação de cada ouvinte; a música, e sobretudo aquelas que desfrutaram ou ainda desfrutam dos favores do público, traz a cada um de nós sensações diferentes, cambiante segundo o estado temperamental e a ocasião ou o fato em que se corporizaram em nosso subconsciente, ou a saudade que desperta, talvez, como nenhuma outra arte. A alma, eterna namorada, não pode deixar de ser poética e quando ouve música, voa a regiões que a palavra não descreverá nunca. Eis aqui onde a música se revela como a mais preciosa das artes, a que fala a cada um a linguagem de madrigais deliciosamente nossos. como se alguém em pronunciasse uma palavra, suavemente modulada, num idioma estranho, e que todos estendessem, porém, com significados diferentes, totalmente ignorados dos outros que a ouviram... E o mais deslumbrante é que, essa arte maravilhosa, vive eternamente na saudade... Desde o compositor que se inspira, até quem se deleitará com ela, a saudade impera ao redor, espalhando todos os encantos, todas as alegrias, todas as tristezas, quebrando em miríades de pequeninas estrelas o grandioso universo da «SAUDADE». Não interromperei o encanto do vosso momento musical com anúncios de nomes, sejam de alunos, de peças ou de autores; por isso organizei este programa com uma sucinta descrição do que compreende e o que é esta «UMA NOITE DE VALSA». (Programa do Recital *Noite da Valsa*, 1946)

O Maestro Cecílio Guilherme teve todo o zelo em compor uma música de abertura para este evento, no próximo texto, o compositor explica como é a forma de sua composição e quem são as alunas que irão executar:

Introdução Para «Uma Noite de Valsa», compus esta Introdução, pensando unicamente em que minha modesta composição modesta e despretençiosa, seria do agrado dos meus alunos, a quem a dedico; indigna, por todos os motivos de anteceder aos nomes dos grandes artistas que aqui figuram, levou-me apenas o desejo de agradecer-lhes sua amizade à minha pessoa, sua dedicação ao estudo e seu impecável comportamento; estes fatos são o maior orgulho da Escola Musical Santa Cecília e de seu Diretor.

Escrita em dois movimentos, o primeiro Allegro em quatro tempos, descreve a labuta no início do período escolar, onde tudo, ainda descontrolado, procura aflito a senda florida e graciosa do ritmo alegre, correndo por aqui, detendo-se ali... e por fim, achada, corre veloz ao seu encontro, detendo-se bruscamente ante a magnitude de fulgurante espetáculo do templo do «SABER»... HYRMA PAIVA é a solista nesta

introdução; interpreta admiravelmente meu pensamento, pondo sua técnica em grande relevo, sobretudo na cadência, de grande dificuldade. Do Allegro passo ao ternário, movimento característico da valsa e que não mais deixaremos. E alegre, vivaz, como corresponde à mocidade a quem está dedicada, e, como no movimento anterior, perdura ainda a indecisão, que somente perderá na repetição; este ritmo de valsa, como já disse, é o final da introdução. Irma Paiva está esplendidamente secundada por NORMA APARECIDA REIS, ADRIENNE DINIZ e APPARECIDA MASSA, cada qual em seu piano, reforçando com excelente execução á solista e acompanhando-a admiravelmente em sua interpretação, acompanhamento que revela suas qualidades, pois que este é o aprendizado mais difícil para o pianista, exigindo dele qualidades que raramente se encontram nos estudantes. (Programa de Recital *Noite da Valsa*, 1946)

Além da música de Introdução composta para a ocasião pelo Maestro Fernández, tivemos no programa: *Primavera em meu coração*; arranjo de valsas de Strauss por Hans J. Salter; *Patinadores* de Emilio Waldteufel; *La Golondrina*, valsa mexicana, compositor não nomeado; *Prelúdio* de Leo Fall; *Viúva Alegre* e *Danúbio Azul* de Strauss; *Três da Manhã* de Julián Robledo; *Conto dos Bosques de Viena*, Strauss; *Milhões de Arlequim* de R. Drigo; *Gianina Mia!* de Rudolf Frml; *Eu e Você*, compositor não nomeado; *Convite à Valsa* de Carl Maria von Weber; *Vozes da Primavera* de Strauss; *Copelia*, Leo Delibes; *Valsa op 69 nº1* de F. Chopin; *Vieni Sul Mar*, compositor desconhecido; *Valsa das Flores* de Tchaikowski; *Wen Love is a Kind*, compositor desconhecido; *Valsa op. 18* de Chopin; *Il Bacio*, L. Arditi; e *Hino Nacional*.

Vale a pena ressaltar que há a presença da execução do Hino Nacional em muitas apresentações, destacando a tradição de incluir este símbolo nacional nas programações musicais da época. Também lembrar que no conteúdo do programa, segue o texto repleto de exageros, em cada número apresentado. Cada aluno tem seu nome acompanhado por um texto repleto de elogios à sua futura execução, ao compositor e para a peça executada.

Em 1954, Varginha recebeu o pianista Arnaldo Marchesotti³ para um concerto de piano. Segundo o *Diário Carioca*, a plateia varginhense teve a oportunidade de assistir a uma performance do consagrado pianista brasileiro, caracterizada como uma "noite de gala" para a

³ Arnaldo Marchesotti, nascido em Como, Itália, em 1916, ficou cego aos dois anos de idade devido a complicações da gripe espanhola. Em decorrência do regime ditatorial instaurado por Mussolini, seus pais decidiram imigrar para o Brasil quando ele ainda era criança. No Brasil, Marchesotti estudou piano no Conservatório Mineiro de Música e tornou-se o primeiro pianista cego a obter um diploma de formação superior em piano no país. Sua carreira começou cedo, e aos treze anos de idade ele se apresentou na Rádio Educadora do Brasil no Rio de Janeiro e em diversos teatros brasileiros, sendo amplamente reconhecido como um virtuose do piano (CORREIO DA MANHÃ, 1930; MARCHESOTTI, 2012 *apud* SALES 2022).

cidade. O jornal descreveu o evento destacando que Arnaldo Marchesotti, conhecido como o "rei do teclado," reafirmou seu valor artístico através da execução de várias peças de seu vasto repertório (DIÁRIO CARIOCA *apud* Sales 2022)

Em 1958, destaco o acompanhamento ao piano que foi realizado pelo maestro Cecílio Guilherme Fernández para o recital do tenor Hercílio Batista Pinto apresentou um programa que incluiu uma seleção de peças da música operística e popular. O programa incluiu as seguintes peças: *Serenata*, de Franz Schubert; *Occhi di fata*, de Luigi Denza; *Musica Proibita*, de Stanislao Gastaldon; *O sole mio*, de Eduardo Di Capua; *Il Lamento di Federico* (de *L'Arlesiana*), de Francesco Cilea; *O Paradiso* (de *L'Africana*), de Giacomo Meyerbeer; *E lucevan le stelle* (de *Tosca*), de Giacomo Puccini; *Celeste Aída* (da ópera *Aída*), de Giuseppe Verdi; *Lundu da Marquesa de Santos*, de Heitor Villa-Lobos; e as composições *Evocação*, *Tuas mãos* e *Alma adorada*, de Francisco Mignone (Sales, 2022, p. 425).

A partir de 1958, Adrienne Diniz passou a realizar apresentações de seus alunos anualmente. O primeiro consta de 22 de outubro de 1958, às 19:30, no Salão Nobre do Clube de Varginha. Este evento inaugural apresentou um extenso programa com 90 números, divididos em três partes distintas, evidenciando a abrangência e a organização meticulosa dos recitais. Em 1959, o recital foi realizado no Salão Nobre da Escola Normal Santos Anjos, com um programa estruturado em duas partes e composto por 50 apresentações.

De 1961 adiante, os recitais passaram a ser realizados no salão de festas do Colégio Santos Anjos, onde a tradição de promover amplas audições para os alunos continuou até 1964. A importância desses recitais é evidenciada pelo fato de que alguns dos participantes, como Eldah Regina Ramos Drummond, Dalva Resende e Elvira Pedrosa Gomes, viriam a desempenhar papéis significativos como professores de piano na região sul de Minas Gerais.

O impacto dos recitais é ainda mais evidente nas entrevistas realizadas posteriormente pelo autor com figuras como Reginaldo Britto Rabelo, João Batista Baroli, Eldah Drummond e Elvira Gomes, que destacaram a relevância desses eventos para suas trajetórias profissionais e para o cenário musical regional.

Durante o período de 1979 a 1987, a Academia Lorenzo Fernández promoveu uma série de apresentações de alunos que refletiram o papel da instituição na formação musical na região de Varginha. Esses eventos ocorreram em diversos locais e datas, proporcionando aos alunos oportunidades para demonstrar suas habilidades e avançar em seus estudos musicais.

Em 13 e 27 de outubro de 1979, a Academia Lorenzo Fernández realizou dois recitais no Salão de Festas do Colégio Santos Anjos. Esses eventos marcaram o início das apresentações formais da Academia, com cerca de 80 números distribuídos ao longo dos recitais. Participaram

das apresentações a professora Elvira Gomes e o aluno Flávio Augusto, entre outros.

Em 16 de novembro de 1983, a Academia promoveu um recital no Salão de Festas do Colégio Santos Anjos. A continuidade das apresentações em locais como o Salão de Festas do Colégio Santos Anjos evidenciou a consistência da Academia em oferecer oportunidades de performance para seus alunos.

Em 31 de junho de 1986, foi realizado um recital no Salão de Festas do Colégio Santos Anjos, com a participação de pianistas como Dalva Resende, Eldah Drummond, Elvira Gomes, Maria Aparecida do Valle e Myrian Reis Pinto Bísaro. O evento fez parte das atividades regulares da Academia e contou com muitas apresentações individuais e em grupo.

Em 11 de dezembro de 1987, o Theatro Capitólio sediou um recital dos alunos da Academia Lorenzo Fernández. Além desta apresentação, em 17 de outubro de 1987 e 20 de novembro de 1987, outros recitais foram realizados no Theatro Capitólio e no Colégio Santos Anjos, respectivamente.

Vale a pena ressaltar a importância das apresentações constantes de alunos, pois estes eventos têm a característica de socialização, pois reúne um número substancial de alunos, e de oferecer um espaço para a apresentação de seus progressos musicais.

Em 30 de julho de 1978, o Salão Nobre do Clube de Varginha foi o cenário de um recital de piano comemorativo pelos 10 anos de fundação do Departamento de Academia de Música Lorenzo Fernández. O evento contou com as apresentações dos pianistas Fernando Corvisier e Carla Palmieri e teve início às 20 horas, destacando-se pela diversidade e pela sofisticação do programa musical.

O recital foi dividido em três partes, cada uma apresentando um conjunto distinto de obras, refletindo a habilidade e a versatilidade dos artistas. O programa do recital foi:

- **Carla Palmieri** iniciou o recital com uma seleção de peças que incluiu:
 - *Alma Brasileira*, de Heitor Villa-Lobos
 - *Intermezzo*, Op. 118, No. 2, de Johannes Brahms
 - *Estudos*, Op. 72, Nos. 1 e 11, de Moritz Moszkowski
 - *Noturno Póstumo em Dó # menor*, de Frédéric Chopin
 - *Sonata em Mi Maior*, de Domenico Scarlatti
 - *Balada No. 2*, de Frédéric Chopin
- **Fernando Corvisier** prosseguiu com sua própria seleção de peças, que incluiu:
 - *Dança do Índio Branco*, de Heitor Villa-Lobos
 - *Estudo Op. 8, No. 12*, de Alexander Scriabin

- *Estudo Op. 10, No. 3*, de Frédéric Chopin
- *Funerais*, de Franz Liszt
- *2 Estudos Sinfônicos*, de Robert Schumann
-
- **Carla Palmieri e Fernando Corvisier**, em conjunto, encerraram o recital com uma apresentação a quatro mãos das seguintes peças de *Jogos para Crianças*, de Georges Bizet:
 - Marcha
 - Canção de Ninar
 - Improviso
 - Duo
 - Galope

O recital celebrou o décimo aniversário da Academia de Música Lorenzo Fernández com a competência técnica e interpretativa de Carla Palmieri e Fernando Corvisier, reforçando o compromisso da instituição com a excelência musical e a com a propagação da música na sociedade.

A Academia de Música Lorenzo Fernández também celebrou seu 15º aniversário com um evento intitulado *Noite da Arte*, em 15 de outubro de 1983. A comemoração ocorreu no Salão de Festas do Colégio Santos Anjos e contou com uma programação diversificada que incluiu apresentações de vários instrumentos musicais, como flauta, violão, canto e trompete, além da presença de dois pianos. A apresentação de piano, uma das principais atrações da noite, foi apresentado por cinco pianistas da Academia. Os participantes foram Elvira Gomes Carvalho Pinto, Dalva Resende, Myrian Reis, Adriana de Oliveira e Maria Aparecida Pieve.

A *Noite da Arte* não apenas marcou a ocasião especial do aniversário da Academia, mas também proporcionou uma plataforma para a exibição dos talentos, reforçando o papel da Academia de Música Lorenzo Fernández na promoção da música e na formação de músicos na região.

No dia 28 de setembro de 1984, às 20:30, a Academia Lorenzo Fernández promoveu uma noite de homenagem ao compositor Heitor Villa-Lobos em comemoração aos 25 anos de sua morte. O evento foi realizado no Salão de Festas do Colégio Santos Anjos e teve como objetivo celebrar a obra de um dos mais importantes compositores brasileiros do século XX.

O repertório da noite incluiu uma seleção representativa das composições de Villa-Lobos, destacando sua contribuição à música brasileira e sua inovação na combinação de

elementos folclóricos e clássicos. As peças apresentadas foram: *Brinquedos de Roda, Cirandinhas, Petizada, Carnaval das Crianças, Cirandas, Bachianas Brasileiras, Ciclo Brasileiro, Prole do Bebê, A Lenda do Caboclo e Valsa da Dor*.

As pianistas que participaram da homenagem foram as professoras da Academia Eldah Drummond, Elvira Gomes e Dalva Resende, entre outras. O evento não apenas destacou o legado de Villa-Lobos, mas também ofereceu uma plataforma para a valorização da música brasileira.

No dia 27 de outubro de 1985, a Academia Lorenzo Fernández promoveu um recital do pianista Antônio Bezzan no Theatro Capitólio. Este evento contou com a apresentação de um variado repertório pianístico, que incluiu peças de compositores renomados. O recital de Antônio Bezzan apresentou as seguintes obras:

- Fryderyk Chopin: *Valsas Op. 64, n.º 1 e 2; Valsa Op. 18; Noturno Opus Póstumo; Fantasia-Improvisado; Polonaise Heroica*.
- Claude Debussy: *Rêverie; Clair de Lune*.
- Sergei Rachmaninov: *Prelúdio Op. 3, n.º 2; Estudo-Transcrição Op. 23, n.º 5*.
- Franz Liszt: *Rêve d'Amour; Sonetto del Petrarca; La Campanella*.

O Theatro Capitólio não dispunha de um piano para o recital, e, conforme informado pelas organizadoras Eldah Drummond e Elvira Gomes, um piano de um quarto de cauda foi gentilmente emprestado por Patrícia Frota, aluna da Academia Lorenzo Fernández. Este piano foi utilizado para a execução das obras apresentadas durante o recital.

Em 5 de abril de 1986, às 21 horas, a Academia Lorenzo Fernández organizou um recital de piano no Theatro Capitólio. O evento contou com a participação do pianista Flávio Augusto, ex-aluno da Academia, e apresentou um programa que abrangeu importantes obras do repertório pianístico clássico.

O recital iniciou com peças de Robert Schumann, incluindo *Arabesque Op. 18, Cenas Infantis Op. 15 e Papillons Op. 2*. Na segunda parte do recital, Flávio Augusto apresentou uma seleção de obras de Fryderyk Chopin. O repertório incluiu o *Noturno Op. 9, n.º 1*; o *Estudo Op. 10, n.º 8*; a *Mazurka Op. 17, n.º 2*; e a *Valsa Brilhante Op. 34, n.º 1*. O programa continuou com a *Valsa Op. 64, n.º 2*, o *Balada n.º 2 em Fá Maior*, o *Improvisado n.º 1 em Lá Bemol* e o *Andante Spianato e Grande Polonaise Brilhante*.

A organização do recital foi conduzida pela Academia Lorenzo Fernández, que buscou oferecer à comunidade uma oportunidade de apreciar a música clássica em um dos principais

espaços culturais de Varginha. A realização deste recital no Theatro Capitólio demonstrou o compromisso contínuo da Academia Lorenzo Fernández em proporcionar eventos musicais significativos e de alta qualidade para seus alunos e para o público local.

A Escola de Música Lorenzo Fernández foi fundamental para a divulgação de música em Varginha e também para a difusão dos estudos de música, especialmente de piano, promovendo inúmeros eventos a partir de sua fundação. Os últimos dois eventos citados estão em ordem cronológica contrária para finalizar com mais detalhes sobre o I Concurso “Estímulo” de Piano Lorenzo Fernández.

O dia 2 de outubro de 1987, às 20h30, o Theatro Capitólio sediou uma apresentação novamente organizada pela Escola de Música Lorenzo Fernández em parceria com a Fundação Cultural de Varginha. Este evento ocorreu como parte do I Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández, no qual os alunos da professora Marisa Rosana Lacorte, de Santo André - SP, foram premiados no mês de abril de 1987 e tiveram a oportunidade de se apresentar em Varginha.

O recital foi estruturado em duas partes, com um programa variado que destacou obras de compositores clássicos e contemporâneos.

Na primeira parte do recital, a programação incluiu:

Fábio Witkowski iniciou com *12 Variações sobre "Ah, vous dirai-je, Maman"*, K. 265 de W. A. Mozart e seguiu com *Consolação nº 3* de F. Liszt.

Márcio R. de Souza apresentou a *Suite Mirim* de C. Guarnieri, incluindo os movimentos *Tanguinho*, *Ponte*, *Cirandinha* e *Modinha*.

Maria Helena Schoeps interpretou *Intermezzo Op. 76, nº 6* de J. Brahms e a *Sonatina nº 1* de C. Guarnieri.

Liz Mara Fuzisaka Mello executou *Prelúdio Op. 38, nº 24* de D. Kabalevsky.

Cláudio Suyama Tegg apresentou a peça *A Lenda do Caboclo* de Heitor Villa-Lobos e *Mazurcas Op. 17: nº 2 e nº 4* de F. Chopin.

A segunda parte do recital incluiu:

- Luciana Sayuri Shimabuko tocou *Ceia da Criança*, Op. 15 de R. Schumann, com os seguintes movimentos: *De Pessoas e Países Estrangeiros*, *História Curiosa*, *Cobra Cega*, *Súplica de uma Criança*, *Felicidade Perfeita*, *Grande Acontecimento*, *Sonho*, *Na Lareira*, *Montado em Cavalo-de-Pau*, *Demasiado Sério*, *O Fantasma se Aproxima*, *A Criança Adormece*, e *O Poeta Fala*.

- Marcelo R. de Souza apresentou *Chôro nº 5 "Alma Brasileira"* de Heitor Villa-Lobos e *Romanze Op. 118, nº 5* de J. Brahms.
- Ceres B. de Miranda interpretou *Farrapos (nº 1 das "Danças Características Africanas")* de Heitor Villa-Lobos e *Novellette nº 2 em Si Bemol Menor* de F. Poulenc.
- Alexandre Mafra Cabral tocou *Poema Singelo* de Heitor Villa-Lobos e *Prelúdio Op. 23, nº 7* de S. Rachmaninoff.

O recital foi uma plataforma para os alunos da professora Marisa Rosana Lacorte, que, após serem premiados no concurso, se apresentaram no Theatro Capitólio, refletindo a continuidade das atividades da Escola de Música Lorenzo Fernández e oferecendo uma oportunidade de intercâmbio cultural e musical com a comunidade de Varginha.

3.3.1 Concursos Estímulo de Piano Lorenzo Fernández

Neste item do trabalho, vou descrever o evento que marcou uma mudança no cenário pianístico em Varginha e expor as conclusões sobre essas mudanças. A pesquisa deste subcapítulo gerou um artigo intitulado *1º Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández e seu impacto no cenário pianístico na cidade de Varginha (MG)* publicado por mim no XVI Encontro de Educação Musical da Unicamp (Souza, 2023).

Neste artigo descrevo o evento realizado entre os dias 9 e 12 de abril de 1987 e trago a tona a discussão sobre a mudança no cenário musical de Varginha após essa data. Levando em consideração da contagem de recitais promovidos antes e depois desta data, e, de entrevistas realizadas com organizadores e membros do júri do concurso, percebe-se um número expressivamente superior de recitais após o concurso de piano e, segundo as entrevistas, Varginha passou a ser um ambiente muito mais propício ao estudo de piano.

No campo da música, os concursos servem como uma instância de consagração, onde autoridades do meio musical, representadas pelos membros das bancas julgadoras, reconhecem publicamente a competência dos premiados, conferindo-lhes um capital simbólico que vai além do ganho econômico. O valor da premiação é amplificado pelo nível de abrangência do concurso, seja ele internacional, nacional ou regional. Reis (2019, p. 34-40) desenvolve a noção de "ofício do pianista", um conjunto de práticas e normas compartilhadas no campo musical, e destaca a importância dos concursos como uma parte vital da formação ideal de um estudante

de piano.

Embora não haja dúvidas a respeito da importância dos concursos na tradição pianística, não podemos deixar de abordar críticas a esse tipo de prática. Tais críticas se alinham a ideais de uma educação musical mais inclusiva e democrática, na qual a competição teria um efeito negativo na formação musical.

Em minha carreira musical, nunca participei de concursos, provavelmente devido à minha iniciação tardia ao instrumento, porém vou emitir minha opinião como pesquisador e organizador de concursos de piano realizados anualmente pelo Conservatório de Música de Varginha, no qual sou professor e coordenador do departamento de piano. Logo, acredito que os concursos de piano não apenas motivam jovens músicos, mas também lhes oferecem uma plataforma para expor seu talento, alcançar visibilidade e receber prêmios, o que pode ser um impulso significativo para suas carreiras artísticas.

O 1º Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández teve lugar em Varginha-MG de 9 a 12 de abril de 1987, no Theatro Capitólio. Este evento inaugural foi organizado pelas professoras Dalva Resende, Eldah Drummond e Elvira Gomes, todas da Escola de Música Lorenzo Fernández, com o idealizador sendo o pianista Flávio Augusto. A abertura do concurso foi marcada por um recital especial com Flávio Augusto e a pianista Vera Pompílio, de São Paulo.

O evento teve sua banca examinadora composta por Flávio Augusto e Vera Pompílio, além de Adrienne Diniz Vallim, Arlette Thedin Costa (RJ), Paulo de Tarso (RJ) e Vânia Vinhas Cardoso (Varginha). O concurso contou com a participação de estudantes de piano dos estados de São Paulo e Minas Gerais, divididos em três categorias: Preparatório, Técnico e Graduação, com um total de nove, nove e oito concorrentes, respectivamente. As cidades representadas incluíam Morro Agudo, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Santo André, Ribeirão Pires e São Paulo em São Paulo, e Guaranésia, Guaxupé, Montes Claros, Paraguaçu, Pouso Alegre e Varginha em Minas Gerais. O programa para todos os turnos consistia na execução de um estudo, um movimento vivo de sonatina ou sonata, uma peça de livre escolha e uma obra de Oscar Lorenzo Fernández.

Os concursos denominados “estímulo” são fundamentais para motivar jovens músicos, envolvendo competidores locais e abordando desde repertórios iniciais até níveis avançados. O 1º Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández, realizado em 1987, serviu de modelo para futuras competições na cidade, que evoluíram de eventos regionais para concursos de âmbito nacional e reuniram pianistas que hoje são referências no cenário musical brasileiro.

Após o Concurso Estímulo de 1987, Varginha promoveu o II Concurso Nacional de

Piano Lorenzo Fernández em 1989, seguido por um novo Concurso Estímulo Municipal de Piano em 1990, o III Concurso Nacional de Piano Lorenzo Fernández em 1991 e o IV Concurso Nacional de Piano Lorenzo Fernández em 1993. Atualmente, a cidade continua a tradição com os concursos realizados no CEMVA.

Para melhor analisarmos as mudanças ocasionadas pelo evento neste cenário, um questionário que continha três perguntas foi enviado via *Whatsapp* e/ou *email* a alguns dos responsáveis pela concepção e organização do 1º Concurso Estímulo, são eles: da comissão organizadora, Eldah Ramos Regina Drummond e Elvira Gomes de Carvalho Pinto; Flávio Augusto, o idealizador do concurso; e Vânia Vinhas Cardoso, membro da banca examinadora. As respostas foram enviadas em texto.

Na primeira pergunta, o objetivo foi compreender as intenções dos idealizadores ao criar um concurso de piano em Varginha. Vânia Vinhas começou sua resposta descrevendo o cenário musical da cidade entre 1960 e 1990. Ela explicou que, embora houvesse muitos músicos amadores em Varginha, que, mesmo sem formação acadêmica, lecionavam música, havia uma exceção notável: Adrienne Diniz Vallim. Com graduação em piano, Adrienne formou inúmeros pianistas e fundou a Academia de Música Lorenzo Fernández. A criação da academia trouxe um crescimento nas atividades musicais da cidade, criando assim a possibilidade para a realização de um concurso de piano.

Elvira Gomes mencionou que o maior incentivador desses concursos foi o pianista Flávio Augusto. Durante o período em que Flávio Augusto residiu em Varginha, alguns de seus alunos da Escola de Música Lorenzo Fernández participaram e foram premiados em vários concursos nacionais de piano. Flávio Augusto destacou a dificuldade de se deslocar com seus alunos para concursos realizados em locais distantes, especialmente considerando que os participantes eram crianças e adolescentes. Eldah Drummond enfatizou que o principal objetivo do projeto era promover o intercâmbio entre estudantes de piano e incentivar um estudo sério e comprometido.

A segunda questão abordou a forma como os concursos de piano foram patrocinados. Com a Escola de Música Lorenzo Fernández já credenciada pelo Ministério da Educação (MEC), a instituição conseguiu arrecadar patrocínios por meio da Lei Sarney, uma lei de incentivo à cultura. Graças a essa lei, a escola conseguiu captar recursos de algumas das principais empresas da cidade. Além disso, uma contribuição muito valiosa veio do senhor Durval Borges de Oliveira, pai de Flávio Augusto, que, devido à sua influência, conseguiu assegurar o alojamento dos alunos no Varginha Tênis Clube e o hotel Fenícia para os jurados. Flávio Augusto também mencionou que foram recebidas doações em dinheiro de pessoas físicas

para premiar os vencedores. Vânia Vinhas comentou que a obtenção dos patrocínios não foi muito difícil, pois o trabalho musical da cidade já era bem reconhecido: “A ideia de um concurso a nível nacional, apesar de 'ousada', foi muito bem aceita, pois também divulgaria a cidade de Varginha”.

O terceiro questionamento abordou a opinião dos entrevistados sobre o impacto dos concursos no cenário pianístico da cidade de Varginha. Elvira Gomes afirmou que o impacto do concurso foi extremamente positivo para a cidade, destacando que a competição motivou os alunos a se dedicarem mais aos estudos. Segundo ela, a oportunidade de assistir às provas e aos concertos trouxe para os estudantes e professores da região uma visão realista do ensino e da performance pianística em grandes centros, o que intensificou o envolvimento deles com o instrumento.

Outro aspecto relevante, de acordo com Eldah Drummond, foram as masterclasses realizadas por professores de destaque no cenário nacional que integravam a banca examinadora. Ela observou que essas apresentações, ricas e únicas, poderiam ter alcançado um público mais amplo e despertado maior interesse entre os habitantes de Varginha. Apesar disso, todos os entrevistados concordaram que os concursos, por meio do contato com os profissionais e os alunos participantes, foram fundamentais para a melhoria da prática musical na cidade.

Figura 49: Capa do caderno de programação do Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández



Fonte: Acervo de Elvira Gomes

O fomento do 1º Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández à vida cultural da cidade de Varginha pôde ser aferido a partir de dados coletados nos arquivos públicos e pessoais. Foram encontrados sessenta e um (61) registros de apresentações musicais. Ao dividi-las em dois grupos, eventos anteriores ao 1º Concurso Estímulo Lorenzo Fernández (1900-1986; =21) e eventos ocorridos após o concurso (1987-1999; =40), nota-se um expressivo aumento desse tipo de prática cultural, inclusive com a participação de músicos estrangeiros. É importante destacar dois pontos relevantes neste levantamento: primeiro, existe uma escassez de documentos sobre as apresentações anteriores a 1987, pois quanto mais antiga a data, mais difícil se torna a localização desses registros. Em segundo lugar, todas as apresentações realizadas entre 1987 e 1999 ocorreram no Theatro Capitólio. Essa informação corrobora sobre a importância da aquisição do piano de cauda, que foi fundamental para a realização dos concursos e, conseqüentemente, para o fortalecimento da prática musical na cidade e na região.

Segundo a opinião dos organizadores do concurso, os benefícios trazidos pelo 1º Concurso Estímulo de Piano e pelos concursos subsequentes para a cidade de Varginha e para as gerações seguintes de estudantes e professores de piano são indiscutíveis. No entanto, devido à limitação dos objetivos principais da pesquisa de mestrado, não foi possível incluir as

perspectivas dos participantes do concurso. Diante dessa limitação, é crucial ressaltar a necessidade de futuras investigações que envolvam todos os atores desse contexto, como organizadores, jurados, concorrentes, patrocinadores e a comunidade.

Por fim, é importante destacar que a realização de eventos culturais públicos e gratuitos, como o concurso mencionado, tem o potencial de promover um diálogo enriquecedor entre a prática artística e a comunidade em geral.

4 CONSIDERAÇÕES GERAIS

No decorrer deste trabalho, me deparei com camadas de narrativas que, entrelaçadas, refletem não apenas a historicidade da prática musical na região, como também das histórias de vida de artistas e educadores que moldaram e foram moldados por ela. Por meio do estudo e da reflexão sobre essa herança, reconheço sua importância cultural e sua conexão com a comunidade à qual pertenço. Cada história contada, cada pedaço de sabedoria transmitido através das gerações contribui para a organização dessa memória coletiva, alimentando minha paixão pelo estudo, pelo ensino do piano e meu compromisso em preservar e compartilhar essa herança cultural tão valiosa.

Esta dissertação teve como objetivo documentar a memória do ensino e da performance do piano na cidade de Varginha-MG, abordando a trajetória do instrumento desde suas origens no Brasil até o impacto de personagens e instituições na cena musical local. Ao longo dos três capítulos, explorei o desenvolvimento histórico do piano no país, os principais personagens que moldaram a prática pianística em Varginha entre 1901 e 1987, e os diversos espaços que serviram como palcos para eventos e apresentações musicais significativas.

Os personagens destacados nesta pesquisa, incluindo músicos, professores e organizadores, desempenharam papéis cruciais na formação e evolução da cultura musical em Varginha. Seus esforços e contribuições, desde a instrução e promoção de recitais até a criação de projetos educacionais e culturais, foram fundamentais para o desenvolvimento do cenário musical local. Através de suas práticas, esses indivíduos enriqueceram a vida cultural da cidade e ajudaram a preservar e transmitir a tradição do piano como uma forma de expressão artística e educação musical.

Além disso, as instituições e os espaços de performance, como o *Theatro Capitólio*, o *Clube de Varginha*, o *Colégio Santos Anjos* e o *Colégio Coração de Jesus*, desempenharam papéis essenciais na promoção e celebração da música na comunidade. Esses locais serviram como pontos de encontro para a realização de recitais, audições e eventos culturais, oferecendo à população oportunidades para a apreciação da arte e para a formação cultural. A existência e o uso contínuo desses espaços refletem a importância da música na construção da identidade cultural e na coesão social de Varginha.

Traçando uma breve relação da literatura utilizada ao objeto de estudo deste trabalho,

temos como exemplos os textos de Amato como a *Cultura musical e pianística nacional: seus crescendos e diminuendos* (2006), *Funções, representações e valorações do piano no Brasil* (2008), e, *O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica* (2009), exploram aspectos da valorização do piano ao longo do tempo, proporcionando um arcabouço teórico que ajuda a contextualizar a importância do instrumento na memória histórica e cultural de Varginha.

Além disso, os estudos de Myrian Aubin sobre os espaços de música erudita em Belo Horizonte e de Daniel Lemos Cerqueira sobre o piano no Maranhão oferecem percepções valiosas sobre como as práticas musicais se estabeleceram e evoluíram em contextos específicos. A pesquisa de José Maurício Nunes Garcia sobre métodos de pianoforte e a investigação de Maria Teresa de Souza Neves sobre o ensino de piano nos Conservatórios de Minas Gerais complementam seu estudo ao detalhar a presença performática e pedagógica do piano, proporcionando um contexto mais rico para entender a formação e transformação da tradição pianística em Varginha ao longo do tempo.

Assim, a literatura revisada sustenta a fundamentação teórica deste trabalho, enriquecendo a análise dos personagens locais, eventos, espaços e escolas de música em Varginha, MG, oferecendo uma compreensão abrangente da contribuição do piano para a memória e cultura musical da cidade.

Em suma, a documentação da história do piano e das suas manifestações em Varginha revela como a música, especialmente o piano, tem sido um veículo para a expressão artística, a educação e a formação de uma comunidade cultural vibrante. Entrar em contato com essa história foi uma experiência muito especial para mim. Conhecer mais sobre os personagens que admiro a décadas, como Eldah Drummond, Elvira Gomes, Dalva Resende e Flávio Augusto; conhecer novas figuras que ganharam meu fascínio como Adrienne Diniz e Oneyda Alvarenga. Desvendar as instituições e eventos analisados nesta dissertação me fizeram voltar às lembranças das conversas com amigos. Portanto, estas pessoas com certeza contribuíram para estabelecer legados duradouros que continuam a influenciar e inspirar as novas gerações de músicos e público.

REFERÊNCIAS

- ALINK, Gustav. **Piano competitions worldwide**. Boston: Enter the Arena publishing, 2003.
- ALMEIDA, Aloysio Ribeiro. In: **Blog do Aloysio**. Varginha, 2 de março de 2012. Disponível em: <https://blogdoalloysio.blogspot.com/2012/03/nota-de-falBLoecimento.html>. Acesso em: 20 de março de 2024.
- ALVES, Denise Coimbra. Conservatórios Estaduais Mineiros: formação de Professores de Música, centros pedagógicos e capacitação docente em Música. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 23, 2017, Manaus. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v2/papers/2562/public/2562-9465-1-PB.pdf
- AMATO, Rita de Cássia Fucci. Cultura musical e pianística nacional: seus crescendos e diminuendos. **Em Pauta**. Porto Alegre, v.17, n.º28, p.19-37, 2006. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/7478>. Acesso em: 15 de janeiro de 2023.
- AMATO, Rita de Cássia Fucci. Funções, representações e valorações do piano o Brasil: um itinerário sócio-histórico. **Revista do Conservatório de Música de Pelotas**. Pelotas, n.º 1, p. 166-196, 2008. Disponível: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RCM/article/viewFile/2439/2287>. . Acesso em: 15 de janeiro de 2023.
- AMATO, Rita de Cássia Fucci. O piano no Brasil: uma perspectiva histórico-sociológica. In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 17, 2007, São Paulo. Disponível: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/musicologia/musicol_RCFAmato_1.pdf. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.
- ANDRADE, Mário; ALVARENGA, Oneyda. **Cartas**. São Paulo: Duas cidades, 1983.
- Anúncios. **Gazeta de Varginha**, 5ª. ed .Varginha, , 1893. Disponível em: <https://fundacaoculturaldevarginha.com.br/cedoc/>
- Anúncios. **Gazeta de Varginha**, 7ª. ed .Varginha, , 1896. Disponível em: <https://fundacaoculturaldevarginha.com.br/cedoc/>
- ARFUCH, Leonor. **La entrevista, una invención dialógica**. Buenos Aires: Ediciones paidos, 1995.
- ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE VARGINHA. História. Varginha: AMV. [2024]. Disponível em: site <https://amv.org.br/site/historia/> Acesso em 20 de Julho de 2024.

AUBIN, Myrian. **Os espaços de música erudita em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

BARBOSA, Geraldo Rocha. Concerto de piano. **Jornal Arauto do Sul**. Ed. 547. Varginha, 29 de maio de 1930.

BARROS FILHO, Eduardo Dias. **A criação como ferramenta pedagógica no ensino do piano**: dando voz ao professor-compositor. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Caderno. **1º Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernández**. Varginha: Escola de Música Lourenzo Fernandes, 1987.

CASTRO, Flávio Caldonazzo. (Org.) **Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga**: 25 anos de história. Varginha: Edição do Autor, 2011.

CASTRO, Maria Teresa Mendes de. **A formação da vida musical de Belo horizonte**: sua organização social em torno do ensino de piano de 1890 a 1963. 2012. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CAROZZE, Valquíria Maroti. **A menina boba e a discoteca**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-04122012-185949>. Acessado em: 03 de abril de 2024.

CERQUEIRA, Daniel Lemos. **O piano no maranhão: uma pesquisa artística**. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2019.

Concerto Texeira Mendes. **Jornal Arauto do Sul**. Ed. 547. Varginha, 29 de maio de 1930.

CLUBE DE VARGINHA. **Sobre o clube de Varginha/História**. Varginha: Clube de Varginha, [2024]. Disponível em: <http://www.clubedevarginha.com.br/historia.asp> Acesso em Julho de 2024.

CONTIER, Arnaldo Daraya. Modernismo nacionalista: a luta. In: CONTIER, A.C. **Brasil novo**: música, nação e modernidade: os anos 20 e 30. Verona: São Paulo, 2021.

COOK, Nicholas. Entre o processo e o produto: música e/enquanto performance. **Per Musi**. Belo Horizonte, n. 14, p. 5-22, 2006.

COSTA, Cristina. **A imagem da mulher**: um estudo da arte brasileira. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2002.

CORREIO DO SUL. Varginha: [editora não determinada].1968.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 18 jul. 2024.

JORNAL O SUL-MINEIRO, s/l, de 18 de janeiro de 1945.

FONSECA, Silvestre; LIBERAL, João. **Album de Varginha**. São Paulo: Pocai & C. 1920.

GARCIA, José Maurício Nunes. **Método de pianoforte composto em 1821 Padre Mestre José Maurício Nunes Garcia**. Revisão de Giulio Edoardo Draghi. São Paulo: Irmão Vitale, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUNIOR, J. Tenor José Osório. **O Momento**. Ed. 33. Varginha, 12 de Dezembro de 1915. Disponível em: <https://fundacaoculturaldevarginha.com.br/cedoc/>. Acesso em Junho de 2024.

JUNQUEIRA, Maria Francisca Paez. **Escola de música de Luigi Chiaffarelli**. 1982. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Mackenzie São Paulo, São Paulo, 1982.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual da metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Penso, 1999

LEITE, Edson Roberto. **Magdalena tagliaferro: testemunha de seu tempo**. 1999. Tese (Doutorado em comunicação) – Escola de Comunicação e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

LENOIR, Remi. Notes pour une histoire sociale du piano. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, n. 28, p.79-82, 1979.

MADEIRA, Marcos Vinícius Vallim. (Org.) **Varginha: narrativas de Nico Vidal**. Belo Horizonte: Rona, 2021.

MARIZ, Vasco. **História Música Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

MARTINS, Denise Andrade de Freitas; ROCHA, Pâmela Silva (Orgs.). **Música contemporânea brasileira: contribuições do Concurso de Piano “Prof. Abrão Calil Neto.”** Ituitaba: Ebooks Barlavento, 2018.

MEDEIROS, Alexandre Raicevich de. **Uma memória ímpar: a trajetória de Athur Napoleão na sociabilidade musical de dois continentes (1843 1925)**. 2013. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

MEYER, Anne. A Sociedade Beneficência Musical. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUACÃO EM MÚSICA, 7, 2022, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2023.

MIGNONE, Francisco. Doçura de manhanzinha fresca. São Paulo-Rio: Edição A Melodia, 1942. Partitura.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Bases da formação Territorial do Brasil: O território colonial brasileiro no “longo” século XVI**. 1991. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo., São Paulo, 1991.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método moderno de tupi antigo**: a língua do Brasil dos primeiros séculos. São Paulo: Global, 2005.

NEVES, Maria Teresa de Souza. **O ensino de piano nos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais a partir do olhar de seus professores**. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

NEVES, Maria Teresa de Souza. Professores de piano dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais: um perfil qualitativo. **REVISTA da ABEM**, v. 31, n. 1, p. 2-22, **2023**.

ORSINI, Maria Stella. **Guiomar Novaes**: uma vida, uma obra. 1988. Tese (Livre Docência) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

PEREIRA, Luis Felipe Radicetti. **Um movimento na história da educação musical no Brasil**: uma análise da campanha pela lei 11.769/2008. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PINTO, E. G. de Carvalho. **Elogio à Cecílio Guilherme Fernández e Marciliano Braga**. Varginha: Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, 2003.

PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. Apontamentos sobre a vida e a obra do padre José Maurício Nunes Garcia. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. 19, p. 354-369, trimestre 3, 1856. Disponível em: http://www.josemauricio.com.br/pdfs/em_p_PORTO_ALEGRE_apontamentos.pdf

Programa de Recital. **Noite da Valsa**. Escola Santa Cecília. 1946. Disponível no acervo pessoal de Elvira Gomes Carvalho Pinto.

REIS, Carla. **O piano na universidade brasileira: trajetórias em contraponto**. Curitiba: Appris Editora, 2020.

REIS, Sandra Loureiro de Freitas. **Escola de Música da UFMG**: um estudo histórico (1925-1970). 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora Luzazul Cultura Ltda/Editora Santa Edwiges, 1993.

ROSA, Robervaldo Linhares. **Como é bom poder tocar um instrumento**: pianeiros na cena urbana brasileira. Goiânia: Câne Editorial, 2014.

SALES, José Roberto. **Academia varginhense de letras, artes e ciências**: Membros Correspondentes 1960-2015. Varginha: Edição do Autor, 2015.

SALES, José Roberto. **Theatro Capitólio de Varginha (MG)**: do objeto ao símbolo. Varginha: Edição do Autor, 2022.

SALES, José Roberto. **Uma janela no tempo**: monólogo de Oneyda Alvarenga. Varginha: Edição do Autor, 2018.

SALES, José Roberto. **A emancipação política-administrativa de Varginha (MG)**: 1882. Varginha: Edição do Autor, 2017.

SALES, José Roberto. **À outra margem**. Varginha: Edição do Autor, 2015.

SILVA, Paula Figueirêdo. **Uma História do Piano em São Luís do Maranhão**. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

SILVA, José Freire. Afetuosamente, o papai. **Correio IMS**. Boa Esperança, 21 de julho de 1950. Disponível: [https://www.correioms.com.br/carta/afetuosamente, o papai/](https://www.correioms.com.br/carta/afetuosamente,%20o%20papai/). Acessado em: 16 de abril de 2021.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento. **Augusto Guzzo Revista Acadêmica**, São Paulo, n. 6, p. 14-18, 2003.

SOUZA, Francis Vilela Rezende. **Memória da perfromace e do ensino de piano em Vargina(MG)**. 2022. Projeto de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2022.

SOUZA, Francis Vilela Rezende; REIS, Carla Silva. 1º Concurso estímulo de piano Lorenzo Fernández e seu impacto no cenário pianístico da cidade de Varginha (MG). *In: ENCONTRO MUSICAL DA UNICAMP*, 16. Campinas, 2023.

SOUZA, Mariana Lima. **A Pedagogia do Piano no Brasil do século XXI: atuais implicações, características e desdobramentos**. 2022. Monografia (Licenciatura em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

TAUNAY, Visconde de. **Estudos Mauricinianos: Esboceto biográfico**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TINHORÃO, J. R. A desculturação da música indígena brasileira. *In: KIEFER, B. História da Música Brasileira: dos primórdios ao início do século XX*. Porto Alegre: Movimento, 1997.

TRILHA, Mário Marques. A música para tecla do Padre José Maurício Nunes Garcia (1767-1830). **Per Musi**, n. 39, p. 2-16, 2023.

Disponível: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/permusi/article/download/5306/12073/41666>. Acessado em: 20 de janeiro de 2023.

VALLIM, Adrienne Diniz. **Villa-Lobos, Um gigante**. Varginha: Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, 1966.

VEIGA, Bernado Saturnino da. **ALMANAK SUL-MINEIRO**, Campanha: Typographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

VEIGA, Bernado Saturnino da. **ALAMANAK SUL-MINEIRO**, Campanha: Typographia do Monitor Sul- Mineiro, 1884.

VENDRAMI, Georgeana Lanzini; SUBTIL, Maria José. Conservatório Musical de Ponta Grossa – Paraná no contexto da expansão das Instituições Culturais no Brasil nos séculos XIX e XX. *In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE*, 1, 2013, Paraná. **Trabalhos apresentados [...]** Paraná: Universidade Estadual de Maringá, 2013.

ARQUIVOS CONSULTADOS:

Elvira Gomes Carvalho Pinto

Eldah Regina Ramos Drummond

Viviane Diniz

Rafael Sales

Conservatório Maestro Marciliano Braga

Fundação Cultural de Varginha

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: A Memória da Performance e do Ensino do Piano na Cidade de Varginha - MG

Pesquisador: Francis Vilela Rezende Souza

Orientador da Pesquisa: Profª Dra. Carla Silva Reis

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal de São João Del Rei – UFSJ

Nome do(a) entrevistado(a):

Prezado(a) Sr.(a), o(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “A Memória da Performance e do Ensino do Piano na Cidade de Varginha - MG”, de responsabilidade do pesquisador Francis Vilela Rezende Souza.

O principal objetivo desta pesquisa é resgatar a memória do ensino e da performance de piano na cidade de Varginha, situada na região sul de Minas Gerais.

Este convite é para participar de uma entrevista que tem o intuito de rememorar a história do piano na cidade por meio dos eventos, locais, escolas e pessoas que se relacionam com o instrumento. Também para relatar suas experiências como alunos, professores e pianistas com a finalidade de preservar a memória da performance e do ensino do piano.

A entrevista poderá ser feita pessoalmente, por meio de gravação, ou escrita e enviada por e-mail ou whatsapp, conforme a escolha do participante.

Ao respondê-la, o(a) senhor(a) contribuirá para a compreensão do assunto estudado e para a produção de conhecimento científico. Sua participação no projeto é totalmente voluntária e não haverá nenhum

tipo de gratificação ou pagamento pelas informações concedidas.

Os registros poderão ser utilizados com fins didáticos e científicos, e serão mostrados apenas na apresentação da dissertação de mestrado e em cursos, seminários ou congressos de educação musical, com o intuito de contribuir com a melhoria do ensino musical.

Este termo está elaborado em duas vias, sendo que uma será entregue ao participante e a outra via ficará arquivada pelo pesquisador. O pesquisador ficará à disposição para esclarecer qualquer dúvida que o(a) Sr.(a) apresente. Aceito participar da pesquisa: () sim () não

Assinale a maneira que responderá a entrevista:

() escrita e enviada via e-mail () áudio via whatsapp () pessoalmente

Varginha, MG, ____ de _____ de ____.

Participante da Pesquisa:

Pesquisador responsável: Francis Vilela Rezende Souza

APÊNDICE B - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Nome completo:

Idade:

Profissão:

Cidade onde nasceu e reside:

- 1- Sobre o ensino e a performance do piano na cidade de Varginha-MG, quais as principais personagens que fizeram e ainda fazem parte desta história?**
- 2- Relate como foram suas experiências com a prática pianística, seja como ouvinte, pianista, aluno de piano ou professor.**
- 3- Relacionados ao ensino do piano, quais têm sido, em sua opinião, os locais e instituições mais relevantes na cidade de Varginha?**
- 4- Quais eventos foram (ou ainda são) importantes para a performance do piano na cidade?**
- 5- Você gostaria de relatar mais alguma coisa que julgue importante para a preservação da memória do ensino e da performance do piano em Varginha?**

APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA BAROLI

Entrevistado(a): João Batista Baroli

Data: 25/07/2023

Local: Residência do entrevistado

Francis. Só um minutinho. Primeiramente, seu nome completo?

João Baroli. João Batista Baroli.

Francis. Idade, caso queira falar?

João Baroli. Setenta e três.

Francis. Você é natural de onde?

João Baroli. Varginha. Varginha e moro também em Varginha.

Francis. Sua profissão qual é?

João Baroli. Fui Administrador do Planejamento da secretaria de Planejamento da Prefeitura e aposentei lá.

Francis. João, então, a primeira pergunta. Sobre o ensino e a performance dos pianistas na cidade de Varginha, quais as principais personagens que fizeram e ainda fazem parte dessa história? Então primeiro as personagens, as pessoas que vêm na tua cabeça.

João Baroli. Então primeiro para as personagens, as pessoas que vêm na tua cabeça. Pode ser, eu posso começar com a Adrienne mesmo, né Adrienne? Se bem que vamos atrás. Minha mãe tocava piano.

Francis. O nome da sua mãe qual é?

João Baroli. Geralda Baroli.

Francis. Ela foi aluna de quem?

João Baroli. Ela estudou em Três Pontas, ela fez o Normal em Três Pontas. Ela foi filha adotiva aqui da família Bitencourt Pereira, né? Então o pai dela de criação tinha um cuidado muito grande com ela na formação dela, e ela estudou em Três Pontas e tal. Eu acho que o piano que foi lá, uma coisa que eu nunca me perguntei. Então eu já estava ouvindo piano já...

Francis. No útero?!

João Baroli. No útero.

Francis. Ela se mudou para cá quando?

João Baroli. Ela toda a vida morou aqui.

Francis. Ela é de que ano?

João Baroli. Mil novecentos e dezoito. Ela foi adotada com quatro anos de idade, morava nessa esquina aqui, Antônio Carlos e aqui ficou, mas ela foi interna em Três Pontas, né? Então aí estudou aqui nos Santos Anjos e depois foi para lá, mas acho que o piano foi lá, lá em Três Pontas. Mas então eu já tinha convivido com a música, já desde o ventre materno aí, meu irmão mais velho aprendeu acordeon, tocava acordeão e a outra minha irmã estudava piano junto comigo também, estudamos juntos. Ela era mais partitura e pouco ouvido eu era o inverso, era mais ouvido e pouca partitura. Então seria minha mãe a primeira referência na música né? Depois entrei com cinco, seis anos na dona professora Adrienne Diniz Vallim, que acho que a cidade inteira estudou com ela, né? E com ela eu fiquei ali uns três ou quatro anos, uma coisa assim. E o que eu estava dizendo, na época não sei dizer o porquê que eu deixei de estudar lá, porque meu ouvido comandava tudo e eu acabei passando muito tempo sem saber nota, porque

minha irmã estudava, eu pegava a lição de ouvido. Quando eu tive que virar a folha do exercício, a Adrienne perguntou: cê não vai virar a folha? Não, eu decorei. Eu falei na hora e ela não acreditou, foi lá para trás, correu os exercícios lá para trás né? E toca esse aqui. Não dá, aí eu fazia...

Francis. Você não sabia qual era?

João Baroli. Eu vou te contar, eu não sei nota nenhuma, aí continuei estudando no outro método diferente da minha irmã, né? Minha irmã, por exemplo, ela estudou outro fato, ela estudou o tico-tico no fubá e eu de ouvido toquei, né? Aí tive que sair de casa quando a Rosa estudava piano para não ouvir, né? Era assim, a vida foi assim. Então depois da Adrienne, fui estudar com a Adelaide Pássaro, que tinha a filha dela também, é Romilda Pássaro, né? Morava ali na Silva Bitencourt, estudei por um tempo também, mas não... também saí. Então é o que eu falo, eu acho que eu deveria ter sido orientado com outro caminho, né? No estudo do piano, mas infelizmente não. Mas também estou satisfeito com o que eu faço, não vou dizer que eu fiquei chateado com isso de não ter o encaminhamento correto isso não me preocupa não. Estou feliz com o que eu faço, com o que eu executo.

Francis. Você citou a Adrienne, né? A Adelaide, né? A Romilda, filha. Sua mãe, Geralda, né? Sua irmã, qual é o nome da sua irmã?

João Baroli. Rosa. Rosa Helena.

Francis. Tem mais algum outro personagem que vem na tua cabeça? De alguma coisa que você assistiu? Alguém que você(...) Um colega, um amigo de(...)

João Baroli. Isso é aquela lembrança remota, né? Mas atualmente eu tenho assistido sempre os concertos da Orquestra Filarmônica que o maestro Cassiano está construindo, né? Até eu estou fazendo parte lá com o violino.

Francis. Violino?

João Baroli. É. O Aldo, o dentista meu, ele toca cello, não, eu comecei a tocar de ouvido, de ouvido também eu toco violino, muitos anos, desde mil novecentos e setenta eu toco violino de ouvido.

Francis. Mas eu não te vi na Orquestra ainda. Você chegou a tocar lá?

João Baroli. Não. Ainda não.

Francis. Mas você vai ensaiar?

João Baroli. Estamos ensaiando, é toda segunda-feira, a gente tem aula mas aí ele fala as posições e tal, as letras, se não fala, faz, aí eu faço, eu escuto. Aí eu falei com o Cassiano, eu não sei ler partitura, não vejo nada, eu não sei de nada que está acontecendo no braço do violino. Mas eu sei tocar de ouvido. Aí eu toquei lá para ele ver e ele disse não, você vai dar certo. Então nós estamos fazendo passos aí, Cassiano também, Cassiano é um elemento importante, né? Ainda não tivemos nenhuma apresentação, mas eu estou ansioso para ver o que vai dar, porque sinceramente eu não sei o que vai dar, não.

Francis. Quer ir para outra pergunta?

João Baroli. Pode.

2

João Baroli. Por exemplo, o caso, vamos destacar então o Alexandre e a Elvirinha, né? A Elvirinha Pedrosa, que foi a colega na época do piano, quando eu era criança, mas, e aí a Elvirinha seguiu a carreira. Um belo dia, uma época, uns anos oitenta eu fui lá na casa da Elvirinha, eu falei, aí eu vim, tenho a vontade de estudar o piano de novo, clássico e tal, tal, tal. Você não quer dar aula pra mim? Ela falou na bucha, pra você Baroli não dou aula não, de jeito nenhum, agora, imagina se eu vou dar aula pra você. Fui recusado. (riso)

Francis. Vai te estragar, né?

João Baroli. Aí eu achei uma graça aqui, você é uma mulherzinha corajosa, e agora ela me convidou a fazer parte da academia varginhense de letras, de ciência e arte.

Francis. Ah, vale a pena.

João Baroli. Vou entrar nesse negócio pra você ver, pô, louco. Você é super, nossa. Entrou lá. Estou superpreparado pra falar. Esses dias, entrou o Dinho. Uma cadeira ali. O Dinho do Samba Alas, também entrou lá, e eu agora fui, você é patrinhado lá pela Elvirinha.

Francis. Ah, não, é importante, assim, você tem um trabalho artístico significativo aqui, tá sempre tocando, por mais que num... Assim, no livro eu quero que tenha um capítulo voltado, assim, por chamados de pioneiros, né? Que são pianistas, mas não assim...

João Baroli. Da noite.

Francis. Formalmente, é, a gente que toca, e tipo assim, valor artístico igual, até mais, até porque tá muito mais inserido no meio social do que a gente que só apresenta em palco, né?

João Baroli. Sabe quem, falando nessa questão de tocar na noite aqui, eu só toco aqui no Absoluto, né, Gurmela, né? Que é do filho do Doutor Taveira, que é meu companheiro também, no carron, O Doutor Taveira toca carro. Mas eu não sabia disso, mas aquele. Como é que é o nome? Sene.

Francis. Túlio Sene.

João Baroli. Ele me convidou pra tocar lá no espaço novo que ele tem lá, que eu até fui lá uma sexta-feira, achei muito bom, né? Me convidou, sei o que eu gostaria de tocar, que o tema seria Noite Italiana, então eu estarei tocando músicas italianas e tudo, só um prazer e tal. E quando eu falei isso na absoluta, o Lucas (...) Não vai, não.

Francis. Eu vou tirar o..

3

Francis. Relate como foram suas experiências com a prática pianística, como ouvinte, pianista ou aluno?

João Baroli. Pois é, começou mesmo na seis, sete anos, na primeira audição da professor Adrienne, foi no Clube de Varginha, eu toquei Bolinho de Manteiga, uma peça de Mozart, a música de Mozart.

Francis. Tinha piano de cauda no clube?

João Baroli. É, aquele que estava aí até pouco tempo, aquele Brasil.

Francis. Onde que está esse piano hoje?

João Baroli. Eu acho que eles venderam aquele piano, ele já estava há pouco tempo, não foi há muito tempo, mas eu toquei lá de novo, mas aí eu falei, nossa, toquei nesse piano quando eu tinha seis anos de idade. E a segunda audição foi no Colégio dos Santos Anjos, o palco foi lá, eu toquei Gipsy dance, dança cigana, toquei lá também, esse foi o clássico. E depois o popular foi onde ia, tinha piano, eu tocava, toquei nas capitais que eu viajava, eu viajava nordeste, sul do país, onde eu vou eu toco, tem um piano que eu toco. Já toquei aqui em Paris (risos), na Itália eu também toquei, na Praça São Marcos, vários pianos, eu toquei Tom Jobim, toquei Ernesto Nazareth.

Francis. Tem vários pianos lá na praça? Como é que é?

João Baroli. Naqueles cafés que tem, aquela praça São Marcos, tem a catedral lá, e aqui tinha vários pianos de cauda. Eu tenho fotos aí. Nossa, e música brasileira no exterior faz mais? Pois é, eu falei assim, aqui eu vou tocar Tom Jobim, e aí nessas áreas, uns chorinhos e umas coisas assim. E foi isso que eu toquei lá, e em Paris, quando eu estava lá uma vez que eu fui, toquei um pouquinho, nossa, toquei Edith Piaf, porque aí o pessoal se prende, toquei lá também.

Francis. Depois eu quero essas fotos, se você puder.

João Baroli. Te mando, sim.

Francis. A gente está falando aqui de experiência como o pianista. Você lembra das aulas, Adrienne, que você tocou, como é que era? Chegou a pegar exercícios de zerne, essas coisas?

João Baroli. Zerne, né, bona, usava bona também, fazia solfejo, e uma série de coisas. Eu lembro, zerne sim, eu tenho um método ainda até hoje aí. E tinha aquele piano piece for children, que é um método que eu tenho guardado até hoje também. Tenho o primeiro método também, tem a partitura da Bolinho de Manteiga, guardada. E a dança cigana também está

dentro de cem peças para crianças. Está tudo guardado, está aí. Muito lindo.

4

João Baroli. É que espero que eu esteja dentro do programado, porque eu sou meio...

Francis. Relacionado ao ensino de piano, quais os locais, as instituições mais relevantes de piano na cidade?

João Baroli. Bom, tem que ser o Clube de Varginha, foi onde eu me apresentei em público, foi a primeira vez, né? Eu tinha uma preocupação danada, porque eu ia tocar aquele... era criança, né? Público. É público, era um sofrimento, mas consegui. E depois Capitólio, colégio Marista, também nós tínhamos assim muita formação na área musical, que nós tínhamos um coral, eu fazia parte do coral, juntava Marista e Colégio das Irmãs, voz feminina e voz masculina, eu era tenor, né? Tinha um grupo de flautistas, que é flauta doce.

Francis. Doce.

João Baroli. E eu era solista, Das flautas. É, da flauta. Eu era o solista. Tinha a flauta baixo e a flauta tenor, assim mesmo. E eu era o solista, tocamos em Belo Horizonte, na Itacolomi, tocamos no Dom Silvério, tocava escaleta.

Francis. Escaleta é uma delícia, né?

João Baroli. É, eu toquei escaleta num dia dos pais, o Colégio de Marista aqui foi para o Colégio de Marista, de Belo Horizonte. Então, o colégio tinha uma pequena orquestra e tinha fanfarra, tudo isso, a gente tinha ligação, né?

Francis. Lá tinha piano?

João Baroli. Tinha.

Francis. De armário ou de cauda?

João Baroli. Não, de armário.

Francis. Você lembra a marca?

João Baroli. A marca, não lembro. Só lembro da marca do Brasil. Do Brasil. E a da Delight, a Schwarzman.

Francis. Qualquer Schwarzman?

João Baroli. A da Delight. A da Delight. E a da Adriene Eisenfeld. Marista não lembra a marca. Engraçado. Ligagem.

Faltou.

Francis. Escola, você foi aluno, foi da Lorenzo Fernández?

João Baroli. Não, não era. Adrienne não tinha, não era da Lorenzo Fernández, era ela da nova particular.

Era ela mesmo. Hoje é um prédio ali em frente ao lado IPD da Santa Cruz.

Sabe aquele prédio?

Francis. Sim.

João Baroli. Ali era a casa dela onde tinha um piano de cauda, piano Eisenfeld, que era na sala. Só ia lá quando era aniversário da Adrienne. E ela não deixava a gente tocar popular. Eu, né? Mas aí, no dia do aniversário, as alunas(...) Ah, professora, deixa o Joãozinho tocar um pouquinho, né? Porque ele estava nos comes e bebe. Não, hoje vai. Aí eu toco. Mas não podia, né? E no quintal tinha várias salas, né? Onde tinha cada um piano e um relógio, que eu não esqueço. Do jogador de futebol ficar assim. Ficar só olhando aqui para cá.

Francis. Então a casa dela era ali, então?

João Baroli. Não, ela compridona nada para trás. Cheia de piano. Então ela tinha um receféu de calda na sala? Não, calda não. Era uma marca. Mas era um piano que ninguém vestia, só no dia do aniversário dela. Cada uma apresentava com a coisa, né? Mas aí depois começavam os Guaraná, os Ponches, né? Porque não tinha cerveja, eu não acredito. Ninguém me via isso. Aí(...) Ah, deixa o Joãozinho, aí eu ia tocar. As músicas da época.

Francis. Então, em escola mesmo você nunca teve aula? Só essas aulas com a Adrienne?

João Baroli. Só. O Colégio Marista a gente tinha sempre cantor fiônico, né? Tinha, assim, aula.

O irmão do Dorico que tomava conta das flautas, a gente preparava a música, então fazia tudo de ouvido, né?

É.

Francis. Não passa.

5

Francis. Próxima pergunta é 4. Quais eventos foram importantes para a performance do piano na cidade? Qual é o concerto que você assistiu, que você mexeu com você?

João Baroli. Acho que não tem como sair fora dessas audições de piano, que é um marco na época, todo ano tinha essa apresentação.

Francis. Eram muitos alunos, né?

João Baroli. Eram muitos, era num clube de Varginha, aquele imenso, grande plateia, a gente via isso como um evento, todo mundo esperava aquilo. Teve também esse festival de canção religiosa, que eu fiz parte até do Jogue, uma vez, isso acontecia no Capitólio.

Francis. Os concursos de piano você chegou a assistir?

João Baroli. Não, porque aqui não, aqui em Varginha não. Eu também tive um período que eu fiquei muito tempo fora, né? Eu estudei fora, eu morei em Santa Catarina, Jaraguá do Sul e Brusque. Aliás, estou aí na Brusque agora, sexta. Estudei em Jaraguá do Sul, Brusque, filosofia pura, fiz lá. Depois fiz teologia em São Paulo, morei lá. E fora o colegial do segundo ano para frente, que eu estudei em Belo Horizonte. Eu saí do Marista, depois do primeiro ano do colegial, fui terminar em Belo Horizonte, preparando para vestibular. Na época eu não imaginava medicina, né? Mas aí não deu certo, fiz administração.

Francis. Então os concursos você não fez?

João Baroli. Não, os concursos não.

Francis. E você para assistir, por exemplo, a apresentação já, Nelson Freire já tocou algumas vezes?

João Baroli. Eu já vi o Nelson Freire também com o irmão Manoel, que era vice-provincial aqui da congregação Marista, da província nossa aqui. Ele me convidou para ir à Brasília, eu fui, assisti um concerto dele.

Francis. Assistiu em Brasília?

João Baroli. É, em Brasília.

Francis. Aqui você não assistiu?

João Baroli. Não, aqui não. Talvez se fosse uma época eu não estivesse aqui, né? Se estivesse eu estaria, eu teria assistido. Mas eu fui lá, até foi muito bom porque eu tive acesso a ele assim, porque ele estava hospedado lá junto no colégio, né? E eu também no colégio, aí eu tive um contato rápido com ele assim, né?

Francis. Que legal!

João Baroli. Conheci pessoalmente. Mas esse conceito aqui foi só isso.

Francis. E dentro, por exemplo, dessa linha que você seguiu mais aí de música, de música popular, essas coisas assim, o que que teve aqui que você chamou a atenção? Alguma, de preferência relacionada ao piano, né? Algum pianista?

João Baroli. Bom, o que ele chama aqui? Eu me dou o nome. Teve um que até o Dílson, na época era o prefeito, pediu que o Taiguara esteve aqui. Ele achou o piano, o de cauda lá do Capitólio, que não estava bom, e o Dílson inventou de pedir para eu arrumar. Dílson disse, eu tenho uma chave lá de final, meu piano, uma notinha assim, mas aí eu fui lá, olhei para mim e estava bom, mas o homem falava que eu não estava, então eu fiquei lá. Fiz o que eu pude fazer.

Francis. Chegou a afinar então o piano do Dílson?

João Baroli. Cheguei a alguma coisinha assim, uma nota solta, né, que estava, eu não pego um piano inteiro. E esse foi um artista que eu me lembro que eu tive mais ligação, mas já havia

outro aí, cantores, não pianistas. Você acredita que eu não lembro de pianista? Não. Agora, teve um fato interessante na Fazenda do Palmeira, eu sou amigo da família lá, um deles foi meu colega no Marista. Tem um piano lá de cento e vinte anos, que foi da avó daquele povo da Fazenda.

Francis. Essa Fazenda aqui em Varginha?

João Baroli. É, Vara da Parmela, antes de chegar no Parmela, ali na ponte da Palmeira, quando você desce a Valita, quando você faz a curva entrada para a esquerda, vai até o rio ali, logo ali a Fazenda. Então eu fui lá, tinha esse piano que quando eu toquei, nossa, não tinha condições, estava morto o piano. E eu sugeri, falei assim, gente, vocês não podem fazer isso com esse piano. Isso aqui tem história aqui dentro, esse piano quando deixou sons aqui dentro, quer dizer, tem todo o envolvimento desse piano aqui, com essa história da Fazenda antiga, e eles resolveram. Aí eu chamei o seu Carlos Quito, aquele senhorzinho. Você conheceu ele? Vai lá no regional também, vem aqui. E ele então, ele não reformou o piano, eu falei para ele, ressuscitou o piano, agora tem a Fazenda tocar lá para a família.

Francis. Ah, mas é uma beleza.

João Baroli. Olha a delícia o piano, se um dia você quiser conhecer, eu te levo lá. Eu tinha que, Valita, entra, desceu, entra ali a esquerda. Mas então eu achei muito importante e até elogiei muita família, todos estavam reunidos lá no dia que eu fui estrear o piano. Aí eu falei assim, tenho que parabenizar vocês de ter esse carinho de recuperar isso aqui. Você vê, como é que esse piano agora está falando de nós.

Francis. Ah, instrumento é outra coisa.

João Baroli. Quer dizer, a avó deles, a avó, bisavó que tocava o piano naquela Fazenda, né, Fazenda Centenário. E o piano veio da França, o piano, acho.

Francis. E o playel?

João Baroli. É igualzinho ao playel que tem lá em Três Pontas, ele não é playel não, ele é tão antigo que a travelha não é a chave normal, é uma chave menor. A bitola é menor e o senhor Carlos Quito tinha essa... E o encordoamento ali é de gaiola, ele falou, não, isso aqui é gaiola, não é igual o nosso assim.

Francis. O encordo usado?

João Baroli. É tudo assim, entendeu? Ele falou, seu Carlos, o senhor não reformou esse piano, o senhor ressuscitou esse piano.

Francis. Que legal, ia ser bacana conhecer esse piano.

João Baroli. É, ia ser interessante, se quiser nós vamos lá.

Francis. Próximo? Vamos lá.

6

Francis. Você gostaria de relatar mais alguma coisa algo que julga ser importante para a preservação da memória e do ensino, da memória do ensino e da performance do piano em Varginha?

João Baroli. Puxa, me perdoe.

Francis. Depois você lembrar até mais alguma coisa também. Alguma coisa que você quis comentar, pode ficar à vontade.

João Baroli. Relatar mais alguma coisa que julga importante para a preservação da memória e do ensino, da performance do piano em Varginha. Eu não sei se convenho falar isso, mas eu acho a questão do poder público aqui, eu acho falha muito nisso, eu acho. Quer dizer, nós estamos...

Francis. Em muito lugar, né?

João Baroli. É. Aqui tem música para todo lado, na sexta, no sábado. Você não vê a divulgação disso. Eu acho que a própria prefeitura, através da Secretaria da Cultura, quem sabe aí eu estando ali nessa...

Francis. Divulgação e investimento, né?

João Baroli. Pois é. Eu estando aí nessa academia, a gente desperte, consiga despertar, isso aí seria uma bandeira aí, talvez.

Francis. O teatro mesmo, o piano, todo mundo reclama que é piano do conservador do Capitão, é um piano bem...

João Baroli. É, eu vi que quando foram tocar, eles colocaram um piano diferente lá, levaram o piano, né?

Francis. Quando isso?

João Baroli. Foi agora, quem foi que tocou.

Francis. É, às vezes é aluga, teve um trio esses dias lá. Eu acho que era o Lugar lá.

João Baroli. Acho que era a Elvirinha que estava tocando junto com o Alexandre. É, eles têm que colocar porque o piano de lá não...É. Nossa, e quando comprou, eu não acreditei que o Dilson comprou um piano daqui, não acreditava na época. Ele comprou zero bala. E aquele lustre também, ele ficou puto, quer dizer, ele ficou doentão, né? Porque ele falou assim, gente, o que eu gastei nesse lustre aí, aquele central, né?

Francis. Mas aí aquele lustre é lindo.

João Baroli. É, pois é, eu também não acredito que você comprou esse negócio. Falei para o Dilson, agora é o piano, olha zero bala, o outro tem espelho mais espelho, é maravilhoso. Mas então eu acho isso aí, a importância do Poder Público Pouco investir e divulgar isso aí. Você vê, a gente está tocando aí à noite, eu não sou profissional, né? Mas tem outros tocando também, por exemplo, nessa sexta-feira fomos lá nesse corno, não sei de quem lá...

Francis. Corno de Estódio.

João Baroli. Aí eu, a dupla eram as meninas tocando uma gaita, coisa que a gente não via aqui, tocando gaita perfeita, e ele violão, as duas tocando ali, eu achei, caiu direitinho, gostei muito de ver as meninas tocando lá. Quer dizer, então falta isso, acho que é uma preocupação mais direta. Aí se falar, ó, mas nós comprar um capulinho no Rio Branco, comprar uma coisa, fazer aquilo pulsar, ou até outra aquilo, né? Então eu fico vendo essas coisas, esses teatrinhos que eles fazem, eles fazem em escola, tá certo, mas e o global? Isso aí está sendo muito direcionado ali para o pequeno público. Quer dizer, a coisa...

Francis. A música tem que popularizar, né? No geral, inclusive música clássica, que é algo tão bonito, e tipo assim, sempre com essa bandeira de voltada para a elite, né? Tem que ser algo para o povo mesmo.

João Baroli. É, lógico, quer dizer, você vê no concerto, achei interessante, o meu concerto estava aquele público lá no Capitólio, achei até que razoável, mas lamentei, muita cadeira vazia. Já esse último, acho que foi o quarto, acho que foi o quarto, estava lotado, bastante gente no Capitólio, eu falei, olha que beleza, o povo já está...

Francis. Esse domingo vai ter, né? Você não vai, né?

João Baroli. Não vou, não vou estar aí. Até o Cassiano mandou mensagem, ele é de Brusque, não sabia. O Cassiano é. Aí eu falei, estou indo a Brusque, o que você tanto vai para Brusque? Mas aqui, ó, compraram um piano lá só para eu tocar, você acredita? Na casa do meu amigo, eu fui padrinho de casamento dele há quarenta e um anos atrás, nós éramos colega de seminário, ele fazia filosofia também, ele estava no terceiro, ele estava no primeiro. Aí, depois ele, e nós tivemos um acidente junto, estava em uma zona rural lá, em Botuverão, pertinho de Brusque, aí teve um acidente de carro, né? E ele então quebrou a vazia, e eu estanquei o tornozelo, ele ficou com aquele pau atravessado, que é assim, para você levantar e tal, foi engessado, e eu fiquei cuidando dele três meses, eu que dava banho e tal, aquela coisa toda, e ficamos assim, muito amigos, né? E ele quando casou, me chamou para padrinho, aí eu fui padrinho, e depois ele fez quarenta anos de casado, é um privy aqui, o piano está aqui para você tocar, ninguém toca nada lá, quase mesmo, o povo louco.

Francis. Pelo menos você estimulou eles a aprender, né?

João Baroli. Pois é, aí, eu vou te mostrar as fotos do casamento lá, mas aí eu falei assim, gente, ele vai me levar na casa de um ricaço lá, que é dono do shop centro lá, que tem piano, mas não toca, só para receber, aqui eu de padrinho, na época, olha, eu e a Valéria Gontijo, ela foi madrinha lá, no casal.

Francis. Bacana, hein, João?

João Baroli. É.

Francis. Foto bonita.

João Baroli. Aqui, nós dois, de novo, aqui, olha, a barbona preta lá, cabelo preto, aqui, ó, padrinho, eu de terno, só usei esterno, aí, agora tem uma aqui que você vai ver, acabou?

Francis. Deixa eu ficar parado aqui, então, nossa senhora.

APÊNDICE D- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DRUMMOND

Entrevistada: Eldah Regina Ramos Drummond

Data: 20/08/2023

Local: Lavras

- 1- Sobre o ensino e a performance do piano na cidade de Varginha-MG, quais os principais personagens que fizeram e ainda fazem parte desta história
- 2- Relate como foram suas experiências com a prática pianística, seja como ouvinte, pianista, aluno de piano ou professor.
- 3- Relacionados ao ensino do piano, quais tem sido, em sua opinião, os locais e instituições mais relevantes na cidade de Varginha
- 4- Quais eventos foram (ou ainda são) importantes para a performance do piano na cidade
- 5- Você gostaria de relatar mais alguma coisa que julgue importante para a preservação da memória do ensino e da performance do piano em Varginha

- 1- Acredito que a história do ensino do Piano na cidade de Varginha teve início com o maestro Cecilio Guilherme Fernández, o qual deu início a brilhantes carreiras pianísticas como a de Nelson Freire e Adrienne Diniz Vallim. Esta última, teve um protagonismo intenso na arte musical varginhense através do piano. A Prof. Adrienne Diniz foi a responsável por plantar a semente do ensino de piano em Varginha, em uma época (anos 50) que não era usual moças irem estudar em universidades nas capitais, ela foi fazer sua Graduação em Piano na Escola Nacional de Música do Rio de Janeiro. Voltou a sua terra natal onde trabalhou intensamente no ensino do Piano aos varginhenses e alunos interessados de cidades da região, tais como Três Pontas, Boa Esperança, Três Corações, Eloi Mendes e outras. Importante ressaltar que na região toda, a Adrienne era a única preparada a lecionar e formar bons professores e pianistas. Trouxe para Varginha o convênio com a Academia de Música Lorenzo Fernández do Rio de Janeiro, formando na cidade um Departamento daquela Instituição, proporcionando aos estudantes de piano a oportunidade de uma formação e titulação, oferecendo os Cursos Técnico e de Graduação em Piano. Um precioso intercâmbio, com bancas de provas vindo a Varginha com professores gabaritados, assim como os alunos frequentando aquela instituição para aulas e provas no Rio de Janeiro. Entre os alunos pianistas que fazem parte desta história por terem dado continuidade ao trabalho de Adrienne Diniz Vallim eu citaria: Dalva Resende – Elvira Gomes de Carvalho Pinto – Eldah Regina Ramos Drummond – Flavio Augusto de Oliveira – Vania Vinhas Cardoso – Maria Aparecida Valle. Tais professores citados, formaram alunos que hoje participam do desenvolvimento pianístico varginhense.
- 2 Na prática pianística enquanto aluna, quebrei as barreiras de não ter um piano para praticar, estudando então, na casa de professores, até estar cursando o Graduação, quando comprei meu primeiro instrumento. Nunca desanimei, pois, fazer música através do piano sempre foi uma

realização pessoal. Buscar sempre o aperfeiçoamento através da técnica e da audição atenta para os detalhes que as interpretações exigem, sempre foi uma constante nos meus estudos e a persistência contribuiu para alcançar um bom resultado. Esta experiência pessoal foi o que me proporcionou a escolha de professora de piano como profissão, sem nunca ter dúvidas quanto a este caminho escolhido. Conviver com alunos e contribuir no desvendar do universo musical através do instrumento sempre foi bastante gratificante. Dedicação e bom exemplo, continuando a estudar e se apresentar tocando para alunos e público em geral faz parte desta missão. Lançamos a semente com amor e consciência e ela poderá gerar excelentes frutos.

- 3 As audições de piano dos alunos da Professora Adrienne aconteciam no salão do Colégio dos Santos Anjos, onde havia um piano vertical, bonito e em bom estado de conservação. O Theatro Capitólio que a princípio, depois da reforma não possuía um piano, adquiriu o instrumento para a realização de Recitais e Concursos. O Conservatório de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha, fundado em 1985, possui um auditório com um piano de cauda para realização de Recitais, Concursos e eventos que utilizem piano. Os espaços acima citados contribuíram para a ampliação das oportunidades de apresentações pianísticas em Varginha, proporcionando incentivo aos estudantes deste instrumento e à apreciação do público em geral.
- 4 Na minha opinião, iniciamos um movimento para o aperfeiçoamento pianístico em Varginha trazendo o professor-pianista Antonio Bezzan, de São Paulo, quando deu palestra sobre a obra de J.S. Bach e um Recital de Piano no Theatro Capitólio. Anterior a este evento tivemos belíssimo Recital de Piano com o hoje conceituado pianista carioca Fernando Corvisier, detentor de vários prêmios em Concursos de Piano, em comemoração aos 10 anos da Academia de Música Lorenzo Fernández de Varginha, realizado no Clube de Varginha. Concurso “Estímulo” de Piano e Concursos Nacionais de Piano foram realizados na década de 1980 e início dos anos 90 com provas sendo realizadas no Theatro Capitólio. Na ocasião destes concursos tivemos pianistas que fizeram parte do júri, de renome nacional e internacional e que realizaram recitais de abertura dos Concursos e aulas em master classes tais como: Claudio Richerme, Fávio Augusto, Sonia Goulart, Gilberto Tinetti, Luiz Henrique Senise, entre outros. Pianistas como Arthur Moreira Lima e Nelson Freire também prestigiaram a cidade com seus concertos. Celina Szkrvinsk, Miguel Rosselini, Eudóxia de Barros, Michael Uhde, assim como conjuntos de câmara internacionais com pianistas no grupo se apresentaram no palco do Theatro Capitólio. Varginha sediou dois “Encontros de Estudantes de Piano” idealizados e coordenados por mim, realizados nos anos de 2000 e 2002. Estes eventos tiveram como objetivo o incentivo aos alunos de Piano nos quesitos: troca de experiências, vivências e repertórios, aperfeiçoamento de suas práticas no instrumento através de palestras, aulas coletivas, concertos, sempre com professores e pianistas de renome. Entre estes, Celina Szrvinsk, Flávio Augusto, Cecília Cavalieri, Miguel Rosselini, Carla Reis, Paulo Gori, Rosiane Lemos, Naila Alvarenga, João Gabriel Fonseca, Victor Mendonça, entre outros. Os participantes tiveram a oportunidade de se apresentarem em recitais e em workshops e considero que tais encontros foram de grande relevância para o desenvolvimento da arte pianística na cidade de Varginha. No palco do Conservatório Estadual de Música de Varginha tivemos a oportunidade de apreciar Jovens pianistas de talento excepcional, detentores de várias premiações, tais como Leonardo Hilsdorf, Cristian Budu, Elisa Galeano, no Projeto “AMIGOS DA MÚSICA” criado por mim, durante

os anos 2006 e 2007. Neste projeto também se apresentaram os pianistas: Flávio Augusto, Carla Reis, Duo Corvisier. O Conservatório de Varginha tem dado continuidade na divulgação da música para piano através de concursos, bem como com recitais de abertura e master classes com pianistas convidados, com a finalidade de motivar, incentivar e aperfeiçoar as práticas pianísticas dos alunos da Instituição, tendo como organizador desses concursos o autor desta tese, pianista Francis Vilela.

- 5- Minha sugestão seria a de se criar um “Memorial do Piano em Varginha”, no Museu de Varginha, fazendo parte deste, esta tese, que contem dados importantes sobre o assunto. Materiais conservados com as pessoas que fizeram parte desta história, tais como Programas de Concertos, fotos, Convites, partituras, etc. poderão ser recolhidos para tal finalidade. Gostaria de citar alguns nomes de professores que participaram do ensino de Piano no Conservatório Estadual de Música de Varginha nas últimas décadas ou que ainda participam, e que podemos considerar uma boa contribuição para o ensino desse instrumento: Livia Cristina Braga de Souza - Valéria Guimarães - Roseane Ribeiro Silva – Taciana Lourençoni – Juçara Flausino – Elda Flausino - Marco Antonio Rosestolato - Francis Vilela Rosa Maria Alves – Nara Raquel Castro - Roseane Castilho – Clayton Prósperi – Wilke Lahmann – Marcos Henrique Meimberg. Atualmente, o pianista e professor Helcio Baroni tem participação intensa na vida pianística varginhense dando sua contribuição através de aulas particulares com audições dos alunos, bem como excelentes interpretações nas mídias sociais, sendo grande incentivo para os futuros músicos pianistas.